



REVISTA
ALPL

Nº3

Londrina, Novembro de 2021

ASSOCIAÇÃO
LIVRE

FUNDADA EM LONDINA

Apresentação da Revista ALPL

A revista ALPL foi lançada em sua primeira edição em novembro de 2018. Um espaço para as letras daqueles que têm a Psicanálise freudo-lacanianiana como ética de uma estética possível para a existência. Uma publicação digital e anual, aberta à contribuição de psicanalistas e de profissionais de outras áreas que dialoguem com a Psicanálise. A revista está aberta à submissão de artigos que tenham como mote a Psicanálise em intensão e/ou em extensão, em seus mais variados recortes, além de seções para a publicação de ensaios, resenhas ou entrevistas. Este ano, além das sessões que já contemplavam nossas edições anteriores, apresentamos uma nova sessão “Um pouco de história”, inaugurada com intuito de homenagear e (re)conhecer nomes da psicanálise que fazem história e deixam sua marca.

Com a preocupação pela transmissão da psicanálise, encerramos 2021 com a publicação da terceira edição de nossa revista com o desejo de que aproveitem a leitura!

Ana Cláudia Raymundi Spigai
Coordenação Editorial.

Revista ALPL N.3
Ano 2021

Projeto Gráfico
Gabriel Xavier Felipe

Corpo Editorial
Coordenação: Ana Cláudia Raymundi
Spigai
Ana Márcia F. T. de Carvalho
Josani Campos da Silva
Mônica Maria Silva
Zeila Cristina Facci Torezan

Associação Livre - Psicanálise em Londrina
Rua João Wyclif 111, sala 302
86055-710 - Londrina Pr - Brasil
E-mail: revistaalpl@gmail.com
www.associacaolivrepicanalise.com.br

Índice

Editorial	4
Conferência	6
Artigos	16
Écorpo	18
Se não gira, range.	25
Sintoma e os tempos do tratamento	32
O sintoma na clínica psicanalítica	37
Topologia e Corpo: algumas reflexões sobre O Seminário 24	44
Dar ao Real, seu lugar	50
Tomando Corpo	55
Nossos Tempos	61
Um pouco de História	68
Normas de submissão e publicação	74

Links

[Apresentação](#)

[Corpo Editorial](#)

[Normas para Publicação](#)

[Endereço de Contato](#)

[Edição Atual](#)

[Edições Anteriores](#)

Edito rial

Nossa terceira edição da Revista ALPL foi escrita com muito carinho e empenho por membros da ALPL e por psicanalistas convidados que nos deram a honra e a alegria de enriquecerem este número com suas produções. Renovando o compromisso e o rigor com a ética da psicanálise e com as letras de Freud e Lacan, fazemos chegar ao leitor uma compilação muito interessante de textos que abordam questões fundamentais à nossa *práxis*.

Damos início com o trabalho que recebemos, com muito apreço, de **Leonardo Danziato**, psicanalista e analista-membro fundador da Instituição Psicanalítica “Invenção Freudiana - Transmissão da Psicanálise” de Fortaleza. Danziato esteve conosco, como conferencista, em 2019 e tivemos o prazer de escutá-lo no desenvolvimento das ideias que, agora, compõem esse precioso texto. Com o título “**Corpo, gozo e sintoma: ao corpse, gozo e sinthomem**”, Danziato apresenta a correlação originária no campo da psicanálise entre corpo e sintoma e a sua conseqüente função de gozo. Percorre sobre as elaborações acerca do gozo, do Outro, da estrutura de linguagem e do real que culminam no que trouxe sobre os conceitos que dão título ao seu trabalho: Corpse, gozo e Sinthomem, trazendo o real como ponto central, seu posicionamento e seus efeitos na prática clínica psicanalítica.

Em seguida, abrimos a sequência de artigos com **Zeila Torezan** em “**Écorpo**”. Ela discorre sobre a importância da pulsão invocante e do objeto voz no conceito de gozo e de corpo para a psicanálise. A partir disso, articula “alguns aspectos relativos à lógica-poética em que consiste o trabalho analítico e ao analista pensado como sinthome, como uma forma de saber-fazer com seu sintoma ou de viver a pulsão no mais além da análise”.

Na sequência, **Marina de Paula** aborda os quatro discursos expostos por Lacan no seminário XVII, O avesso da psicanálise, sob a ótica da impossibilidade como fator de estrutura e da impotência como forma de encobrir a verdade em cada discurso. Articula a rotação dos discursos ao ato do analista e à conseqüente perda de gozo suportada pelo analista enquanto semblante de a. Assim, produz seu texto “**Se não gira, range**”.

Em “**Sintoma e os tempos do tratamento**”, **Edinei Suzuki** explora dois momentos teóricos acerca

do sintoma: em um deles, Lacan indica que o sintoma é do campo do simbólico e no outro, que o sintoma é do campo do real. O trabalho busca articular essas duas possibilidades com o desdobramento teórico-clínico sobre o sintoma e com o tempo no tratamento e o direcionamento do analista.

Em meu texto **“O sintoma na clínica psicanalítica”**, discorro sobre a linguagem, articulando os conceitos de significante, significação, sentido e metáfora relacionando-os com o sintoma. A partir desta articulação, tenho o intuito de apresentar o sintoma em sua formação e em sua articulação com a prática clínica, tanto no que concerne à manifestação sintomática quanto à sua condição estrutural e com o manejo clínico. Indico que a psicanálise não visa a cura do sintoma, mas sua investigação sobre qual a implicação do sujeito no sintoma e a transformação de um gozo sintomático em um gozo produtivo.

Com a topologia, **Ana Márcia Fernandes Tucci de Carvalho** traz reflexões sobre o conceito de corpo na Psicanálise, tendo como base alguns desenvolvimentos apresentados por Lacan no seminário 24. O texto **“Topologia e Corpo: algumas reflexões sobre O Seminário 24”** se desdobra no trabalho de importantes conceitos, como a noção de buraco, a estrutura do sujeito, o conceito de inconsciente e as três dimensões do corpo: corpo imaginário, corpo simbólico e corpo real.

Carolina Moreira apresenta o resultado de um cartel sobre o seminário XXII **“Os não-tolos vagueiam”**. Em **“Dar ao real seu lugar”**, ressalta a ênfase que Lacan deu ao Real, ao inominável e ao não- todo que comporta a verdade da estrutura do sujeito. A autora preconiza que o sujeito terá que inventar saídas particulares, inventar algo a fazer com este buraco do Real, propondo também uma articulação desse ponto com a função do analista.

Encerrando os artigos, **Maria Gabriela Calegari** discorre sobre o corpo do qual a Psicanálise se ocupa. Em **“Tomando Corpo”**, a autora nos diz que Freud trabalha com o corpo pulsional e Lacan trabalha com o corpo do Falasser e trabalha sobre o sintoma e sua relação com o corpo e o com o processo e final de uma análise.

Na sequência, o leitor poderá encontrar a seção **“Nossos Tempos”**, composta por um ensaio que é fruto de um projeto de **Zeila Torezan** destinado ao diálogo com jovens analistas sobre questões contemporâneas articuladas à práxis e à ética psicanalítica. **“Futuro do presente, não sem o passado”** propõe reflexões sobre os fundamentos e da ética da psicanálise e sua sustentação na contemporaneidade.

“Um pouco de história” é um outro espaço recém-inaugurado de nossa revista. Essa seção tem o intuito de homenagear e

(re)conhecer nomes da psicanálise que fazem história e deixam sua marca. **Durval Checchinato**, nosso primeiro convidado, nos presenteou com um texto acerca do **“Objeto a”** onde articulou poeticamente Fernando Pessoa com Lacan, trazendo teoria e poesia entrelaçadas apontando para conceitos como sujeito, inconsciente e, evidentemente, objeto a. Durval foi um dos precursores da psicanálise lacaniana no Brasil. Foi membro da École Freudienne de Paris, escola criada por Jacques Lacan e 1964, e co-fundador da primeira sociedade de psicanálise lacaniana do Brasil: Centro de Estudos Freudianos (CEF).

Organizar esta edição foi um desafio, mais um que foi possível pela vivência e participação como membro da Associação Livre – Psicanálise em Londrina. Um psicanalista não se faz só. Sua formação está baseada em sua análise pessoal, supervisões e com o compromisso de estudo e transmissão compartilhados entre seus colegas.

Aqui deixo meu imenso agradecimento aos autores que colaboraram e se colocaram em trabalho para transmitir, em seus textos, suas experiências. Aos participantes da Associação Livre, por promoverem e possibilitarem este e outros espaços de trabalho que nos são tão caros e essenciais. Um agradecimento especial ao corpo editorial, sem o qual a produção desta revista seria impossível. Agradeço com carinho à Zeila Torezan pelo suporte e disposição de sempre, sendo a responsável, muitas vezes, em manter o combustível para o motor da ALPL. Gratidão também ao designer, **Gabriel Xavier**, que criou a capa e o projeto gráfico de mais uma edição!

Ana Cláudia Raymundi Spigai
Coordenação Editorial.

Confe- rên- cia

Corpo, gozo e sintoma: ao *corpse*, gozo e *sinthomem*

Body, jouissance and symptom: to the corpse, jouissance and sinthomem /
Cuerpo, goce y síntoma: al *corpse*, goce y *sinthome*.

Leonardo Danziato¹

Resumo

A partir da correlação originária no campo da psicanálise entre corpo e sintoma, percorremos os processos de deslocamento teórico na obra de Lacan, que demonstram e inoculam a função do gozo nesta correlação. Uma problematização entre corpo, gozo e sintoma, então se abre, e se desenvolve muito especialmente através das elaborações operadas acerca do campo do gozo. Essas elaborações, associadas à uma redução lógica do Outro (A), assim como às mudanças na concepção da estrutura de linguagem, ampliando-a para além da lógica da significação fálica e do Nome-do-Pai, e em direção ao real, determinam uma renovação da problemática, deslocando aqueles três conceitos para novas configurações, como *corpse*, gozo e *sinthomem*. A centralidade do real e todos os deslocamentos na elaboração do corpo e do sintoma, inevitavelmente se fundam e se modificam a partir dos movimentos da obra, no que tange a confrontação entre o campo da linguagem, suas possibilidades e impossibilidades de inscrição e grafia do real do gozo. A dimensão do real ganha aqui outro posicionamento e um radicalização de seus efeitos na prática clínica psicanalítica.

Palavras-chave: CCorpo; gozo; sintoma; corpse; *sinthomem*.

Abstract

From the original psychoanalytic correlation between body and symptom, we go through the processes of theoretical displacement in Lacan's theory, which demonstrate and inoculate the function of jouissance in this correlation. A problematization between body, enjoyment and symptom, then shows up, and develops very especially through the elaborations about the enjoyment field. These elaborations, associated with a logical reduction of the Other (A), as well as changes in the conception of the language structure, expanding it beyond the logic of phallic meaning and the Name-of-the-Father, and towards the real, determine a renewal of the problematic, shifting those three concepts to new configurations, such as *corpse*, jouissance and *sinthomem*. The centrality of the real and all the shifts in the elaboration of the body and the symptom, inevitably merge and change based on the work movements, with regard to the confrontation between the field of language, its possibilities and impossibilities of inscription and spelling of the real of enjoyment. The dimension of the real gains another position here and a radicalization of its effects in psychoanalytic clinical practice.

Key-words: Body; enjoyment; symptom; corpse; *sinthomem*

Resumen

A partir de la correlación original en el campo del psicoanálisis entre el cuerpo y los síntomas, pasamos por los procesos de desplazamiento teórico en el trabajo de Lacan, que demuestran e inoculan la función del goce en esta correlación. Una problematización entre el cuerpo, el goce y los síntomas, luego se abre y se desarrolla muy especialmente a través de las elaboraciones realizadas sobre el campo del goce. Estas elaboraciones, asociadas con una reducción lógica del Otro (A), así como cambios en la concepción de la estructura del lenguaje, expandiéndola más allá de la lógica del significado fálico y del Nombre del Padre, y hacia lo real, determinan una renovación de lo problemático, cambiando esos tres conceptos a nuevas configuraciones, como *corpse*, goce y *sinthomem*. La centralidad de lo real y todos los cambios en la elaboración del cuerpo y el síntoma, inevitablemente se fusionan y cambian en función de los movimientos del trabajo, con respecto a la confrontación entre el campo del lenguaje, sus posibilidades e imposibilidades de inscripción y ortografía de lo real del goce. La dimensión de lo real gana otra posición aquí y una radicalización de sus efectos en la práctica clínica psicoanalítica.

Palabras clave: Cuerpo; disfrute síntoma cadáver *sinthomem*



Corpo, gozo e sintoma

Para que possamos acompanhar Lacan no percurso da sua obra no que tange a articulação entre corpo e o sintoma vou propor um pequeno desvio para revermos as condições teóricas e discursivas que o fizeram avançar neste ponto e em alguns outros. Acho importante nos determos nesta trajetória para que possamos considerar as causas que o fizeram progredir com sua doutrina, e não unicamente assinalarmos os deslocamentos da obra. Esse desvio também vai fundamentar nossas futuras considerações sobre seu último ensino e a concepção do corpo como uma “substância gozante”. Para não me repetir, ou mesmo simplesmente reproduzir a cantilena de que Lacan progrediu do imaginário ao real, colocando-o no centro da estrutura, vou tentar chegar a isso, mas através da dimensão do gozo. Vamos partir da articulação entre corpo, gozo e sintoma, para alcançarmos suas “ampliações”: *corpse*, gozo e *sinthomem*.

Certamente que o principal aspecto que se desloca na obra de Lacan e nos permite constatar essas mudanças, é o campo do gozo. A centralidade do real e todos os deslocamentos na elaboração do corpo e do sintoma, inevitavelmente se fundam e se modificam a partir dos movimentos da obra, no que tange a confrontação entre o campo da linguagem, suas possibilidades e impossibilidades de inscrição e grafia do real do gozo. Não custa esclarecer que o gozo não se resume a um conceito, mas deve ser considerado como um campo, o campo do humano, como o define Lacan (1992/1969-70). Chegaremos à isso.

Podemos, então, constatar que num primeiro tempo da obra de Lacan, essa articulação entre corpo, sintoma e gozo apresentava-se a partir de uma confrontação entre os registros do simbólico e do imaginário, ficando o real numa posição de exclusão. Explico: é claro que o real sempre foi considerado desde o início das problematizações psicanalíticas, remontando mesmo à pulsão freudiana e o seu “além do princípio do prazer”. Entretanto a posição e as consequências desta dimensão foram gradativamente ganhando uma radicalidade, tanto na obra de Freud, como na obra de Lacan. Neste último o real era apresentado, na sua definição como impossível, ou na grafia de uma falta da estrutura como $S(A)$. Entretanto, Lacan ainda não retirava as consequências clínicas e teóricas dos restos da operação de significação ($S1 \rightarrow S2$), como o que se produzia desta impossibilidade. A criação do objeto pequeno a viria iniciar com essas preocupações.

Corpo, gozo e sintoma estavam submetidos a batuta da significação do falo e do Nome-do-Pai

em suas lógicas de abalçamento significante da estrutura. O que tínhamos até então, era todo um desenvolvimento teórico cuja centralidade do falo e do desejo buscavam reduzir a problemática do gozo ao imaginário, seus equívocos e desconhecimentos. Como sugere Miller (2005) esta primazia do falo intentava uma retranscrição significante da pulsão e um esforço em reduzir a pulsão ao desejo. Conseqüentemente, o gozo estaria saturado e submetido a instância fálica (p. 121), ou entendido no âmbito de uma lógica imaginária de inércia com relação a dinâmica simbólica (p.122).

No escrito “A significação do falo” Lacan (1998) o estabelece como o significante inaugural que abaliza toda significação possível da cadeia simbólica. Chega a propor uma “paixão do significante” como uma nova dimensão da condição humana (p. 695), entendida como a submissão passiva do homem à linguagem. Fundado na dialética de ser ou ter, o ser vai se apresentar como algo perdido originariamente pela *Urverdrangung* (recalque originário), cuja herança não é outra senão o falo. Perdemos o “ser” pela operação da privação originária determinada pela submissão à linguagem. Mas herdamos a possibilidade de tomar o falo como referência para alguma significação para o “ser homem” ou “ser mulher”.

Observem que o ser aqui se apresenta na sua condição de perdido eternamente, ficando de fora de toda e qualquer significação, cuja única possibilidade, a partir daí, se daria pela sua referência ao significante falo. Curiosamente Lacan preocupa-se com a lógica da significação do falo, mas não problematiza, neste momento, o ser que fica de fora desta operação. O ser perdido, não nos diria nada, só determinaria todo o trabalho e a dificuldade em estabelecer um saber inconsciente sobre o sexo, para se identificar com seu tipo-ideal de homem ou de mulher, na relação de significação com o falo.

Pois bem, este ser retornará posteriormente sustentado pelo traço unário na lógica simbólica da identificação, mas também em sua versão do real como um tipo de gozo, o “gozo do ser” que, como sabemos, se situa fora da linguagem e da significação.

Ainda um pequeno comentário sobre a estrutura: a perda da coisa operada pela privação originária determinaria uma falta primária. Esta falta, contudo, não é tratada, neste momento, como um buraco da estrutura, causador do sujeito, já que o

falo vem lhe fazer uma suplência suficiente. Certamente que o falo não vem superar a falta, mas organizá-la (Lacan, 2003). De todo modo, aqui o ponto de Arquimedes da estrutura é o falo. Já em RSI Lacan (2002/1974-75) vai afirmar que é o buraco. Uma mudança considerável.

Nessas circunstâncias onde o gozo é concebido unicamente em sua transcrição pela instância fálica, o corpo e sintoma permanecem restritos à lógica simbólica da significação. O sintoma era engendrado no âmbito do campo simbólico, como uma metáfora, uma mensagem de ordem significante, que buscava um deciframento, ou seja, como uma forma de falar o que o sujeito via-se impedido de dizer.

O corpo, por sua vez, se inicialmente estava atrelado a imagem do outro, como apresentado no “Estádio do Espelho...” (Lacan, 1998b), com sua progressão para o esquema óptico (Lacan, 1998c) encontra-se vinculado à submissão que o imaginário suporta diante do simbólico do espelho plano e dos Ideais (I) fálicos abalizadores do olhar do outro.

Um pequeno parêntese sobre o esquema óptico. Observem que no primeiro tempo deste esquema, o olhar do outro, abalizado por uma paralaxe sustentada pelo falo, olha e vê uma imagem real (i(a)) da criança, deixando o corpo real (o jarro), fora do jogo. Mais um real excluído que retornaria para Lacan na forma de um gozo do corpo.

A imponência do resíduo

A partir do seminário “A ética da psicanálise” (Lacan, 1988/1959-60), o gozo se apresenta na obra de Lacan na forma de um excesso e uma transgressão, exatamente para indicar a insuficiência do simbólico para dizer daquilo que não se deixa inscrever pela lógica significante. Por isso reputo o seminário 7 como o momento na obra de Lacan que determina um primeiro deslocamento que culminaria no seminário “Os fundamentos da psicanálise” e a criação do objeto pequeno a. Considero que ele vai situar pela primeira vez o real no centro da estrutura, quando propõe sua tese tórica, de que a moral tenta moralizar o que não pode ser moralizável. A moral se constituiria, portanto, em torno do

impossível e moralizar: o gozo.

O falo e o desejo se mostram insuficientes para dizer da pulsão e sua satisfação. Toda uma discussão sobre o supereu e os paradoxos da consciência moral, desenvolvidas neste seminário, demonstram a complexidade da trama entre a ordem simbólica e o gozo com suas inevitáveis transgressões.

Trata-se do momento no qual se inicia um confronto direto entre o simbólico o real. A partir daí Lacan vai se preocupar em dar conta dos efeitos da incidência do significante no real, muito especialmente dos resíduos que esta operação produz. O objeto pequeno a foi sua tentativa de demonstrar esse excedente irreduzível à operação significante.

Sabemos que os seminários “A Angústia” e “Os fundamentos da psicanálise” estabelecem os primeiros arremates desta nova preocupação. Pois daí em diante o gozo passa a ser teorizado a partir do objeto a. Não vou me deter na discussão destes seminários, pois mais me interessa, para o que nos concerne, um outro deslocamento que se opera a partir do seminário 14, “A lógica do fantasma” (Lacan, 2008/1966-67).

Neste seminário, Lacan apresenta pela primeira vez em sua obra uma nova problematização acerca do lugar do Outro (A), situando-o no corpo. Também vai fazê-lo posteriormente em “Radiofonia”. Chega a isso a partir da constatação de que é no corpo que se inscreve a marca do significante, as inscrições e as cicatrizes – ou, por minha conta, as escarificações, martirizações, fraturas, mutilações, etc. Consequentemente afirma que “não há gozo que não seja do corpo” (Lacan, 2008/1968-69, p. 403). Contrariamente a tese freudiana do autoerotismo, Lacan impõe a ideia que o gozo sempre provém do outro pela intervenção ou invasão de caráter sempre sadeana – Kant com Sade. O gozo do corpo, portanto, é sempre o gozo do corpo do Outro, esse inimigo íntimo, essa substância gozante, à qual estamos inevitavelmente “c-a-tivos”. Eis o “avesso do *habeas corpus*”.

Observem que temos neste período uma condensação de vários deslocamentos cruciais para o entendimento do nosso tema: primeiro, constata-se uma preocupação teórica e metodológica importantíssima para tudo o que vem em seguida, a saber, a problematização dos efeitos da incidência do significante no real, mas cuja localização é no corpo.

Vou apenas sinalizar, para em seguida retornar à eles, que os principais efeitos dessa incidência do significante no corpo são pelo menos três que, obviamente, devem ser concebidos como sincrônicos:

1. *Um primeiro e originário que diz respeito ao traumatismo, ou seja, o esburacamento traumático do corpo pela submissão a ordem significante. Em decorrência deste, temos os outros dois.*

2. *A extração do objeto a e a conseqüente evacuação do gozo do corpo (Lacan, 2008/1968-69), que Lacan denomina de “corpsificação”, ou cadaverização do corpo, fazendo referência e uma aproximação transliteral dos termos corpse (cadáver) em inglês e corps (corpo em francês). Essa anulação do gozo no corpo como efeito do significante foi a primeira preocupação de Lacan que se observa neste período que inclui os seminários 16 e 17 além do escrito “Radiofonia”.*

3. *Um terceiro efeito do significante marcaria mais um deslocamento estabelecido no seminário 20, Encore, e seus desenvolvimentos daí por diante, que implica não o esvaziamento, mas a produção e intensificação do gozo no corpo, na forma de um mais-de-gozar, operando a instauração de um corpo que goza na forma de uma substância gozante (Lacan, 2010/1972-73). A constatação desse efeito “positivado” da incidência do significante no corpo, vai dirigir seus últimos desdobramentos teóricos que o distanciam da aderência aos significantes falo e o Nome-do-Pai, constituindo o que vai denominar de sinthomem, a partir da topologia dos Nós. Retornaremos a isso.*

Esta problematização que confronta o significante e o real do corpo produz e sustenta um outro deslocamento fundamental: uma redução lógica do grande Outro ao outro, que passa a ser entendido como o corpo, e que viria a ser desenvolvida a partir do seminário “De um Outro ao outro” (Lacan, 2008/1968-69). O grande Outro (A) do simbólico, vê-se reduzido a sua condição de operar uma grafia do real. Na lógica dos discursos, inaugurada no seminário “O Averso da Psicanálise” (Lacan, 1992/1969-70), a linguagem passa a ser concebida como um aparelho de gozo, ou seja, uma estrutura discursiva sem palavras, que permite confrontar o saber e o gozo. Esse Outro (A) que desde o início se definia como um Outro da linguagem,

em sua condição simbólica, agora estabelece uma confrontação e uma outridade com a estrutura, situando-se fora-da-linguagem na dimensão real. Passa a ser um outro à linguagem.

Portanto, mais que a lógica da significação estabelecida pela máxima “um significante (S1) representa um sujeito para outro significante (S2)”, ou seja, pela cópula entre S1 e S2, Lacan vai demonstrar que a incidência de S1 no campo do Outro (A), que agora se localiza no corpo, produz um resto inassimilável como uma produção deste discurso. Por isso mesmo altera a escrita desse axioma, enunciando que “um significante representa o sujeito junto a outros significantes” (Lacan, 1992/1969-70)

No seminário “De um Outro ao outro” Lacan (2008/1968-69) demonstra, a partir do par ordenado, que a conexão $S1 \rightarrow S2$, nunca se estabelece, já que este outro já não se caracterizaria como um outro do simbólico, mas do real, ou se quiserem no corpo. De maneira que a equação se conclui e vê-se reduzida como $S \rightarrow a$. Ou seja, um significante que opera uma interveniência no real.

Esse seminário também traz uma grande novidade a de considerar este excesso como um modo de gozo, um mais-de-gozar. Não se trata mais de uma transgressão, mas de uma produção, de um resto da operação significante. Este resto, contudo, passa a ser considerado em sua “positividade”, ou seja, como um gozo que não é do campo significante, que por isso mesmo se situa na dimensão real, movimentando a estrutura discursiva e operando como causa do sujeito. Estamos diante de toda a imponência do resíduo.

Essa redução lógica do Outro implica, portanto, na determinação de outra localização e função para a estrutura de linguagem. Como a função do significante se altera, já que disposta ante o real – e não mais diante do imaginário –, a linguagem transmuta suas funções, tornando a significação um efeito de semblante, e promovendo sua função primária de recorte e escritura do real. Aqui se opera o deslocamento do significante para a letra, e da linguagem para *lalingua*.

Daqui por diante estaremos confrontados com a disjunção entre o sujeito e seu corpo. O sujeito não é seu corpo, mas o corpo é um suporte real do sujeito. O sujeito que se representa na equação simbólica $S1 \rightarrow S2$, confronta-se com o corpo cuja escritura – o objeto *a* – vai funcionar como seu suporte real. De maneira que a inclusão do corpo em sua dimensão real, vai demonstrar

a insuficiência do sujeito, enquanto uma categoria clínica. Daqui por diante, Lacan utiliza-se de outro nome para designar esse conjunto que seria o sujeito adicionado do seu corpo falante: o *Parletre*, ou Falasser. O corpo do Falasser não é redutível ao significante. Por isso mesmo, entre os dois podemos situar o sintoma.

Corpse, gozo e sinthomem

Retornemos, então, àquele primeiro efeito da incidência do significante sobre o corpo que opera um esvaziamento do gozo do Outro. Vou me deter em dois textos referenciais desta operação, o seminário “De um Outro ao outro” (Lacan, 2008/1968-69) e o escrito Radiofonia (Lacan, 2003), que demonstram toda a preocupação de Lacan com este enodamento entre o simbólico e o corpo, ou como ele mesmo diz, com o ponto onde o simbólico toma corpo (p. 405).

Tendo estabelecido o corpo como a superfície que porta a marca significante e, portanto, como o que se situa como um Outro do real, Lacan vai neste segundo tempo da sua obra, concebê-lo como um conjunto vazio. Se em seu primeiro ensino o corpo era abordado pela identificação e pela adoração narcísica da sua imagem, agora ele será entendido em sua relação com o gozo anterior à imagem, como uma superfície de inscrição e grafia de gozo. Trata-se do momento no qual o corpo deixa de ser concebido como imagem, ou melhor, como efeito da identificação com a imagem do outro (*i(a)*), e passa a se inscrever como um conjunto vazio. Como esclarece Laurent (2016), o corpo deixa de ser um simples efeito de superfície e torna-se a superfície de inscrição que suporta o objeto *a* (p. 40).

Partamos da constatação de que na conjunção entre a linguagem e o corpo, um *troumatisme* se estabelece, determinando que “não há relação sexual” (Lacan, 2003). Considerando que o gozo se inscreve por uma invasão do Outro, numa lógica sadéana, a condição inicial do sujeito sempre é a de um objeto disposto diante do gozo do Outro. Esse ataque proveniente do *troumatisme* precisa ser tratado pelo simbólico, transmutando e evacuando o gozo do corpo. Neste ponto situamos o sintoma aqui definido por Lacan

(2003/1975), como um “acontecimento do corpo”, ou seja, como uma tentativa de cifrar esse gozo do corpo, encaminhando uma solução como um sentido para o real. Por outro lado, estamos diante de todo o processo identificatório primário de constituição do corpo através da incorporação do vazio do Outro real e de bordamento deste mesmo vazio pelo traço unário, sobre o qual Lacan retornará no seminário 24, “L’Insu...” (Lacan, 1976-77).

No seminário “De um Outro ao outro”, especialmente em duas lições preciosas – as lições de 12 de março e de 26 e março de 1969 – Lacan, partindo da dependência do sujeito diante da demanda do Outro ($\$ \leftrightarrow D$), esclarece que algo precisa ser feito para que haja um esvaziamento do gozo do Outro. Se esta operação não se fizer o Outro se apresentará como um bloco de gozo, intrusivo e devastador para o sujeito. O campo da linguagem, só se constitui assim se tiver sido terraplanado e evacuado deste “intolerável de gozo”. O que nos indica, obviamente, que é possível um gozo tolerável, contanto que nele se faça uma evacuação e uma borda.

Em Radiofonia, Lacan (2003) vai descrever uma operação primária de incorporação da linguagem na constituição do corpo, e a define afirmando que “o primeiro corpo faz o segundo, por se incorporar nele” (p.406). O primeiro corpo, o verdadeiro que é a linguagem, faz com que o segundo aí se incorpore. Essa incorporação é a operação por onde se constitui o corpo do Falasser, transmutando o soma (organismo) em corpo simbólico. Com isso a linguagem *corpsifica* o corpo (p. 407). Pelo esvaziamento do gozo operado pela incidência do significante, a carne se negativiza, na condição de -1, operando uma disjunção entre corpo e carne.

Esse esvaziamento da carne em sua dimensão real, demonstra a condição simbólica do “incorporal”. Aqui Lacan lança mão das categorias dos estóicos, especialmente o *Lekton*, para fazer referência a esse elemento imaterial que se apresenta na palavra ou na frase. A incorporação da linguagem, esvazia o corpo do gozo do Outro, tornando-o um incorporal. Essa é uma operação absolutamente necessária para o que o *Parletre* suporte “ter um corpo” com seus efeitos de real.

Lacan (2003, p. 407) utiliza-se da sepultura para ilustrar o processo de cadaverização do corpo. Ele lembra como essa descoberta pelos antropólogos indicava a condição simbólica da espécie humana porque comportava os objetos de gozo do corpo em torno do vazio das ossadas. Os subelementos do conjunto, indicavam o excesso dos instrumentos/ objetos de gozo do corpo. Este corpo corpsificado,

cadaverizado pela linguagem, nunca se tornará carniça. A sepultura demonstra como ele porta a marca significante e se constitui como um conjunto vazio. Ela mesmo é um conjunto lógico, ao estilo de Cantor – o matemático – já que articula o corpo vazio com os objetos do seu gozo (Laurent, 2016). Como um conjunto congrega ao mesmo tempo o corpo/*corpse*, o vazio/ incorporal e os objetos de gozo.

Alguns comentários clínicos que considero importantes sobre esse processo de corpsificação do corpo.

Primeiro: nessa condição lógica de conjunto, o corpo consegue se contar como Um. Ao contrário da unidade imaginária do espelho, o Um plotiniano do imaginário, estamos aqui diante de outro Um, o do simbólico, que permite a notação do conjunto vazio como primeiro conjunto, portanto, como Um ($\{\emptyset\} = 1$), tal como demonstrou Frege, muito utilizado por Lacan. Portanto, toda a importância da identificação primária a partir da incorporação do vazio do Outro Real, como Lacan apresentou nos seminários RSI e no “L’Insu...”, já se anuncia aqui.

Por outro lado, devemos considerar clinicamente que essa operação de corpsificação, de evacuação do gozo do Outro e de extração do objeto pequeno *a*, não se realiza completamente. O corpo não logra inscrever todo o gozo, assim como não consegue negatar completamente o objeto *a*, de maneira que um excesso disfuncional, assim como “presenças de a positivado” (Amigo, 2013), sempre são possíveis na clínica.

Por esta via poderemos esclarecer situações clínicas como os “fenômenos psicossomáticos”, assim como o que denominei de “práticas do ato”, tais como as bizarrices do eu, a violência autoinfligida, as escarificações na forma de cortes, queimaduras, mutilações ou fraturas de partes do corpo, o auto espancamento, a exposição voluntária às situações de violência, pseudoacidentes, entre outros, dentro de uma vasta fenomenologia possível. Como diz Lacan (2002/1974) em “A Terceira”, o objeto *a* não é identificável, mas apenas seus pedaços como “estilhaços no corpo” (p. 53).

Nesses casos, a função significante de corporificação que deveria silenciar o real do corpo e dos órgãos, assim como o sintoma como uma grafia da letra que produz uma fixação de gozo no corpo, fracassam, deixando ao *Parletre* a única possibilidade de tentar cifrar o gozo através do ato como um corte direto na imagem real do corpo.

Substância gozante e Sinthome

A partir do seminário 20 mais do que a mortificação do gozo Lacan (2010/1972-73) vai privilegiar o efeito de gozo do significante em sua incidência sobre o corpo, ou seja, uma vivificação do corpo. Entretanto, já não se trata unicamente de conceber o corpo como um conjunto vazio, ou uma superfície de inscrição, mas como lugar do gozo, um gozo do corpo que não se articula com o falo, mas com o “Isso” freudiano. A partir daqui o *Parletre* deve tentar dar conta do fato de “ter um corpo”. Definir o corpo como uma “substância gozante” implica primeiramente que o corpo não encarna um ser. Obviamente que Lacan mantém aqui sua interlocução com Descartes, que propôs uma redução do corpo à substância extensa. Contra essa ideia, ele propõe um corpo que goza, e como uma substância, ele “se goza” (Miller, 2005 p. 151). Como disse acima, esse se gozar não implica um valor auto erótico, já que o corpo é Outro.

Tanto no seminário *Encore*, como em “A terceira” Lacan (2002/1974) joga foneticamente com o cogito, inoculando no pensamento o gozo, deduzindo que “penso, logosou” – que podemos traduzir como “logozou”. Com isso recusa a tradição cartesiana, afirmando que não se pensa sem corpo, nem tampouco sem gozo. Na “Conferência em Genebra sobre o sintoma” afirma que o homem pensa no encontro entre as palavras e seu corpo. Lembro que neste encontro se estabelece um buraco e um vazio, confirmando a tese freudiana em “A negativa”, que só se pensa a partir de uma falta no universo da linguagem.

Por outro lado, como uma substância – seguindo Descartes – ela não pode ser atribuída ao sujeito, pois se trata de um gozo fora-da-linguagem como um gozo do

Outro. Isso me permite esclarecer a diferença entre o sujeito e o *Parletre*. Enquanto o sujeito permanece numa condição intervalar entre dois significantes, restrito, portanto, a sua condição significante, o *Parletre* implica o sujeito adicionado da substância gozante. *Parletre*, portanto, é o nome apropriado para este sujeito, não unicamente entre dois significantes, mas entre dois modos de gozo, o fático e o Outro, na lógica da sexuação.

O gozo ganha neste momento seu caráter primário, uma dimensão de campo onde o drama estrutural se encena. Primeiro é “ter um corpo” e não ter uma imagem. Se no espelho o corpo era suportado por um pai, pelo falo e pela identificação imaginária, agora estamos situados num tempo anterior, quando o corpo é outorgado pelo dizer, como um eco da pulsão. Neste tempo anterior a unificação do espelho e da imagem, “L’homme” – “LOM” – tem um corpo. Ter um corpo, contudo, não engendra nenhuma posse, nem nenhum ser. Não se é o corpo, tem-se o corpo. Lacan (2003/1975) vai esclarecer em “Joyce o sintoma” que LOM tem um corpo, cujo gozo não é significante, por pertencer ao mesmo tempo a três ordens: RSI.

Para concluir: observem que nessa condição de “ter um corpo”, nesse tempo originário anterior à imagem, o *Parletre* fica disposto diretamente diante do real, sem a interpolação do significante, mas diante da pulsão como um eco do dizer, que se manifesta via *lalingua*, esse “idiomaterno” com o qual vai “fixar” e cantar, buscando cifrar com a letra o gozo do corpo. Diante do buraco do corpo próprio do traumatismo, o *Parletre* é convocado a “fazer com”, produzindo um saber inconsciente e um sinthomem, que lhe permita “saber-aí-fazer” (Harari, 2002). O sintoma, portanto, é uma resposta, uma solução encontrada pelo *Parletre* para dar sentido ao real da “não relação sexual”. Por isso mesmo que Lacan (2003) o define como um “acontecimento do corpo” e sugere ser a mulher um sintoma para o homem.

O sintoma passa a ser uma tentativa de fazer uma “cifra de gozo”, não cessando de se escrever no real, tal como o define Lacan em “A terceira” (Lacan, 2002/1974, p. 59). Ele tenta incessantemente dar um sentido ao real da “não relação sexual”, “ficcionalando” e “fixando” o gozo através da letra. Por isso mesmo que a interpretação deve visar o real e não alimentar o sintoma de sentido (p.59). Se observarem o Nó Borromeano tal como exposto em RSI (Lacan, 2002/1974-75) constatarão que o sintoma como uma nomenclatura do simbólico, invade o real, buscando uma suplência à falta de sentido.

Na Conferência em Genebra...”, Lacan (1985/1975) vai propor uma nova articulação entre o inconsciente

e o sintoma. Partindo da definição de *lalíngua* e seu *motérialisme*, como a primeira marca da letra no corpo, que se apresenta na forma de uma equivocação e um gozo com a lalação (p. 11), esclarece que o inconsciente e o sintoma se produzem e se estabelecem a partir de uma transcrição dessa originária equivocação de *lalíngua*, numa impregnação da linguagem. Ou seja, os sentidos sintomáticos vão se cristalizando na infância na forma de um saber inconsciente.

Retornando à Hans, define o sintoma como o efeito de sentido produzido pelo encontro do sujeito com sua realidade sexual, essa mesma da “não relação sexual”. E afirma: “...o inconsciente é uma invenção no sentido em que é uma descoberta que está ligada ao encontro que certos seres têm com a própria ereção” (p. 12). A linguagem e o significante introduzem, portanto, um aparelho de gozo e de sentido, que busca traduzir a equivocação de *lalíngua*: *jouis-sens*.

Entretanto, essa amarração de sentido não consegue transcrever todo o gozo do corpo, o que demonstra a insuficiência da linguagem e dos significantes falo e o Nome-do-Pai, e do próprio saber inconsciente, na sua função de grafia do gozo. Uma cota de gozo fica de fora do trabalho linguageiro do sintoma, exigindo uma operação de outra ordem. Essa “lamela” que situa a libido como um órgão não homogêneo ao gozo fálico, exige um tratamento de uma outra ordem que não a transcrição significante.

Essa exigência clínica faz com que Lacan se desloque do sintoma para o *sinthomem*. A partir da constatação do sintoma de Joyce, Lacan vai propor um outro trabalho possível com o gozo do corpo, que não se submeta, nem se referencie à instância fálica, ou à castração, ou mesmo ao Nome-do-Pai. Porque na verdade essa operação vem lhes fazer uma suplência. Lacan vai definir a “nominação” como esta operação possibilitada pelo *sinthomem*.

Como a estrutura de linguagem se demonstrou insuficiente na transcrição do gozo do corpo e para nomear o real – já que Deus não nomeou a bactéria (Lacan, 2007/1975-76) – o *sinthomem* vem lhes fazer uma suplência possibilitando um “dar um nome” ao real. Para dizer desta função de nominação, Lacan inverte o Nome-do-Pai, e passa a considera-lo como Pai-do-Nome. Uma invenção aqui é necessária, produzindo um *savoir-y-faire*, ou como traduz literalmente Harari (2002), um saber-aí-fazer. Como diz Aurélio Souza, “...o *sinthome* ganha o estatuto de um significante novo que não

está ligado à história do sujeito, à repetição e nem mesmo ao retorno do recalado, mas a algo que LOM produz com sua arte como uma invenção” (Souza, p. 20).

Essa nominação vai articular a palavra e o gozo não pelo sentido comum, para pela grafia de gozo de *lalíngua*, criando nominações. Por isso mesmo possibilita ao *Parletre* a fundação do seu nome próprio, elevando-o a uma condição do “belo” na forma de um *escabeau* (escabelo). Em “Joyce, o sintoma”, Lacan (2003/1975) demonstra como ele pode prescindir do Nome-do-Pai, utilizando-se do escabelo para elevar seu nome próprio, que queria que sobrevivesse como nunca.

Com essa noção de escabelo, não se trata de encaminhar uma estética imaginária e narcísica como na lógica do espelho. Mas uma forma do *Parletre* embelezar esse buraco que o corpo do LOM tem. Proponho, para que fique como uma questão em aberto, que se trata, como uma operação de análise, de feminilizar o buraco, propiciando uma variedade de nominações e matizes muito próprios do feminino. Talvez esta seja a melhor forma de amar a falta, bem dizendo este feminino que se pode encontrar na condição de objeto que o corpo nos impõe: “santo-matizar” o buraco.

Referências

1. Amigo, S. (2013). *Clínicas del cuerpo: lo incorporal, el cuerpo, el objeto a*. Buenos Aires, Letra Viva, 252 pp.
2. Lacan, J. (1975/1976). *Le Sinthome*. Paris, Éditions du Seuil, 128 pp.
3. Harari, R. (2002). Como se chama James Joyce? A partir do seminário *Le Sinthome* de J. Lacan. Salvador, Ágalma.
4. Lacan, J. (1985/1875). Conferência em Genebra sobre o sintoma. In. *Campo Psicanalítico*, n. 5, pp. 5-23, Disponível em: <http://www.campopsicanalitico.com.br/media/1065/conferencia-em-genebra-sobre-o-sintoma.pdf>
5. Lacan, J. (1988/1959-60). *O Seminário, livro 7: a ética da Psicanálise. Seminários dos anos de 1959-60* Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
6. Lacan, J. (1992/1969-70). *O Seminário, livro 17: O Averso da Psicanálise. Seminário dos anos de 1969-70*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
7. Lacan, J. (1998). *A significação do falo*. In. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
8. Lacan, J. (1998b). *O estádio do espelho como formador da função do Eu*. In. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp. 96-103.
9. Lacan, J. (1998c). *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade"*. In. *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, pp. 96-103.
10. Lacan, J. (2002/1974-75). *RSI (Versión Crítica) Publicación para Circulación interna de la Escuela Freudiana de Buenos Aires*. Mimeografada, (Seminário, 22 [1974/75]).
11. Lacan, J. (2002/1974). *A terceira*. In. Ferreto, A. et al. (2002). *Caderno Lacan. Volume 2*. Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
12. Lacan, J. (2003). *Radiofonia*. in. *Outro Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
13. Lacan, J. (2003/1975). *Joyce, o sintoma*. in. *Outro Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
14. Lacan, J. (2007/1975-76). *O Seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-76*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
15. Lacan, J. (2008/1966-67). *A lógica do fantasma – Seminário de 1966-67*. Recife, Centro de Estudos Freudianos do Recife. Publicação não comercial exclusiva para os membros do CEF do Recife.

16. Lacan, J. (2008/1968-69). O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

17. Lacan, J. (2010/ 1972-73). Encore. Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, Edição não comercial. Tradução Analúcia Teixeira Ribeiro, 277p.

18. Lacan, J. (1976-77). L'insu que sait de l'une-
-bêvue s'aîle à mourre. Seminário dos anos de 1976-77. Inédito. Disponível em:

19. Laurent, E. (2016). El reverso de la biopolítica. Olivos, Grama Ediciones.

20. Miller, J-A. (2005). Silet. Os paradoxos da pulsão de Freud à Lacan. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

21. Souza, A. (2002). Prefácio à edição brasileira. In Harari, R.(2002). Como se chama James Joyce? A partir do seminário Le Sinthome de J. Lacan. Salvador, Ágalma.

**Arti
gos**

Écorpo

Se não gira, range.

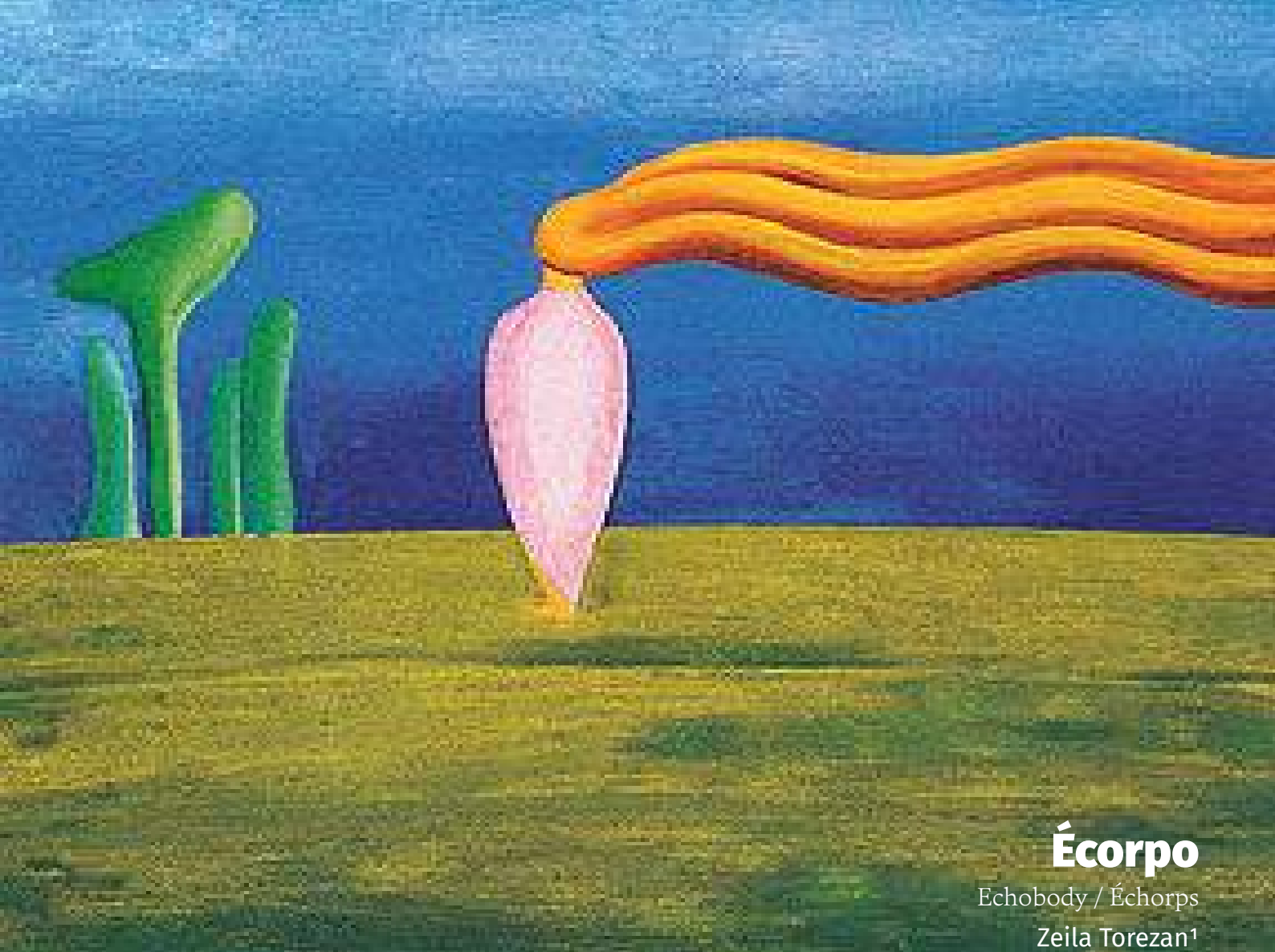
Sintoma e os tempos do tratamento

O sintoma na clínica psicanalítica

Topologia e Corpo: algumas reflexões sobre O Seminário 24

Dar ao Real seu lugar

Tomando corpo



Écorpo

Echobody / Échorps

Zeila Torezan¹

Resumo

O presente trabalho parte da definição lacaniana da pulsão, objetivando destacar a importância da pulsão invocante e do objeto voz no conceito de corpo para a psicanálise e articular alguns aspectos relativos à lógica-poética em que consiste o trabalho analítico e ao analista pensado como sinthome, como uma forma de saber-fazer com seu sintoma ou de viver a pulsão no mais além da análise. Contextualizando e historicizando o conceito de pulsão, é possível considerar que a pulsão invocante seja alçada ao estatuto de paradigma pulsional e em conjunto com seu objeto, a voz, ganhe destaque para o conceito de corpo na psicanálise e para o trabalho analítico feito de ressonâncias a partir do silêncio do analista que invoca. A voz, como objeto a, se faz na passagem de um significante a outro. Na passagem entre um significante e outro há escansão, intervalo de tempo onde o silêncio se faz voz. No peculiar trajeto da pulsão invocante fica claro como a voz se faz na passagem, no intervalo: a voz se situa no entre dois, entre boca e orelha, entre dentro e fora e o emitido nunca é igual ao escutado. Então, é do eco que se trata nisso que se apreende como voz. Eco do dizer, possível pelo particular espaço de gozo, em suas três dimensões, que é o corpo para a psicanálise.

Palavras-chave: Corpo na psicanálise. Pulsão. Gozo.

Abstract

This paper starts with the Lacanian definition of the drive, aiming to highlight the importance of the invoking drive and the voice object in the concept of body for psychoanalysis and to articulate some aspects related to the poetic-logic in analytical work and to the analyst as a sinthome, as a way of savoir-faire with their symptom or of living the drive beyond analysis. Contextualizing and historicizing the concept of drive, it is possible to consider that the invoking drive is raised to the status of drive paradigm and, with its object, the voice, gains prominence for the concept of body in psychoanalysis and for the analytical work made of resonances from the silence which the analyst invokes. The voice, as object a, is made in the passage from one significant to another. In the passage between one significant and another, there is scansion, a time interval where silence becomes a voice. In the peculiar path of the invoking drive, it is clear how the voice is played in the passage, in the interval: the voice is located between two, between mouth and ear, between inside and outside and the emitted is never the same as the heard. So, it is the echo that is what is apprehended as a voice. Echo of saying, made possible by the particular space of jouissance in its three dimensions, which is the body for psychoanalysis.

Key-words: Body in psychoanalysis. Drive. Jouissance.

Résumé

Ce présent travail part de la définition lacanienne de la pulsion, visant à mettre en évidence l'importance de la pulsion invocante et de l'objet voix dans le concept de corps pour la psychanalyse et à articuler certains aspects liés à la logique poétique dans laquelle le travail analytique et l'analyste comme sinthome, comme un moyen de savoir-faire avec son symptôme ou d'expérimenter la pulsion au-delà de l'analyse. En contextualisant et en historisant le concept de la pulsion, il est possible de considérer que la pulsion invocante est élevé au statut de paradigme pulsionnel et, avec son objet, la voix, gagne en importance pour le concept de corps en psychanalyse et pour le travail analytique fait des résonances à partir du silence de l'analyste qu'il invoque. La voix, en tant qu'objet a, se fait dans le passage d'un signifiant à un autre. Dans le passage d'un signifiant à un autre, il y a scansion, un intervalle de temps où le silence devient voix. Dans le chemin singulier de la pulsion invocante, on voit clairement comment la voix est jouée dans le passage, dans l'intervalle: la voix se situe entre deux, entre la bouche et l'oreille, entre l'intérieur et l'extérieur et l'émission n'est jamais la même qu'entendue. Donc, c'est l'écho qui est ce qui est appréhendé comme une voix. Écho du dire, rendu possible par l'espace particulier de la jouissance, dans ses trois dimensions, qui est le corps de la psychanalyse.

Mot-clés: Corps en la psychanalyse. Pulsion. Jouissance.



Este artigo foi escrito a partir do texto apresentado na VII Jornada da ALPL², cujo tema foi Corpo e Sintoma. Na ocasião, percebi que a temática já me acompanhava, com algumas variações e desdobramentos, há alguns anos. Os paradoxos e a dimensão real do sintoma e seu valor de gozo na estrutura (Torezan, 2017), bem como a articulação entre lógica e poética (Torezan, 2019) no conceito de ato analítico presente no seminário XV (Lacan, 2001) indicavam a necessidade de contemplar as ressonâncias na escuta e os efeitos de sentido na ausência de sentido, no não-sentido (*pas de sens*). Chegar à letra, litoral entre saber e gozo, produz efeitos de sentido naquilo que é ausência de sentido e um afastamento ou descolagem do significante do gozo sintomático, a fim de que o sujeito possa se representar e gozar também de outras maneiras. Tais elementos apontam na direção do conceito de corpo que, acredito, podemos ler no *Seminário 24* (Lacan, sd): substância de gozo (em suas três dimensões) que ganha o estatuto de um além do conceito de inconsciente.

Então, corpo e sintoma já se faziam presentes e as letras anteriores ecoaram no texto que originou esse artigo em conjunto com a proposta de equivocidade ressonante do *Seminário 24* (Lacan, sd) (*L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*)³. O resultado foi partir da definição lacaniana da pulsão, destacando a importância da pulsão invocante e do objeto voz no conceito de corpo para a psicanálise e articulando alguns aspectos relativos à lógica-poética em que consiste o trabalho analítico e ao analista pensado como *sinthome*, como uma forma de *saber-fazer* com seu sintoma ou de viver a pulsão no mais além da análise.

Nesse contexto, reproduzo o trecho do *Seminário 23* (Lacan, 2007) onde se encontra a referida definição da pulsão, numa reformulação da proposição freudiana de fronteira entre o psíquico e o somático, bem como a indicação da importância da pulsão invocante e do objeto voz no que concerne ao corpo, sem deixar de observar o sempre necessário intrincamento pulsional:

“A pulsão invocante pode ser alçada ao estatuto de paradigma pulsional e, em conjunto com seu objeto, a voz, ganha destaque para o conceito de corpo na psicanálise e para o trabalho analítico.”

Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe. É surpreendente que isso não tenha ocorrido aos filósofos ingleses. Eu os chamo assim porque não são psicanalistas. Acreditam ferreamente que a fala não tem efeito. Estão errados. Imaginam que há pulsões, e isso quando se dispõem a não traduzir Trieb por instinct. Não imaginam que as pulsões são, no corpo, o eco do fato de que há um dizer. Esse dizer, para que ressoe, para que consoe, outra palavra do *sinthoma masdaquino*, é preciso que o corpo lhe seja sensível. É um fato que ele o é. Porque o corpo tem alguns orifícios, dos quais o mais importante é o ouvido, porque ele não pode se tapar, se cerrar, se fechar. É por esse viés que, no corpo, responde o que chamei voz. O embaraçoso é que, certamente, não há apenas o ouvido, e que o olhar lhe faz uma eminente concorrência. (Lacan, 2007, p.18-19)

O eco no corpo do fato de que há um dizer. Certamente, o leitor já experienciou o fenômeno do eco. O eco se dá quando a reflexão do som em algum obstáculo chega aos ouvidos num tempo maior que 0,1s, possibilitando distinguir claramente o som falado do refletido. Se o tempo de retorno das ondas sonoras for inferior a 0,1s teremos outro fenômeno, a reverberação, onde o som falado e o refletido não se distinguem com clareza. Logo, é necessária uma distância mínima do obstáculo para que a onda sonora leve ao menos esse tempo de 0,1s para retornar e produzir o eco. Chamo a atenção para essa relação entre espaço (tanto no sentido métrico, de distância, quanto da configuração do espaço, pois o eco não se dá em qualquer ambiente) e tempo no fenômeno do eco, pois ela está implícita na definição lacaniana da pulsão. Definição que envolve e considera diretamente o corpo como um particular espaço de gozo onde o dizer ecoa. Espaço e tempo são variáveis fundamentais e que ganham um tratamento específico no trabalho analítico, estão presentes nos conceitos com os quais operamos (sujeito, identificação, pulsão, demanda, desejo, repetição, transferência, corpo) e, portanto, na prática clínica. Na aula de 21/12/77 do *Seminário 24* (Lacan, sd), espaço e corpo são relacionados diretamente numa das tantas formulações enigmáticas de Lacan:

O interior e o exterior, neste caso, a saber, no que concerne ao toro são noção de estrutura ou de forma? Tudo depende da concepção que se tem do espaço, e eu diria, até um certo ponto, daquilo que nós apontaremos como verdade do espaço. Há certamente uma verdade do espaço que é aquela do corpo. O corpo, neste caso, é alguma coisa que não se funda senão sobre a verdade do espaço (p.38).

“Observem como a fronteira entre normal e patológico se dilui e se transforma em litoral”

Como podemos entender tal afirmativa? O que é essa verdade do espaço sobre a qual o corpo se funda? Penso ser necessário observar os desdobramentos seguintes, pois enunciam a questão central do *Seminário 24* (Lacan, sd), que é a distinção entre forma e estrutura, com a primazia da estrutura para o corpo:

A questão que eu queria avançar este ano é exatamente esta: seria a dissimetria do significante e do significado da mesma natureza que aquela do continente e do conteúdo que é, aliás, alguma coisa que tem sua função para o corpo? Aqui importa a distinção da forma e da estrutura. (p.38)

Destaco o encadeamento: a concepção que se tem do espaço, a verdade do espaço sobre a qual o corpo se funda está relacionada com a distinção entre forma e estrutura, onde a forma é sugerida pela estrutura e o corpo é considerado como estrutura. Uma primeira articulação a respeito da formulação “a concepção que se tem do espaço” se refere ao gozo como essa outra espécie de espaço, para além da extensão, que funda o corpo. Essa estrutura de gozo que funda o corpo remete às dimensões RSI, ao seu enodamento e às construções no mesmo *Seminário 24* (Lacan, sd), que culminam numa concepção de um corpo que é feito de três: um corpo do simbólico (gozo fálico), um corpo do imaginário (gozo do sentido) e um corpo do real (gozo do Outro).

Concepção do espaço, forma, estrutura, continente e conteúdo remetem não apenas à topologia da cadeia borromeana, mas também à topologia de superfície ao modo que Lacan vem trabalhando nesse *Seminário 24* (Lacan, sd) - em especial, com a faixa moebius, toro e garrafa de Klein - bem como ao esquema óptico, ao jogo de espelhos, às flores como campo pulsional (conteúdo) ao vaso (imagem do vaso) como continente. E, ainda, a referência direta ao olhar como eminente concorrente ao

ouvido, indicando a importância da pulsão escópica e do intrincamento pulsional. São associações que procedem e possuem desdobramentos importantes e mesmo necessários, mas para os objetivos propostos no recorte do presente artigo, destaco que as construções do *Seminário 24* (Lacan, sd) reproduzidas acima são feitas como introdução à intervenção solicitada por Lacan à Alain Didier-Weill a respeito dos encaminhamentos topológicos que estão sendo desenvolvidos no seminário. Bem, a intervenção de Alain Didier parte da retomada da montagem pulsional (a topologia da pulsão) proposta no *Seminário 11* (Lacan, 1988) e foca na pulsão invocante. Todo esse encadeamento não deve ser ao acaso.

Volto não apenas à definição da pulsão, mas ao parágrafo em que ela está circunscrita e observo ali a indicação de que a definição de pulsão articula corpo, linguagem e *lalangue*. Com tais elementos, Porge (2014) considera possível “conjecturar que uma pulsão que tem por objeto a voz será a mais próxima do funcionamento do conjunto das pulsões sexuais (Lacan não emprega o termo “eco”?)” (p.79). Além do mais, Lacan (1988) afirmou ser a pulsão invocante aquela que mais se aproxima da experiência do inconsciente. Assim, a pulsão invocante pode ser alçada ao estatuto de paradigma pulsional e, em conjunto com seu objeto, a voz, ganha destaque para o conceito de corpo na psicanálise e para o trabalho analítico feito de sonoridades e de suas ressonâncias a partir do silêncio do analista que invoca.

Porge (2014) assinala que a pulsão invocante foi a única estabelecida originariamente por Lacan e historiciza que a voz ganhou estatuto de objeto a em 1959 (Lacan, 2016) antes do olhar em 1964 (Lacan, 1988). Não necessariamente a anterioridade lhe daria alguma prioridade ou privilégio, mas se somarmos esse fato com a sua singular condição de envolver duas fontes pulsionais (a boca e a orelha), com a observação de Lacan (1988) de que ela é a que mais se aproxima da experiência do inconsciente (*l'une bévue*), com o lugar de paradigma pulsional acima aventado e com seu papel no trabalho analítico, fica difícil elidirmos sua importância e destaque. Longe de qualquer pretensão de hierarquização ou de cronologia para não voltarmos ao reducionismo das teorias de desenvolvimento e porque é sabida a importância do intrincamento pulsional para

o nosso sujeito, as ressalvas têm o objetivo de indicar a relevância da pulsão invocante e do objeto voz para o tema aqui concernente e para o fazer clínico.

O autor (Porge, 2014) segue no trabalho de historicização e indica que é na aula de 20/5/59 (Lacan, 2016) que a voz é formalizada como objeto a e, para tanto, Lacan (2016) partiu das concepções sobre as alucinações verbais e o supereu, para as quais foram fundamentais as pesquisas de Daniel Lagache, Henri Ey e Clérambault. Os dois primeiros colocaram e avançaram a problemática da própria fala percebida como exterior ao autor e a noção da intrusão do Outro em mim. Esse Outro que invade e se torna eu está presente em todos os tipos de alucinações, concedendo à alucinação verbal também um lugar de paradigma, tal qual a pulsão invocante pode ser pensada como paradigma pulsional. Por sua vez, o retorno à concepção de automatismo mental de Clérambault (cujo fundamento são os pensamentos impostos batizados por Clérambault de *ecos do pensamento*), como o núcleo comum de todos os tipos de delírios, propiciou à Lacan a conclusão do processo de construção da pulsão invocante e do objeto voz.

Destaco a articulação entre exterior e interior, os pensamentos são sabidos como próprios, mas percebidos como exteriores, impostos. Um exterior que habita o sujeito em seu mais íntimo. O interessante desse fenômeno na psicose, nos diz Lacan (1985) é o quanto é ampliada a relação do sujeito com seu próprio discurso, situação que na neurose é relegada a segundo plano: “Não sabemos nós, psicanalistas, que o sujeito normal é essencialmente alguém que se coloca na posição de não levar a sério a maior parte de seu discurso interior”? (p.144). Observem como a fronteira entre normal e patológico se dilui e se transforma em *litoral* (mais uma vez, o espaço em questão) e, mais, invertem-se os paradigmas, o patológico não é um desvio do normal: as vozes alucinatórias (o “patológico”) são suporte para o estabelecimento da voz como objeto a e da pulsão invocante como cruciais na subjetivação (digamos, “normal”) e como cerne do trabalho analítico.

Mais uma vez, também não por acaso, Lacan retorna a Clérambault e seu automatismo mental, ao eco do pensamento e, portanto, à pulsão invocante na última aula do *Seminário*

24 (Lacan, sd) numa articulação direta à prática analítica e ao trabalho de interpretação como próximos à poesia naquilo que ela comporta de efeito não apenas de sentido, mas de buraco (pas de sens). E para falar disso, nada melhor do que fazê-lo partindo da poesia, com neologismos, jogos de sons e escrita: *pouâte* (poète/pot), *pouâte-assez* (poète-assez/pot-assez), *sens blanc* (*semblant*). Uma pequena poesia de Léon-Paul Fargue - (1876-1947)⁴ foi referência para Lacan (sd) na criação desse neologismo aludindo ao analista poeta ou pote⁵, no qual, arrisco dizer, a assimetria (entre significante e significado e entre continente e conteúdo) antes aludida pode ser reencontrada na sonoridade e equívocos possíveis através da criação de um significante novo:

Air du poète
Au pays de Papouasie
J'ai caressé la Pouasie...
La grâce que je vous souhaite
C'est de n'être pas Papouète.

Voltando às vozes alucinatórias, elas nos habitam, a diferença é o quanto as levamos a sério. O patológico nos habita. Outro aspecto interessante a partir dessa observação é que as vozes alucinatórias não precisam ser sonorizadas para serem percebidas, são vozes interiores. Neste ponto, não é difícil fazermos a associação com o supereu, voz interior feroz que todos conhecemos. Segundo Porge (2014), esse foi o passo dado em *As formações do inconsciente*, onde Lacan (1999) inicia o isolamento da voz como objeto a através da inscrição da voz no grafo onde inicialmente estava o supereu, a saber, na linha de articulação significante entre s(A) e A.

“A voz, como objeto a, se faz na passagem de um significante a outro. Na passagem entre um significante e outro há escansão, intervalo de tempo onde o silêncio se faz voz.”

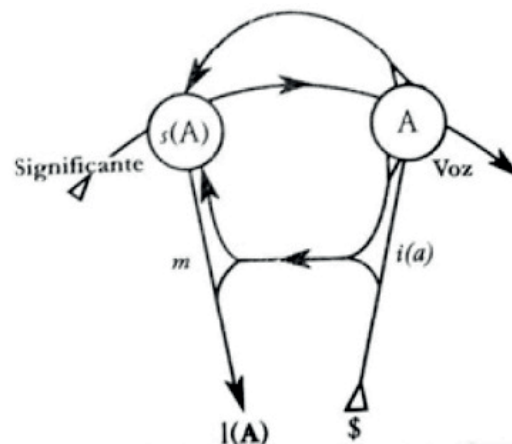


Figura 1: Grafo do desejo⁶(Lacan, 1988)

Nessa direção, temos uma definição da voz como articulada ao significante, mas não reduzida ao mesmo e, ainda, atrelada ao silêncio que se associa ao que se faz voz e sustenta a passagem de um significante a outro:

no significante plenamente desenvolvido que é a fala, há sempre uma passagem, isto é, algo que fica além de cada um dos elementos que são articulados, e que por natureza são fugazes, evanescentes. É essa passagem de um para o outro que constitui o essencial do que chamamos significante. Essa passagem, como evanescente, é justamente o que se faz voz – nem sequer digo articulação significante, pois é possível que a articulação continue enigmática, mas o que sustenta a passagem é voz.
(Lacan, 1999, p.355)

A voz, como objeto a, se faz na passagem de um significante a outro. Na passagem entre um significante e outro há escansão, intervalo de tempo onde o silêncio se faz voz. No peculiar trajeto da pulsão invocante fica claro como a voz se faz na passagem, no intervalo: a voz se situa no entre dois, entre boca e orelha, entre dentro e fora. As passagens podem se dar entre o sujeito e o outro ou entre o sujeito e ele mesmo. De qualquer forma, o emitido nunca é igual ao escutado, mesmo pela sonorização do próprio sujeito ou ainda por sua voz interior. Então, é do eco que se trata nisso que se apreende como voz. A escansão deve ser bem marcada por um intervalo de espaço e de tempo onde se produz o silêncio necessário para que o eco seja escutado. *Que se diga... iga..iga, fica esquecido... ido.. ido, atrás do que se diz... diz...diz, no que se ouve... ouve...ouve.*

Na referida lição de 20/5/59 (2016), é com a leitura da fórmula do fantasma que a voz

“Um silêncio fruto de final de análise, um silêncio que se liga à pulsão invocante e se torna destino pulsional possível no para além da análise.”

é apresentada como objeto a. Com o fantasma, o objeto a como uma parte imaginária destacada do próprio sujeito se torna a possibilidade de nomeação frente ao impossível de responder ao Outro, a identidade com o objeto a supre uma carência de nomeação. No *Seminário 11*, Lacan (1988) enuncia que o atravessamento do fantasma como final de análise para um analista implica numa vivência pulsional. A distinção entre o sujeito e o objeto a, a experiência do fantasma torna-se a pulsão. Nesta direção, Erik Porge (2014) propõe que se trata para o analista, nesse para além da análise, de viver a pulsão invocante, em especial sua relação com o silêncio. Um silêncio fruto de final de análise, um silêncio que se liga à pulsão invocante e se torna destino pulsional possível no para além da análise. Finalizo com o reencontro de mais uma peça do meu quebra-cabeça sobre a temática em causa, que, acredito, segue na mesma direção do acima proposto por Porge (2014). Num texto feito para uma Jornada Cartel (Torezan, 2014) desenvolvi que fazer-se um nome é uma maneira de lidar com a condição sempre falha da estrutura, na busca de rearranjos e enlaces mais suportáveis ou funcionais. O nome que cada um faz e com o qual assina a autoria da obra que é a sua ex-istência, o nome que cada um faz pode ter valor de *Sinthome*. É o que Lacan (2007) propõe a respeito da escrita de Joyce e, me parece, é o que ocorre quando fazemos um nome como analistas, na medida em que com ele sustentamos a possibilidade de viver a pulsão invocante, no silêncio que faz voz e viabiliza que o dizer, mais uma vez, ecoe no corpo como estrutura e seja lido em suas ressonâncias.

¹Psicanalista membro da ALPL. Contato: zeilatorezan@gmail.com

²VII Jornada da ALPL – Corpo e Sintoma, Londrina, novembro de 2019. Título original da apresentação: “O eco no corpo de que há um dizer”.

³Seminário trabalhado com a ALPL para o eixo de 2019.

⁴Disponível em: <https://tiago.pagesperso-orange.fr/poesies/fargueairdupoete.htm>

⁵Possível referência ao exemplo, usado em várias ocasiões por Lacan, do pote de mostarda cuja essência não está na mostarda, mas no vazio, na condição de pote.

⁶Grafo do desejo desenvolvido em *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (Lacan, 1988) e utilizado no *Seminário, livro 5* (Lacan, 1999)

Referências

1. Lacan, J. (1985). O seminário, livro 3: as psicoses (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
2. Lacan, J. (1988). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-64). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
3. Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, p. 822
4. Lacan, J. (1999). O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
5. Lacan, J. (2001). O ato psicanalítico (1967-68). Porto Alegre: Escola de Estudos Freudianos.
6. Lacan, J. (2007). O seminário, livro 23: sinthoma (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
7. Lacan, J. (2016). O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-59). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor
8. Lacan, J. (sd). L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (1976-1977). Salvador: Edição heReSlá
9. Porge, E. (2014). Voz do eco. Campinas: Mercado das Letras.
10. Torezan, Z. (2014). O nome que cada um faz. <https://www.associacaolivrepsicanalise.com.br/o-nome-que-cada-um-faz/>
11. Torezan, Z. (2017). Paradoxos. Topos, n.14. p.24-29. <https://www.espaco-moebius.com.br/revistatopos>
12. Torezan, Z. (2019). Por uma razão. Revista ALPL, n.2. <https://www.associacaolivrepsicanalise.com.br/revista-alpl/>



Se não gira, range.

If it doesn't spin, squeak! / S'il ne tourne pas, grincez!

Marina Pinto de Paula¹

Resumo

Este artigo pretende abordar os quatro discursos expostos por Lacan no seminário XVII, O avesso da psicanálise, sob a ótica da impossibilidade e da impotência. Ao salientar a presença da impossibilidade em todos os discursos propostos: do mestre, da histérica, universitário e do analista, Lacan enfatiza a impossibilidade como fator de estrutura e a impotência como forma de encobrir a verdade do discurso. No discurso do mestre trata-se do impossível de governar, no universitário é impossível ensinar, no do analista é impossível analisar e no da histérica Lacan aponta a impossibilidade de se fazer desejar. Não que não se governe, ensine, analise ou se faça desejar, mas a impossibilidade indica que não se faz tais ações sem restos. Ao se supor que é possível realizar tais operações sem restos, se cai justamente na impotência. Através do ato do analista é possível a rotação destes discursos, pois aponta para o impossível, para a função do pai real, sustenta a perda de gozo e proporciona uma nova posição subjetiva frente ao saber e ao impossível. No lugar desta perda de gozo, denominada de entropia, surge o a. O analista, semblante de a, sustenta uma perda, o que consequentemente provoca corte com um anterior, sem possibilidade de retorno.

Palavras-chave: Discurso. Impossibilidade. Ato.

Abstract

This article intends to approach the four discourses exposed by Lacan in the XVII seminar, *The other side of psychoanalysis, from the perspective of impossibility and impotence*. In emphasizing the presence of impossibility in all the proposed discourses: of the master, the hysteric, the university student and the analyst, Lacan emphasizes impossibility as a structural factor and impotence as a way to cover the truth of the discourse. In the master's discourse it is impossible to govern, in the university it is impossible to teach, in the analyst's it is impossible to analyze and in the hysterical one Lacan points out the impossibility of making oneself desired. Not that it is not governed, taught, analyzed or made to wish, but the impossibility indicates that such actions are not carried out without remnants. By assuming that it is possible to carry out such operations without remnants, impotence falls. Through the act of the analyst, the rotation of these discourses is possible, as it points to the impossible, to the role of the real father, sustains the loss of enjoyment and provides a new subjective position in the face of knowledge and the impossible. In place of this loss of enjoyment, called entropy, a. The analyst, a face of a, sustains a loss, which consequently causes a cut with a previous one, with no possibility of return.

Key-words: Speech. Impossibility. Act.

Résumé

Cet article entend aborder les quatre discours exposés par Lacan dans le XVII^e séminaire, *Le revers de la psychanalyse, sous l'angle de l'impossibilité et de l'impuissance*. En soulignant la présence de l'impossibilité dans tous les discours proposés: du maître, de l'hystérique, de l'étudiant universitaire et de l'analyste, Lacan souligne l'impossibilité comme facteur structurel et l'impuissance comme moyen de couvrir la vérité du discours. Dans le discours du maître, il est impossible de gouverner, dans l'université, il est impossible d'enseigner, dans celui de l'analyste, il est impossible d'analyser et dans l'hystérique Lacan souligne l'impossibilité de se faire désirer. Ce n'est pas que l'on ne gouverne, n'enseigne, n'analyse ni ne se fait désirer, mais l'impossibilité indique que de telles actions ne se font pas sans vestiges. En supposant qu'il est possible d'effectuer de telles opérations sans restes, l'impuissance tombe. Par l'acte de l'analyste, la rotation de ces discours est possible, car elle pointe vers l'impossible, vers le rôle du vrai père, entretient la perte de jouissance et fournit une nouvelle position subjective face à la connaissance et à l'impossible. Au lieu de cette perte de jouissance, appelée entropie, a. L'analyste, visage de a, subit une perte, ce qui provoque par conséquent une coupure avec un précédent, sans possibilité de retour.

Mot-clés: Discours. Impossibilité, Acte.

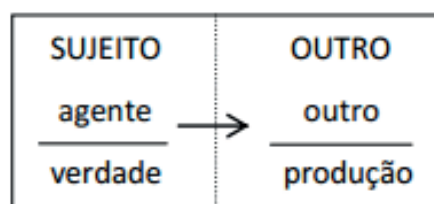


Este artigo pretende abordar os quatro discursos expostos por Lacan no seminário XVII, O avesso da psicanálise, proferido em 1969 e 1970, sob a ótica da impossibilidade e da impotência. Nesse seminário Lacan formula o que ele denomina de um aparelho, que pode ser montado e construído de quatro maneiras, a partir de quatro letras: \$, S¹, S² e objeto pequeno a.

O S¹ é o significante mestre, aquele significante que representa um sujeito para outro significante. O S¹ é gerado a partir do campo do Outro, já que não há significante que se represente a si mesmo, pois tem como referência apenas a pura diferença. Ele intervém em uma bateria significativa, representado por S², o saber. O \$ indica a divisão própria da estrutura do sujeito, dividido pela palavra entre saber e gozo. O a aparece como mais de gozar, o que indica um excesso de gozo. É do campo do real e do gozo, mas não o é sem o significante. É aquilo pelo qual o neurótico resiste em perder. E é o gozo que produz a separação entre o saber e a verdade.

A estrutura desse aparelho é definida por quatro posições: do agente que se dirige ao outro e que tem sob a barra do outro o lugar da produção e sob a barra do agente o lugar da verdade (figura 1). A barra indica a operação do recalque, o que sugere que não se trata de uma relação entre consciências.

Figura 1



O agente do discurso, diz Lacan, não é aquele que forçosamente faz, mas aquele a quem se faz agir. Pode-se entender que é o lugar da verdade que institui o agente, o discurso só mantém sua consistência porque a verdade que ele enuncia é a verdade do agente. É pelo ato daquele que profere o discurso que o efeito se produz. O efeito do discurso proferido pelo agente se dá no

outro pelo lugar da produção.

O que se revela imperioso é a posição que se ocupa dentro de um discurso: é a estrutura da enunciação independente de seu enunciado.

Respeitando sempre essas posições as letras também obedecerão a uma ordem que permite que elas girem de lugar. Assim temos o que Lacan denominou dos quatro discursos: discurso do mestre, discurso da histérica, discurso universitário e discurso do analista (figura 2).

Figura 2

Discurso do Mestre	Discurso Universitário
$\frac{S1 \rightarrow S2}{\$ / a}$	$\frac{S2 \rightarrow a}{S1 / \$}$
Discurso da Histérica	Discurso do Analista
$\frac{\$ \rightarrow S1}{a / S2}$	$\frac{a \rightarrow \$}{S2 / S1}$

Para que um discurso gire é preciso uma rotação em $\frac{1}{4}$ de volta. Ao iniciar pelo Discurso do Mestre e efetuar uma rotação em $\frac{1}{4}$ de volta se produz o discurso da histérica, mais $\frac{1}{4}$ o discurso do analista e por fim o discurso universitário. Pode-se nomear esse giro de mudanças de posições. Esses matemas pretendem indicar a formalização do encontro do sujeito com o outro, isto é, a maneira como se estabelecem os laços sociais. Portanto é possível fazer uma leitura das cenas sociais, assim como dos tempos de cura em um processo de análise a partir das posições dos discursos.

Cada posição subjetiva implica um lugar distinto para os matemas (S^1 , S^2 , $\$$, a), o que indica que não é a mesma coisa o a estar no lugar do agente no discurso do analista e estar no lugar da produção, sob a barra, no discurso do mestre. E assim para as demais letras e posições

A ideia de Lacan em formular esses matemas era desfavorecer uma imaginarização sobre eles e ao mesmo tempo é uma tentativa de transmitir o real da estrutura que o discurso suporta. Pela denominação dos discursos, às vezes pode-se incorrer no erro de entender, por exemplo, que um analista sempre está nesse discurso.

A formalização dos discursos, suas disposições que seguem uma determinada ordem das letras, indica o encontro com um elemento de impossibilidade, e é justamente aí que Lacan aponta como a base de um fato de estrutura. A própria impossibilidade nomeia os discursos.

Lacan define o real como impossível, definição que não mudará no restante do seu percurso. Ao colocar o mito de Édipo como o sonho de Freud, Lacan postula àquilo que suporta a estrutura do discurso, o que ele chamou de pai real. Este, diz ele, é o espermatozoide. São aforismos fortes e difíceis de desembrulhar, mas o pai real não tem a ver com o pai da realidade. Há um enlace desse pai real com o pai imaginário, é um fator de estrutura. O pai real é o agente da castração, aquele que faz corte no real do Outro real. "O pai real nada mais é do que um efeito da linguagem, e não tem outro real" (Lacan, 1992, p. 134); o pai real é o impossível. O pai real é um operador estrutural. Diferentemente de Freud que situa como razão da castração o Édipo, privilegiando o pai morto como agente da proibição, a castração para Lacan não é efeito do pai morto, é efeito de linguagem. "É o gozo que está proibido a quem fala" (Wainsztein, 2001, p. 33).

Em Lacan (1992): "A castração é a operação real introduzida pela incidência do significante, seja ele qual for, na relação do sexo. E é óbvio que ela determina o pai como esse real impossível que dissemos" (p. 135).

Pretende-se abordar a rotação desses quatro discursos e como o discurso do analista visa colocar em cena a própria impossibilidade dos discursos, situar o sujeito frente ao pai real. É como se falássemos que o final aponta justamente para o início. O impossível está como estrutura em todos os discursos, Freud já o tinha apontado em "Análise Terminável e Interminável" (1937): no discurso do mestre trata-se do impossível de governar, no

"A formalização dos discursos, suas disposições que seguem uma determinada ordem das letras, indica o encontro com um elemento de impossibilidade, e é justamente aí que Lacan aponta como a base de um fato de estrutura."

universitário é impossível ensinar, no do analista é impossível analisar e no da histórica Lacan aponta a impossibilidade de se fazer desejar. Não que não se governe, ensine, analise ou se faça desejar, mas a impossibilidade indica que não se faz tais ações sem restos. Ao se supor que é possível realizar tais operações sem restos, se cai justamente na impotência.

A impossibilidade está indicada nos quatro discursos por uma seta que parte do agente em direção ao outro. A impotência encontra-se na parte inferior dos discursos e está representada por uma seta que parte da produção/perda para a verdade ou por dois riscos paralelos dispostos em diagonal. A impotência é entendida por Lacan como uma proteção da verdade. Aquilo que o discurso produz (lugar da produção) é impotente para revelar a verdade deste mesmo discurso. Por amarmos a verdade ficamos congelados na impotência. A impotência nos paralisa diante do real e do impossível.

Vejamos como isso funciona em cada discurso.

O Discurso do Mestre situa o S^1 no lugar do agente que se dirige para S^2 no lugar do outro, assim o mestre se dirige para o escravo que produz a mais valia, termo oriundo de Marx do qual Lacan se utiliza, e o que fica no lugar da verdade é o sujeito dividido. O que este discurso denota é que o senhor expolia o saber do escravo, pois é esse que possui o saber fazer e também um saber sobre o que quer o senhor, pois este não o sabe. Mas esse senhor nada quer saber e esconde sua verdade: de que é castrado. Neste Discurso, é impossível, diz Lacan, fazer com que o outro trabalhe, pois isto é mesmo mais cansativo do que nós mesmos trabalharmos. Assim, no Discurso do Mestre a impossibilidade está entre o S^1 e o S^2 , indicando que é impossível governar aquilo que não se domina. A impotência situada entre o objeto a e o $\$$ indica que a produção do mais de gozar não tem nenhuma relação com a verdade, com a própria divisão do mestre. A impotência está situada

" Ao se supor que é possível realizar tais operações sem restos, se cai justamente na impotência"

justamente na fórmula do fantasma que encontramos sob a barra, o que indica que o sujeito fica preso a um gozo articulado pelo fantasma, com sua característica imaginária e totalizante, impedindo-o de ter acesso ao real do objeto, ao impossível que está escrito na parte de cima do discurso, isto é, que pelo significante não se captura o objeto, pois este é justamente seu resto. A impossibilidade de se alcançar o objeto fica oculta pela impotência.

No Discurso da Histórica o $\$$ se encontra no lugar de agente. Pode-se dizer que uma análise se inicia quando a forma deste discurso se estrutura. O sujeito dividido por não saber o que lhe acontece demanda ao outro colocado no lugar de mestre que produza um saber sobre o gozo. Quando um analisante está dividido pelo seu sintoma, não sabe por que sofre ou porque tem tais sintomas, ele crê que o analista, no lugar de mestre, detém um saber sobre a causa de seu sintoma. Isso é a transferência, o estabelecimento de um sujeito suposto saber.

Neste discurso a impossibilidade situa-se entre o $\$$ e o S^1 , o que sugere que é impossível dominar os significantes mestres e também revela a impossibilidade de ser desejado como sujeito, pois só se pode ser desejado como objeto. A impotência, situada no andar de baixo, situa-se entre o saber no lugar da produção em direção ao objeto a como verdade. Indica que o saber não alcança a verdade sobre o real do gozo, ou seja, que o saber é impotente para dizer da verdade.

No Discurso Universitário o S^2 está no lugar do agente que se dirige ao a . Alguém encarna o saber, posição de S^2 , sustentado por um mestre (S^1 sob a barra). No Discurso Universitário, entre o S^2 e o a , revela-se a impossibilidade de que não se educa pelo comando do saber. A impotência é demonstrada pela elisão do S^1 , que está sob a barra no lugar da verdade, e ao se elidir também desaparece a condição de sujeito, já que este é efeito daquilo que um significante representa para outro significante.

"O sujeito fica confundido com o saber, não podendo ter seu lugar, que é um lugar real, impossível, entre S^1 e S^2 . Esta confusão é o Eu , que fica à deriva de um saber que sempre é insuficiente, portanto impotente. A impotência do saber tapando a impossibilidade do sujeito" (Silveira, P. D, 2015).

A impotência neste discurso se revela pelo saber imputado a um autor, não ao próprio sujeito.

No discurso do analista o *a* se encontra na posição de agente que se dirige para o $\$$ na posição do outro para que produza seus significantes mestres. O saber, como saber inconsciente, não sabido, está no lugar da verdade. A impossibilidade do Discurso do Analista se encontra entre o *a* e o $\$$, indicando que ao se situar como *a*, ele o faz como semblante, em um como se, e não em ser *a*, não há uma ontologização do *a*. Assim não sabe sobre a causa do desejo do analisante, ele representa saber, já que o saber encontra-se na posição da verdade, recalcado. A impotência, situada entre S^1 e S^2 mostra que não se comanda o inconsciente, já que seus efeitos são de pura hiância. Mas é a ilusão da impotência que promove a transferência, já que o analisante acredita que o analista tem um saber do qual ele, futuramente, poderá se apropriar. Esta impotência de dominar o saber ($S^1 - S^2$), que somente se produz quando a impossibilidade é posta em jogo, é o que provoca uma mudança de uma queixa histórica em deter um saber para seus problemas para um trabalho que contemple a via significante.

O discurso do analista prevê que o analista ocupe o efeito de rechaço do discurso. Este discurso, justamente por ser o avesso do discurso do mestre, deve estar no polo oposto da vontade de dominar. "É lá, onde estava o mais de gozar, o gozar do outro, que eu, na medida que profiro o ato analítico, devo advir" (Lacan, 1992. p. 55).

A chave está na indagação sobre o que cabe ao gozo. Em relação ao gozo Lacan diz: "uma vez que ali se entra não se sabe aonde isso vai dar. Começa com as cócegas e termina com a labareda de gasolina" (Lacan, 1992, pp.75, 76).

E como alcançar isso que se relaciona com o gozo? A expressão "o saber é meio de gozo" parece apontar para a ideia de que interrogando o sujeito e seus significantes mestres é que o traço unário pode trabalhar, e ao se repetir, provoca um desvio de gozo. É esse movimento que Lacan denomina de entropia, ou seja, de desordem, de desperdiçamento, de perda, pois na própria repetição há desperdício de gozo, perda de gozo e no lugar desta perda surge o *a*. O analista, semblante de *a*, sustenta uma perda.

Em uma análise é preciso que os discursos girem

"Aquilo que o discurso produz (lugar da produção) é impotente para revelar a verdade deste mesmo discurso."

e suas rotações indicam a posição de gozo em cada um deles. Caso um sujeito fique estacionado em um único discurso, diz Silvia Amigo (2001), é bem possível que caia em uma caricatura ou em um ridículo. Uma histórica pediria sempre uma solução aos outros pelo seu problema; aquele que estaria no lugar de saber estaria sempre num acúmulo do mesmo sem nenhuma criação; o mestre cairia numa luta mortal de puro prestígio (lembrando Hegel) com seus semelhantes e aquele que se crê em posição de *a* estaria sempre fazendo leituras da posição do outro sem mesmo ser demandado. É o que se colocou em evidência no título deste trabalho, pois se não gira, range, mas o que range? Quando uma porta ou qualquer mecanismo range indica que seu funcionamento não está bem, por vezes precisamos colocar um óleo na engrenagem ou fazer reparos em sua montagem. Nos outros discursos, exceto do analista, o *a* aparece como mais de gozar, como objeto que tampona a falta e impossibilita a posição frente à impossibilidade, ao real. E aí, como excesso de gozo, temos o seu rangido: angústias, inibições, sintomas, actings e passagens ao ato. O mais de gozar fazendo suplência ao gozo fálico.

É fundamental em um percurso de análise que os discursos girem (e isso pode ser em uma única sessão), ao seu tempo, para poderem dar lugar ao discurso do analista, que não é melhor que os outros, mas que tem como diferencial a posição que estabelece diante da impossibilidade. Assim, é no discurso do analista que o *a* pode revelar sua alternância, como pura falta, causa de desejo.

No seminário XX Lacan (2008) afirma que é o ato do analista que permite sua rotação. No seminário XV Lacan (2001) postula que o ato não parte nem do analista, nem do analisante, mas é uma função do *objeto a*. Esse posicionamento fica evidente no seminário XVII, O Averso da Psicanálise, no qual no matema do discurso analítico o *objeto a* se encontra na posição de agente. Para Lacan temos que vê-lo como no princípio do ato. Mas como o ato permite essa mudança discursiva?

No seminário XV na lição 5, do dia dez de janeiro de 1968, Lacan faz uma referência ao Rubicão, rio que Cesar atravessou exatamente na mesma data da lição, mas dois

mil e dez anos antes. O Rubicão era a fronteira de Roma e era proibido a qualquer general atravessá-lo, se o fizesse estava declarando guerra a Roma. Atravessar o Rubicão não era uma tarefa difícil, pois se tratava de um riacho de pequena profundidade e largura, mas Cesar estava angustiado diante de tal decisão devido às consequências que seu ato traria para a ordem estabelecida das cidades-estados. Ou Cesar se submetia a lei e perdia seu poder ou ultrapassava o Rubicão. Lacan salienta que esse ato tinha o sentido de invadir a terra mãe. Cesar precisou correr o risco, diz ao cometer o ato: "A sorte está lançada". A proximidade deste ato com o ato analítico está em uma escolha forçada, em uma primeira etapa, e no fato de que uma vez ultrapassado não há possibilidade de volta, os elementos foram transformados assim como o sujeito em análise que deste ato é efeito, muda seu posicionamento subjetivo. (TORRES, 2010) O ato rompe com um anterior, há a realização de um corte. Ainda Lacan (2001) faz uma referência ao ato como estando fora da lei, assim como Cesar, o que indica um rompimento com a lei simbólica, uma mudança na relação do sujeito com os significantes. Diz que o ato "se trata de algo como uma conversão na posição que resulta do sujeito quanto à sua relação com o saber" (2001, p. 28), quer dizer, saber fazer diferente com os significantes, se desprender de uma via alienada ao Outro.

Referências

1. FREUD, S. (1996). Análise terminável e interminável. (1937). In: Obras. Completas de Sigmund Freud, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago Ed.

2. LACAN, J. (1992). O Seminário, livro 17: Ao avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.

3. LACAN, J. (2001). O ato psicanalítico; seminário 1967-1968. Escola de Estudos Psicanalíticos. Publicação interna.

4. LACAN, J. (2008). Seminário, livro 20: mais, ainda. (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar.

5. SILVEIRA, P. D. (2015). A impossibilidade e a impotência nos discursos. (<http://www.tempofreudiano.com.br/index.php/a-impossibilidade-e-a-impotencia-nos-discursos/>, recuperado 24, janeiro, 2020).

6. TORRES, R. (2010). Dimensões do ato em psicanálise. São Paulo: Annablume.

7. VEGH, I. (et al.). (2001). Os discursos e a cura. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.





Sintoma e os tempos do tratamento

Symptom and stages of treatment / Symptôme et les temps de traitement

Edinei Hideki Suzuki¹

Resumo

O presente trabalho explora duas concepções opostas sobre o sintoma situadas nos textos de 1974-75. A primeira, que está no texto A terceira, indica que o sintoma é do campo do simbólico. E a segunda, que ocorre pouco tempo depois e que está logo no início do seminário 22, Lacan afirma que o sintoma é do campo do real. Na primeira concepção, o sintoma consiste no inchaço do gozo fálico do real em direção ao simbólico. Portanto seria o efeito da deficiência do simbólico em lidar com o real da não-relação sexual. Na segunda, por sua vez, o sintoma se estrutura como efeito do real ao fazer obstrução a invasão do simbólico em seu campo. Considerar essas duas possibilidades, nos impõem diretamente pensar a forma como devemos conduzir a direção do tratamento, já que a redução sintomática, pensada a partir do simbólico, produziria o efeito inverso quando se trata do sintoma dentro do campo do real. Acompanhando esses desdobramentos teórico-clínicos sobre o conceito, a proposta do artigo é formalizar e encontrar um ponto concordante entre essas duas concepções de modo a pensar em tempos do tratamento. Propomos que fundar o sintoma pela via do campo do simbólico é um tempo primordial no tratamento, pois, além dele, o analista também engendra-se nesse ato. Lacan afirma que ambos têm a mesma estrutura. Logo, a análise termina quando o sintoma retrocede, já que, doravante, não há mais analista.

Palavras-chave: Sintoma. Cadeia borromeana. Análise.

Abstract

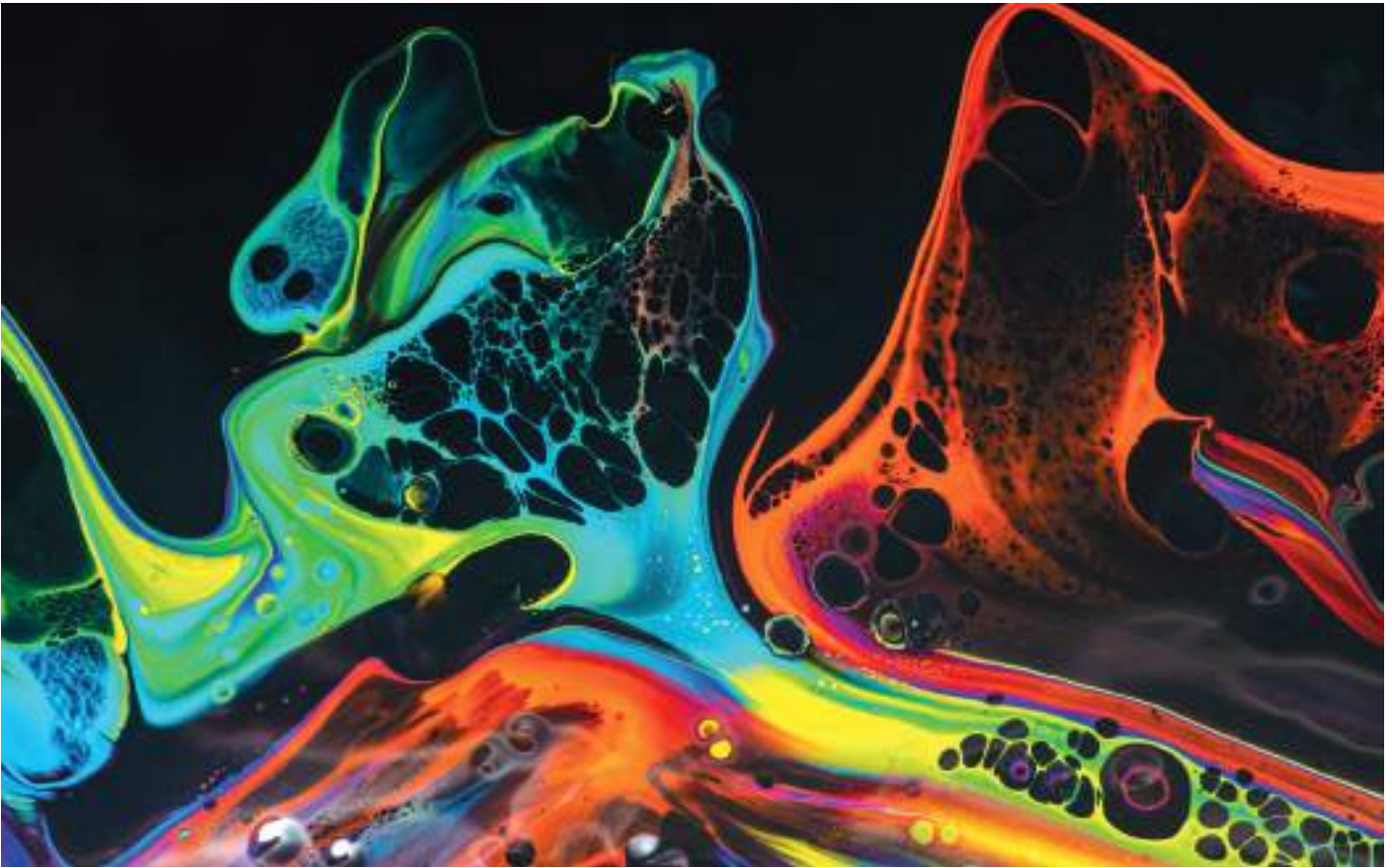
The present work explores two opposing conceptions, about the symptom, described in the 1974-75 texts. The first, which is in the text "The third", indicates that the symptom belongs to the symbolic field. And the second, which occurs shortly afterwards and which is right at the beginning of "The seminar 22", Lacan states that the symptom is from the real field. In the first conception, the symptom consists of the swelling of the phallic jouissance of the real towards the symbolic. Therefore it would be the effect of the symbolic deficiency in dealing with the real of the non-sexual relation. In the second, in turn, the symptom is structured as an effect of the real by obstructing the invasion of the symbolic in its field. Considering these two possibilities, we are directly obliged to think about how we should conduct the treatment direction, since the symptomatic reduction, thought from the symbolic, would produce the opposite effect when it comes to the symptom within the field of the real. Accompanying these theoretical and clinical developments on the concept, the purpose of the article is to formalize and find a point in agreement between these two conceptions in order to think about treatment stages. We propose that founding the symptom through the field of the symbolic is a primordial stage in the treatment, because, in addition to it, the analyst also engenders himself in this act. Lacan declares that both have the same structure. Therefore, the analysis ends when the symptom recedes, since, from now on, there is no more analyst.

Key-words: Symptom. Borromean chain. Analysis.

Résumé

Le présent travail explore deux conceptions opposées sur le symptôme situé dans les textes de 1974-1975. Le premier, qui est dans le texte Le troisième, indique que le symptôme appartient au champ symbolique. Et le second, qui survient peu de temps après et qui est juste au début du séminaire 22, Lacan affirme que le symptôme est du champ du réel. Dans la première conception, le symptôme consiste en un gonflement de la jouissance phallique du réel vers le symbolique. Ce serait donc l'effet de le défaut du symbolique dans le traitement du réel du non-rapport sexuel. Dans la seconde, à son tour, le symptôme se structure comme un effet du réel en faisant obstacle à l'invasion du symbolique dans son champ. Compte tenu de ces deux possibilités, nous sommes directement obligés de réfléchir à la manière dont nous devons conduire le sens du traitement, puisque la réduction symptomatique, pensée à partir du symbolique, produirait l'effet inverse lorsqu'il s'agit du symptôme dans le champ du réel. Accompagnant ces développements théoriques et cliniques sur le concept, le but de l'article est de formaliser et de trouver un point d'accord entre ces deux conceptions afin de réfléchir aux temps de traitement. Nous proposons que fonder le symptôme à travers le champ du symbolique est un temps primordial dans le traitement, car, en plus de lui, l'analyste s'engendre, lui-même, également dans cet acte. Lacan dit que les deux ont la même structure. L'analyse se termine donc lorsque le symptôme recule, puisque, désormais, il n'y a plus d'analyste.

Mot-clés: Symptôme. Chaîne borroméenne. Analyse.



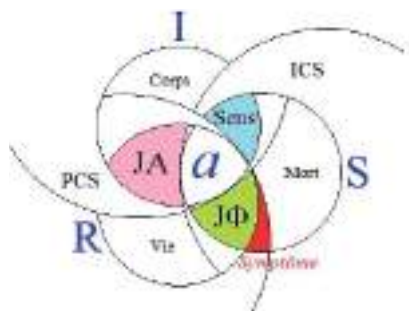
Entre os anos de 1974 e 1975, temos posições contrárias à concepção do sintoma. No texto A terceira (Lacan, 1974), se expõe que é efeito da invasão do real sobre o simbólico e logo em seguida, no seminário 22 (Lacan, 1974-75), afirma que o sintoma é do campo do real, e não mais do simbólico. Acompanhando esses desdobramentos teórico-clínicos sobre o conceito, a proposta do artigo é formalizar e encontrar um ponto concordante entre essas duas concepções de modo a pensar em tempos do tratamento.

Partindo dessa primeira perspectiva sobre o sintoma, retomo um ponto que está presente no seminário 11 (Lacan, 1964) e que o define como efeito da dis-tyquia. Isso indica que é uma forma de se evitar a tyche, portanto o não-sentido. Ainda, Lacan (1964) afirma que o sintoma consiste no “efeito afanísico do significante binário” (p.120), que é o sentido do Outro, do qual o analista tem a função de libertá-lo a partir do ato interpretativo em que se alcança o cerne do não-sentido nos círculos de Euler. Essa proposta está articulada com a “lei do significante” (Lacan, 1964, p. 13), onde um significante (S1) representa o sujeito (\$) para outro significante (S2).

Um pequeno recorte clínico a fim de ilustração. Em uma determinada sessão, um paciente estava falando de seus conflitos e das cobranças do seu pai no trabalho e da dificuldade em ser valorizado por ele. Nesse contexto ele diz: “tenho medo de não-errar”. Esse “não”, que aparece antes de errar, inverte o sentido do que pretendia falar. Em vez de dizer “tenho medo de errar”, diz “tenho medo de acertar”. Quando retorno isso para ele, tem dificuldade para ouvir e entender o que disse, mas quando se dá conta é tomado por um sentimento de sur-presa, de arrebatamento, de desconcerto. Torna-se presa de sua própria enunciação. Observa-se nesse momento a estrutura da tyquê em que: esse significante S1 (tenho medo de não-errar, equivalente a medo de acertar) produz uma divisão no paciente (\$), pois denuncia, em seu relato (S2), que há algo que não pode ser registrado em sua posição subjetiva em relação a satisfazer a vontade de seu pai.

Pretende-se com essa vinheta ilustrar um tipo de intervenção que é do campo do simbólico e que aponta para o desejo, pois em meio a uma forte cobrança do pai para que o filho assuma a empresa, ele responde com um sintoma depressivo e de incapacidade em fazer as coisas da maneira como o pai gostaria. Ao fazer dessa forma, institui uma falta/falha no pai todo poderoso transmutando seu estatuto de gozante para desejante. A intervenção teria como fim aumentar os recursos simbólicos ao apresentar esse elemento discordante resistente a simbolização, que é a castração do Outro, que nesse caso é a do pai.

À medida que a teoria lacaniana avança, se formaliza outra categoria para o real. Se antes se tratava de um resto do processo de divisão subjetiva (Lacan, 1962-63), depois passa a ser substância de gozo e ter a mesma consistência dos registros do simbólico e imaginário (Lacan, 1974). Na figura abaixo extraída do texto A Terceira (Lacan, 1974, p. 13) o sintoma, marcado em vermelho, consiste em uma invasão do real no campo do simbólico.

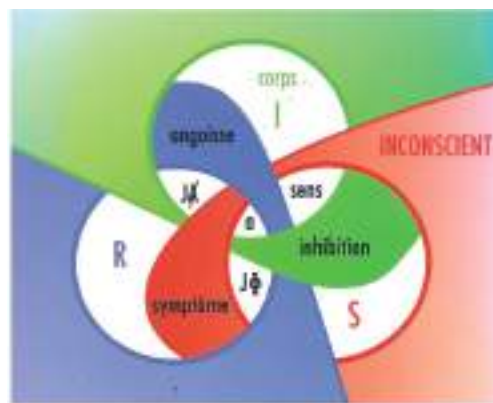


A despeito do real não ser mais um resto do processo de divisão subjetiva, o sintoma ainda é compreendido como pertencendo ao campo do simbólico, portanto deve ser tratado pelo seu respectivo registro. Lacan (1974) afirma que:

“O sintoma é irrupção dessa anomalia em que consiste o gozo fálico, isso na medida em que aí se espalha e floresce essa falta fundamental que qualifico da não-relação sexual. É na medida em que na interpretação, é unicamente sobre os significantes que incide a intervenção analítica, que algo pode recuar do campo do sintoma” (p. 13).

Pode-se notar, na citação acima, que a redução do sintoma se realiza pela via do simbólico, de modo que o real da não-relação, referente a conjugação entre simbólico e real indicado pelo gozo fálico ($J\phi$), sofra uma obstrução em seu avanço ao furo do simbólico. Nesse sentido, a técnica de tratamento do sintoma está alinhada com o que foi descrito anteriormente na vinheta clínica. Contudo, não muito tempo depois, Lacan (1974-75) muda essa perspectiva e assevera que o “sintoma [...] é do real” (p. 4) e, portanto, não mais do campo do simbólico.

François (2011) afirma que, no seminário 22, Lacan retoma a relação que existe entre inconsciente e sintoma, como podemos ver na figura da cadeia borromeana onde o sintoma tem uma extensão com o inconsciente (ICS).



Na Conferência em Genebra sobre o Sintoma, Lacan (1975b) nos esclarece sua estrutura fazendo uma releitura do caso Hans. Equivale a língua a uma enxurrada, pois por onde passa transforma e, ao mesmo tempo, deixa detritos. A língua consiste na língua materna, é um cancro, ulceração, ferida que adocece o sujeito em sua ex-sistência (Lacan, 1975a). Logo, somos equivalentes a uma peneira – de ambos os lados, real e simbólico – no meio da enxurrada de a língua que retém os detritos que nos adoecerão e, ao mesmo tempo, permitirão lidar com o real do gozo e da impossibilidade da relação sexual. Assim, o sintoma se estrutura a partir da coalescência entre simbólico e real, ou seja, a exemplo do caso Hans, entre a sensação corporal de tensão do pênis ao ficar ereto e a possibilidade de poder chama-lo de “fazedor-de-xixi”. É nessa coalescência onde se forma o gozo-fálico, cujo sintoma é sua fobia de cavalo que está articulado ao que pode construir de saber atrelado ao significante fazedor de xixi (Lacan, 1975b). Em uma mesa redonda realizada na França, cuja transcrição foi intitulada como “Encontros com o Real” (2008), psicanalistas de diversas escolas e instituições tentavam

“O sintoma escreve selvagememente uma letra, relacionada ao gozo, que é refratária a todo sentido e por isso resta idêntica a si mesmo, pois nunca se reportará a outro significante”

delimitar o que seria o encontro com o real na experiência da análise. Em um determinado ponto do debate, quando estavam discutindo sobre o sintoma, a psicanalista Jeanne Lafont sugeriu que a intervenção pelo registro do simbólico ou pelo real indicaria tempos distintos do tratamento. Como se tratava de uma mesa-redonda, não avança a questão, mas é a partir dessa proposta que pensamos um ponto de encaixe entre as duas perspectivas teóricas sobre o sintoma.

Lacan (1975a), na terceira Conferência Norte Americana, considera que o sintoma é metade do analisante e a outra metade do analista. Estabelece, assim, que o sintoma analítico é fundado pelo analista e este dura enquanto o sintoma durar. Nessa perspectiva, fica evidente a importância no campo do simbólico como trabalho prévio, pois é partir dele que fundamos o sintoma com o estatuto de realidade sexual. Doravante, poderá ser submetido às intervenções pelo registro do real visando sua redução. Para tal, a interpretação deve levar em conta o sonoro, deve fazer a letra de gozo comsoar (consoner) com o que é do inconsciente (ICS). O com-soar (soar junto) faz alusão a fazer vibrar superfícies que estejam na mesma frequência e afinação, ideia que nos remete a pensar na relação, proposta pela organização da cadeia borromeana, entre o sintoma e inconsciente (ICS) (Lacan (1975a).

Sobre esse ponto, Lacan (1974-75), no Seminário 22, se põe a interrogar:

“O que quer dizer o sintoma? É a função do sintoma, função para entender como o faria a formulação matemática $f(x)$. O que é esse x ? É o que do inconsciente pode se traduzir por uma letra, na medida em que somente na letra, a identidade de si a si está isolada de toda qualidade. Do inconsciente, todo 1 [...] é suscetível de se escrever de uma letra. [...] Mas o estranho é essa (letra) que o sintoma opera selvagememente: o que não cessa de se escrever no sintoma surge daí” (P. 33).

Pasqual (2016) indica que nessa passagem o que fica evidente é que o sintoma escreve selvagememente uma letra, relacionada ao gozo, que é refratária a todo sentido e por isso resta

$$\frac{a}{S_2} \longrightarrow \frac{\cancel{S}}{S_1}$$

//

idêntica a si mesmo, pois nunca se reportará a outro significante. Isso nos sugere a pensar que a direção do tratamento reside em comover (émouvoir) para o inconsciente (ICS) essa letra de modo que se escreva como 1. Trata-se, portanto, do significante unário, o S1, que aparece nas últimas lições do seminário 24 com o nome de “significante novo” (Lacan, 1976-77, p. 78), cuja característica é ser desprovido de qualquer sentido. Neste ponto, retoma o Discurso do Analista para apontar no lugar esse S1 no lugar da produção.

Seria esse o significante novo, desprovido de sentido, que pode se escrever no inconsciente (ICS) enquanto furo que possibilita fazer a obstrução ao inchaço do gozo fálico, portanto do sintoma, via simbólico.

François (2011) ressalta que “o sintoma é suporte, faz ex-sistência ao inconsciente no real” (p. 8). Escrever o 1 na trama simbólico-imaginária do inconsciente é colocar em jogo a própria produção do discurso do analista (DA), que é o S1. Há, segundo Pasqual (2016), nessa vertente, uma diferença entre a clínica do bem-dizer e da po-ética da equivocação. A primeira que prioriza um inchaço simbólico e a segunda que prioriza a escrita do não-sentido, enquanto S1, no inconsciente (ICS).

Talvez a melhor ilustração do que se trata em escrever o 1 no inconsciente (ICS) é o próprio título do seminário 24 (Lacan, 1976-77), *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, na medida em que joga com a poética da equivocação e cria uma condição em que não se pode colar, se fixar, em um único sentido. A partir da escrita temos a seguinte tradução proposta por Pontes & Sherar (2011): “O insabido que sabe de uma equivocação, adquire asas para o jogo de par ou impar”. No entanto, quando se ouve, o título passa a produzir algumas possibilidades de (não) sentido: “L'insu que sait” se poderia ouvir “o insucesso”; “de l'une-bévue” se poderia ouvir “o inconsciente” em alemão *Unbewust* e “s'aile à mourre” se ouviria “adquire asas para a morte” ou “é o amor”. O que indica é que há nesse título um intraduzível, um furo permanente no sentido. Dessa maneira, o sintoma se reduz à medida que se empurra o sentido até seu limite, no ponto onde se produz a aversão do mesmo (Izkovich, 2010).

Referências

1. François, J. (2011). La façon dont chacun jouit de l'inconscient. Disponível em: http://epsf.fr/wp-content/uploads/2016/01/Jean-Francois_82.pdf
2. Lacan, J. Conferência de Genebra sobre o sintoma (1975b). Opção Lacaniana. São Paulo, n. 23, p. 6-16,1998.
3. Lacan, Jacques (1962-63). Séminaire 10: L'angoisse. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S10/S10.htm>
4. Lacan, Jacques (1964). Séminaire 11: Fundements. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S11/S11.htm>
5. Lacan, Jacques (1974). La troisième. Disponível em: http://staferla.free.fr/Lacan/la_troisieme.htm
6. Lacan, Jacques (1974-1975). Séminaire 22: R.S.I. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S22/S22%20R.S.I..pdf>
7. Lacan, Jacques (1975a). Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1975-12-01.pdf>
8. Lacan, Jacques (1976-77). Séminaire 24: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S24/S24.htm>
9. Olivier Douville, O. & Dumézil, C. & Lafont, J. & Ménès, M. & Rabinovich, S. & Rokcwell, M. (2008). Rencontres avec le réel. Disponível em: <https://sites.google.com/site/olivierdouvilleofficiel/articles/analyse-freudienne-2008---table-ronde-paris>
10. Pasqual, L. M. (2016). Usages cliniques de la lettre : du bien-dire au savoir-lire. Tese de doutorado, Ecole Doctorale Pratiques et Théories du Sens Doctorat de Psychanalyse Domaine : Sciences Humaines et Sciences Sociales, Université Paris 8, Paris, France.
11. Ponte, R. R. & Sherar, S. (2011). Sobre el título del seminario de Jacques Lacan l'insu que sair de l'úne-bévue s'aile à mourre y nuestra traducción. Disponível em: http://www.efbaires.com.ar/files/texts/TextoOnline_412.pdf



O sintoma na clínica psicanalítica

The symptom in the psychoanalytic clinic / El síntoma en la clínica psicoanalítica

Ana Cláudia Raymundi Spigai¹

Resumo

Este artigo tem o objetivo de articular o conceito de sintoma na clínica psicanalítica. Para tal, trabalho com a linguagem, articulando os conceitos de significante, significação, sentido e metáfora relacionando-os com a estruturação do sujeito, tanto quanto com sua manifestação na clínica. A partir desta articulação, tenho o intuito de apresentar o sintoma em sua formação e em sua articulação com a prática clínica, tanto no que concerne à manifestação sintomática quanto à sua condição estrutural e com o manejo clínico. Em psicanálise, considera-se o fato de que a estruturação do sujeito se dá pelo atravessamento da linguagem e seus efeitos. Assim, há efeitos na criança, no sujeito que está por vir e o sujeito então é definido e determinado pelo efeito do significante. O sintoma é um fenômeno subjetivo que insiste como a expressão de um conflito, é um dizer que faz suplência à castração. Uma resposta do sujeito, por via significativa, ao se defender da angústia que sente ao se deparar com a falta, com a castração. Assim, a psicanálise não visa a cura do sintoma, mas sua investigação sobre qual a implicação do sujeito no sintoma. Se o sintoma é uma maneira de lidar com o Real, a análise seria outra maneira. O analista suporta o Real, como aposta de que o sujeito em análise, também suporta o Real sem a ilusão de que se possa evitá-lo e tem o intuito de possibilitar a transformação de um gozo sintomático em um gozo produtivo que Lacan chama de "Sinthome".

Palavras-chave: Sintoma. Linguagem. Análise.

Abstract

This article aims to articulate the concept of symptom in psychoanalytic clinic. To this end, I work with language, articulating the concepts of signifier, signification, sense and metaphor relating them to the structure of the subject, as well as with its clinical manifestation. From this joint, I intend to present the symptom in its formation and in its articulation with clinical practice, both with regard to symptomatic manifestation as well as its structural condition and clinical management. In psychoanalysis, it is considered the fact that the structuring of the subject is caused through the crossing of language and its effects. Thus, there is effect on the child, on the subject to come and the subject is then defined and determined by the effect of the signifier. The symptom is a subjective phenomenon that insists as the expression of a conflict, it is a saying that makes a substitute to castration. A response from the subject, by significant way, when defending himself from the anguish he feels when encountering the lack, with castration. Thus, psychoanalysis does not aim at the cure of the symptom, but its investigation into what the subject's implication is in the symptom. If the symptom is a way of dealing with Real, then analysis would be another way. The analyst supports Real, as a bet that the subject under analysis also supports Real without the illusion that it can be avoided and aims to make possible the transformation of a symptomatic jouissance into a productive jouissance that Lacan calls "Sinthome".

Key-words: Symptom. language. analysis.

Abstracto

Este artículo tiene como objetivo articular el concepto de síntoma en la clínica psicoanalítica. Para ello trabajo con el lenguaje, articulando los conceptos de significante, significación, sentido y metáfora relacionándolos con la estructura del sujeto, así como con su manifestación clínica. Desde esta articulación, pretendo presentar el síntoma en su formación y en su articulación con la práctica clínica, tanto en lo que se refiere a la manifestación sintomática como a su condición estructural y manejo clínico. En psicoanálisis, se considera el hecho de que la estructuración del sujeto se produce por el cruce del lenguaje y sus efectos. Así, Por lo tanto, hay efecto en el niño, sobre el sujeto por venir y el sujeto es entonces definido y determinado por el efecto del significante. El síntoma es un fenómeno subjetivo que insiste como expresión de un conflicto, es un dicho que sustituye a la castración. Una respuesta del sujeto, de manera significativa, al defenderse de la angustia que siente al encontrarse con la carencia, con la castración. Así, el psicoanálisis no tiene como objetivo la curación del síntoma, sino su investigación sobre cuál es la implicación del sujeto en el síntoma. Si el síntoma es una forma de lidiar con lo real, entonces el análisis sería otra forma. El analista apoya lo real, como una apuesta a que el sujeto en análisis también apoya lo real sin la ilusión de que puede evitarse y pretende hacer posible la transformación de un goce sintomático en un goce productivo que Lacan denomina "sinthome".

Palabras Clave: Síntoma. idioma. análisis.



Este artigo é uma adaptação de um texto apresentado na VII Jornada da Associação Livre Psicanálise em Londrina, em 2019. Tenho como objetivo articular o conceito de sintoma na clínica psicanalítica. Para tal, trabalho com a linguagem, articulando os conceitos de significante, significação, sentido e metáfora relacionando-os com a estruturação do sujeito, tanto quanto com sua manifestação na clínica. A partir desta articulação, tenho o intuito de apresentar o sintoma em sua formação e em sua articulação com a prática clínica, tanto no que concerne à manifestação sintomática quanto à sua condição estrutural e com o manejo clínico.

Dou início a este artigo explicitando a noção de sujeito para a psicanálise. Pela via da psicanálise, falar de sujeito implica no fato de que este é atravessado pela linguagem e que a partir de então, sofre os efeitos da rede de significantes que o determina trazendo efeitos preferenciais ao sujeito. O Outro, segundo Lacan (Lacan J. , 1964/2011, p. 200), “é o lugar em que se situa a cadeia significante que comanda tudo que vai poder presentifica-se no sujeito”. Assim o Outro, inicialmente encarnado por quem faz a função materna, transmite a partir do campo do simbólico que comporta a linguagem efeitos na criança, no sujeito que está por vir. Lacan afirma que a maneira pela qual lhe foi instilado um modo de falar leva a marca do modo pelo qual foi aceito por seus pais. (Lacan, 1975) Assim, o sujeito é definido pelo efeito do significante.

Ao ser atravessado pela linguagem, o sujeito se depara com o fato de que não há um significante que defina tudo, ou seja, que o Outro é barrado. Há uma falta, um desespero, um esburacamento que determina que o sujeito esteja para sempre condenado a viver sem algo que o complete. Frente à essa falta, surge a necessidade de significação no campo do simbólico. O sujeito passa a se constituir a partir da articulação significante, na medida em que tenta recobrir essa falta. Há então um saber sendo construído a partir da articulação significante que permite uma elaboração

“Lacan afirma que a maneira pela qual lhe foi instilado um modo de falar leva a marca do modo pelo qual foi aceito por seus pais. (Lacan, 1975) ”

simbólica que o sujeito faz para dar significação à castração.

A partir do registro do simbólico, o corpo é marcado e afetado pelos significantes do discurso do Outro. Antes mesmo do nascimento do corpo biológico da criança, o Simbólico já está presente no discurso e nas expectativas dos pais e do social. Lacan diz: “Sabemos muito

bem na análise a importância que teve para um sujeito, eu quero dizer, aquele que naquele momento ainda não era nada, o modo como foi desejado.” (Lacan, 1975)

Aurélio Souza (2006) aponta para o fato de que o corpo mantém relação com lalingua. Letras, marcas, traços, significantes, enunciações e discursos. Lacan afirma que pelo seu corpo, inserido na linguagem, o sujeito fala, diz mais do que quer dizer, mais do que sabe dizer. Ainda Lacan (1998, p. 302) “as palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito.”

A maneira que se deu a apropriação da primeira imagem corpórea a partir do registro do imaginário, devolvida pelo Outro; a forma com que os significantes marcam este corpo e fazem deste sujeito único, portador de sua própria história com seu mito e fantasia se articulando com seu registro imaginário, influenciam na maneira de corpo erógeno e libidinizado gozar com o mundo. O sujeito, diz Lacan, “sabe mais do que ele acredita saber, mas a substância desse saber, a materialidade que está por baixo, não é nada d’outro que o significante, porquanto tem efeitos de significações.” (Lacan J. , 1976-77, p. 20).

Com o propósito de seguir com a articulação do conceito de sintoma na clínica psicanalítica, abro espaço aqui para articular os conceitos de significante, significação e sentido. E para poder falar sobre estes termos, vou apresentar trechos de uma música. Essa música brinca com o significante de uma maneira poética. Segundo Lacan, a poesia se funda precisamente sobre a ambiguidade e faz revelar a relação do significante ao significado. (Lacan J. , 1976-77, p. 108)

O nome da música é Cultura, do grupo infantil Palavra Cantada.

O girino é o peixinho do sapo
O silêncio é o começo do papo
O bigode é a antena do gato
O cavalo é o pasto do carrapato
O cabrito é o cordeiro da cabra
O pescoço é a barriga da cobra
O leitão é um porquinho mais novo
A galinha é um pouquinho do ovo
O desejo é o começo do corpo
Engordar é tarefa do porco
A cegonha é a girafa do ganso
O cachorro é um lobo mais manso
O escuro é a metade da zebra
As raízes são as veias da seiva
O camelo é um cavalo sem sede

Tartaruga por dentro é parede
O potrinho é o bezerro da égua
A batalha é o começo da trégua
Papagaio é um dragão miniatura
Bactéria num meio é cultura.

Eu escolhi trazer essa música para marcar uma articulação entre significante e significado e efeito de sentido. Percebo que essa música joga, brinca com essa articulação. Produz um sentido inesperado, que denuncia a multiplicidade de efeitos de sentido que podem ser atribuídos a cada significante. Lacan aponta que há uma “dissimetria entre significante e significado que permanece enigmática.” (Lacan J. , 1976-77, p. 38). Ainda em Lacan, temos seu aforisma: “o significante representa um sujeito para outro significante”, o que indica que um significante nunca representa a si mesmo.

Para Lacan, trata-se de que o efeito de sentido se dá a partir de um deslizamento de um significante para outro. Quando escolho o significante “bactéria”, este está atrelado aos outros significantes que se sucedem na metonímia para que se produza uma significação que produzirá em cada sujeito, um sentido particular. Na música apresentada, o trecho “bactéria num meio é cultura” apresenta uma articulação significante que só pode produzir sentido para o significante “bactéria” de maneira retroativa, ao encerrar a frase.

Além disso, Lacan articula o significante com a propriedade de metáfora, ou seja, a possibilidade de que um significante entre no lugar de outro significante e produza sentido. Em análise, um significante que surge pode remeter à diversas associações que o analisante pode trazer em associação livre. O que faz com que um significante remeta a uma lembrança que aparentemente não faça sentido, percebe-se que é preenchido de sentido quando escutamos pelo dispositivo analítico.

Em um exemplo, uma menina que deveria ter levado um objeto para escola e esqueceu, dizia: Podemos mandar pelo roqueiro. Seguida pela minha surpresa, ela continua: ah, não, pelo recreio. Não, lembrei: pelo correio. Estes equívocos podemos associar com a importância que Lacan dá para a metáfora, ao entender que para essa menina, neste momento, roqueiro, recreio e correio são a mesma coisa. Segundo Maliska, metáfora é aquilo que está no lugar de outra coisa. “a substituição de um significante por outro provoca uma significação ou um

“O homem sempre pensa com a ajuda das palavras. E é neste encontro entre estas palavras e seu corpo onde alguma coisa se esboça.”

efeito de sentido.” (Maliska, 2017, p. 38)

Maliska ainda cita Lacan ao dizer que “o sintoma é uma metáfora, quer se queria ou não dizê-lo a si mesmo.” E se é uma metáfora, produz sentido. Porém, este sentido é inconsciente e pela consciência, muitas vezes não faz o menor sentido. Esse jogo linguístico da articulação significante produz efeitos de sentido no sujeito, de maneira inconsciente que opera e determina sua história e suas repetições. Seguindo por essa lógica, o sintoma é um significante no sentido de que ele representa o sujeito para outro significante. “o sintoma é um significante que está em cadeia na associação livre, um significante que constitui o sujeito do discurso” (Maliska, 2017, p. 42) Partindo do que foi exposto, pretendo avançar para dar corpo a meu título:

O sintoma é um fenômeno subjetivo, ou seja, particular, único para cada sujeito. Segundo Checchinato (2007), este fenômeno angustia, inibe e aparece no real como a expressão de um conflito, de um núcleo patógeno inconsciente que faz sofrer, mas ao mesmo tempo, propicia certo gozo. Então vamos pensar no sintoma como algo do inconsciente que faz sofrer, mas que traz algum tipo de satisfação pulsional, o que nos remete ao conceito de gozo.

É importante diferenciar gozo de prazer. O gozo, para a psicanálise pode ser produtivo para a vida, mas pode ser o que imobiliza, que impede e obstaculiza a realização do desejo. Maliska (2017), articula o gozo mortífero, sem limite, com o mito de Aristófanes, utilizado por Freud para fazer uma analogia com a pulsão de vida. Pulsão de vida seria uma tentativa de reunir aquilo que foi separado. O mito diz que em um tempo mítico, havia, além do homem e da mulher, o andrógino. Andrógino seria formado pela união entre homem e mulher. Este teria 4 mãos, 4 pés, 2 rostos, 2 sexos. Zeus resolveu dividi-los em 2 partes, por algum castigo, e as duas partes passariam o resto das vidas tentando se unir novamente.

Articulo aqui o gozo, com a constituição subjetiva e a estrutura do sujeito a partir da entrada da linguagem. Ao dizer, no começo deste artigo, que a linguagem é incorporada e produz efeitos no sujeito, é necessário entender que um dos efeitos é a instauração de uma falta, falta estrutural que determina que o sujeito

esteja para sempre determinado a viver sem algo que o complete. Na operação de divisão subjetiva há este resto que Lacan (2005) denomina como objeto a. Este mito apresentado a pouco faz uma analogia com um movimento ligado à busca do objeto a, objeto perdido que imaginariamente, há uma ilusão de que um dia será resgatado e chegaria então a uma completude novamente, ou em analogia ao mito relatado, o andrógino se reconstituiria. O gozo, segundo Maliska, seria uma tentativa de reintroduzir esse objeto a qualquer custo, não aceitando sua perda. Porém, essa busca, que parece ter como fim algo de completude, que nos conduziria na direção da vida, nos conduz a morte, no sentido de que “se o sujeito repete compulsivamente sem que haja um limite para barrar essa busca incessante para o gozo, o que ele encontra é a própria morte.” (Maliska, 2017, p. 21)

Lacan diz, no seminário X, que “o sintoma, por natureza, é o gozo, não se esqueçam disso, gozo encoberto...” (2005, p. 140)

Com o intuito de trazer aspectos sobre a formação do sintoma, retomo o começo de meu trabalho, onde articulei o fato de que o sujeito da psicanálise é um sujeito de linguagem, o que implica que sua vida começa com o desejo do Outro e todo o enigma que se institui a partir de então. Sujeito, quando se depara com a alteridade radical, com o sem sentido do desejo do Outro, é tomado por angústia e logo vai tecendo respostas e sentidos através da articulação significante, da metáfora. A pergunta frente ao desejo do Outro: “que queres?” é respondida, pelo próprio sujeito através do que Lacan denomina de fantasma. Esta maneira peculiar que situa a relação do sujeito com o objeto conforta o sujeito por “dar forma e contorno à incógnita do desejo do Outro.” (Fingermann & Dias, 2005, p. 65) Sintoma e fantasma são respostas para o não encontro com o real, para se defender da angústia de castração.

“O homem sempre pensa com a ajuda das palavras. E é neste encontro entre estas palavras e seu corpo onde alguma coisa se esboça.” (Lacan, 1975) O que aparece no corpo, sinônimo de gozo,

inscrito pela linguagem, traz a marca do efeito de sentido que comporta o significante. “O gozo não é exatamente no corpo, mas nos significantes do Outro que o simbolizam.” (Maliska, 2017, p. 147) Frases como “sinto isso no meu corpo”, “parece que está incrustado na minha carne”, “o que eu faço me dói por inteiro”, são falas recorrentes trazidas por analisantes.

É importante salientar que tomamos como sintoma psicanalítico apenas o que nos é endereçado em análise. Diferentemente do sintoma médico, o inconsciente, um ato falho ou um sintoma psicanalítico só tem lugar na transferência, endereçados ao analista. Retomo aqui meu título e o vejo ganhar força.

Ao contrário do pensamento leigo e racional de que alguém busca análise para a cura de seu sintoma, percebe-se que, “quando alguém resolve procurar um psicanalista é, na maioria das vezes por que seus sintomas perderam a função de preservá-lo da angústia.” (Fingermann & Dias, 2005, p. 65) O pedido inicial de um analisante, muitas vezes pode ser entendido como: como é que eu faço pra tudo voltar como era antes? O que é que eu faço com isso que eu percebo hoje, que eu fingia não perceber? Quando, nas sessões iniciais, perguntamos sobre desde quando acontece o que lhe incomoda, não é raro que eles se surpreendam ao responder “acho que sempre foi assim”.

A psicanálise não visa curar o sintoma. Entende, antes, que o sintoma é um dizer que faz suplência à castração. Uma resposta do sujeito, por via significante, ao se defender da angústia que sente ao se deparar com a falta, com a castração. Para se defender do horror de não haver um que goze infinitamente, denunciando que assim, ele mesmo não chegará a esse gozo mítico, suposto de que há a possibilidade de viver no “paraíso”, cria-se uma história, um mito fantasmático, uma articulação significante que, como um engodo, mantém uma ideia de que este dia ainda vai acontecer.

Assim, entende-se que o sintoma é uma defesa a qual o sujeito se aferra para não lidar com isso que aponta para o Real. De que não há essa completude, a não ser ilusoriamente pela via do imaginário. Surpreende o fato de ser evidente nos analisantes que o sujeito não quer se desfazer do sintoma. Harari diz que “o analisante ama a seu sintoma como a si mesmo”. (Maliska, 2017, p. 44)

Ademais, em casos em que o analisante

chega sem uma resposta para esse mal-estar que o incomoda, é trabalho da análise permitir a construção de um sintoma sobre o qual o analisante endereça ao analista um pedido de que isso “se arrume”, visto que o sintoma não visa a cura, mas sim, sua investigação. Qual a implicação do sujeito no sintoma. O que é que há por trás, ou por debaixo, ou por melhor dizer, o que é que está como causa do sintoma. Se temos em vista que o que causa o sintoma é a própria defesa da castração, há toda uma série de sentidos que, ao cristalizarem, dão lugar e corpo ao sintoma para justamente não se haver com a castração. O analisante endereça ao analista um pedido de resposta que faça sentido sobre seu mal-estar, tendo em vista que supõe que há alguém que tenha um saber completo, haveria alguém que saberia o porquê de seu sintoma e espera então do analista no lugar de Outro, uma resposta sobre seu sintoma.

Dominique Fingermann diz que “a clínica psicanalítica, o desejo do analista, suporta o real impossível de suportar” (Fingermann & Dias, 2005, p. 60). Assim, o analista institui a transferência pelo suporte do sujeito suposto saber e suporta o que o analisante vem dizer sem responder à demanda que o mesmo o endereça e sem recuar de sua posição. Se o sintoma é uma maneira de lidar com o Real, a análise seria outra maneira. O analista suporta o Real, como aposta de que o sujeito em análise, também suporte o Real sem a necessidade de se defender dele.

O analista, ao ser demandado por uma resposta, sustenta o desejo de analista, não respondendo à demanda do analisante. Faz isso, reenviando a questão e deslocando novamente o saber para o analisante, pois o saber está nele, ainda que não o saiba. Ou, ainda que não saiba que o sabia. Assim, busca a retirada, a quebra de sentidos cristalizados que sustentam o gozo atrelado ao sintoma. “O sujeito goza com o sentido construído sobre o seu sintoma, ainda que o sintoma não tenha um sentido próprio ou predefinido, o sujeito goza com o sentido que foi construído ou atribuído ao sintoma.” (Maliska, 2017, p. 44) É importante salientar que a interpretação analítica não tem o intuito de explicar ou dar sentido ao sintoma. A interpretação analítica, ao contrário, insere

"A interpretação analítica, ao contrário, insere enigma, provoca quebra de sentido."

enigma, provoca quebra de sentido. Ao cair do lugar de analista, trazendo sentido ao sintoma, o analista apenas ajuda na manutenção do sintoma que tem seu gozo atrelado ao sentido.

O objetivo da análise não seria acabar com o gozo, ou com o sintoma atrelado a este gozo, mas sim, transformar o gozo sintomático em um gozo produtivo que Lacan chama de "Sinthome". Maliska (2017) diz:

"é necessário renunciar a esse impossível, sem limites, uma vez que implica em abdicar do fantasma da completude. O sujeito supõe que o Outro tem um gozo absoluto e a partir dessa suposição sofre de uma maneira muito particular. O trabalho da análise visa a renúncia desse suposto gozo, ou seja, renunciar ao próprio fantasma que imaginariamente constrói o gozo." (p. 122)

Faço um breve comentário hoje do tanto que surge de angústia na atualidade por estarmos rodeados de discursos que pregam que você pode tudo que quiser, que não há limites para quem acredita, que prometem e vendem fórmulas mágicas para conseguir "ganhar o mundo". Acredito que este discurso aumenta a crença de que há um Outro absoluto e é importante pensar no quanto isso vai na contramão do trabalho da análise.

Lacan aponta que a intervenção analítica deve ter o mesmo efeito da poesia, enquanto não fixação de um sentido, mas sim de sua quebra. Trazer o equívoco do significante para que o analisante possa se haver com o sem sentido. Intervenção, não como os versos da música que eu trouxe, que apesar de trazerem a surpresa de um sentido inesperado, insere um novo sentido no lugar. Penso em um verso de uma música da banda Legião Urbana, que se aproxima um pouco mais do efeito que pode ser uma intervenção analítica por não apresentar um sentido fixo e manter um enigma:

"Lá em casa tem um poço, mas a água é muito limpa".
(Urbana, 1989)

A intervenção analítica busca esburacar o discurso do analisante, a quebra de certezas, o questionamento e a derrubada de seus sentidos cristalizados. "Não se trata de introduzir a falta no sujeito, ou no discurso. A falta já existe, basta mostrá-la e torná-la evidente." (Maliska, 2017, p. 119) Um final de análise, segundo Fingermann comporta

o fato de que o sujeito possa "optar por um sintoma que satisfaça o sujeito, mas que não dá satisfação ao Outro, é um sintoma que não intenta completar o furo do simbólico e a castração do Outro e dos outros de sua novela familiar." (Fingermann & Dias, 2005, p. 62) Lacan diz que "o fim de análise é saber se virar com seu sintoma" (Lacan J. , 1976-77, p. 8)

Assim, entende-se que no fim de análise, além de o sintoma ficar sem sentido, a consistência imaginária atrelada ao Outro cai, dando lugar ao sem sentido do desejo do Outro. "Depois de uma análise o sintoma fica sem sentido." (Fingermann & Dias, 2005, p. 68)

Referências

- 1. Checchinato, D. (2007). Psicanálise de pais. Criança, sintoma dos pais. Rio de Janeiro: Cia de Freud.**
- 2. Fingermann, D., & Dias, M. M. (2005). Por causa do pior. São Paulo: Iluminuras.**
- 3. Lacan. (1956). Seminário 4, As relações de Objeto.**
- 4. Lacan. (1975). Conferência em Genebra Sobre o Sintoma.**
- 5. Lacan, J. (1964/2011). Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar.**
- 6. Lacan, J. (1976-77). Seminário 24 "L'insu que Sait de L'une Bévues à Mourre". tradução do espaço moebius.**
- 7. Lacan, J. (2005). O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Zahar.**
- 8. Maliska, M. E. (2017). Gozo(s): do sintoma ao sintome. Campinas: Pontes Editores.**
- 9. Souza, A. (2006). O corpo, do corpo, do corpo. Revista Topos: O corpo. Psicanálise e universidade, 09.**
- 10. Urbana, L. (1989). Há Tempos.**

Topologia e Corpo: algumas reflexões sobre O Seminário 24

Topology and Body: some considerations on Seminar 24/ Topologie et Corps: quelques réflexions sur le Séminaire 24

Ana Márcia Fernandes Tucci de Carvalho¹

Resumo

A conjunção entre Psicanálise lacaniana e Matemática não é estranha àqueles que leem Lacan. O ramo da Matemática conhecido atualmente como Topologia aparece na obra de Lacan. Topologia pode ser descrita como o ramo da Matemática que estuda os espaços, os objetos desses espaços, suas propriedades e suas transformações. Figuras topológicas como a faixa ou banda de Möbius, o toro, a garrafa de Klein e o cross-cap são utilizadas ao longo da obra de Lacan para servir à Psicanálise, pois são representantes dos desdobramentos do percurso analítico e das conduções clínicas. O objetivo deste trabalho é explorar dois desses objetos topológicos, a faixa de Möbius e o toro, e fazer uma articulação com o conceito de corpo na Psicanálise, tomando como texto base o Seminário 24, desenvolvido em 1976-1977. No Seminário 24, essas duas figuras são eleitas para tratar do furo, do buraco. Lacan vai se utilizar do buraco, do furo que existe na figura topológica do toro para representar a estrutura do sujeito, fazendo uma ligação entre o consciente e o inconsciente e vamos tratar das três dimensões do corpo: corpo imaginário, corpo simbólico e corpo real.

Palavras-chave: Psicanálise Lacaniana. Topologia. Corpo.

Abstract

The conjunction of Lacanian Psychoanalysis and Mathematics is not unfamiliar to those who read Lacan. The branch of mathematics known today as Topology appears in Lacan's work. Topology can be described as the branch of mathematics that studies spaces, the objects of these spaces, their properties and their transformations. Topological figures such as the Möbius band or band, the torus, the Klein bottle and the cross-cap are used throughout Lacan's work to serve Psychoanalysis, as they are representative of the unfolding of the analytical path and clinical conduct. The objective of this work is to explore two of these topological objects, the Möbius strip and the torus, and to make an articulation with the concept of body in Psychoanalysis, taking as a base text Seminar 24, developed in 1976-1977. In Seminar 24, these two figures are taken to address the hole. Lacan will use the hole, the hole that exists in the topological figure of the torus to represent the structure of the subject, making a connection between the conscious and the unconscious and we will deal with the three dimensions of the body: imaginary body, symbolic body and real body.

Key-words: Lacanian Psychoanalysis. Topology. Body.

Résumé

La conjonction de la psychanalyse lacanienne et des mathématiques n'est pas étrangère à ceux qui lisent Lacan. La branche des mathématiques connue aujourd'hui sous le nom de Topologie apparaît dans les travaux de Lacan. La topologie peut être décrite comme la branche des mathématiques qui étudie les espaces, les objets de ces espaces, leurs propriétés et leurs transformations. Des figures topologiques telles que la bande ou la bande de Möbius, le tore, la fiole de Klein et le bonnet croisé sont utilisées tout au long de l'œuvre de Lacan au service de la psychanalyse, car elles sont représentatives du déroulement du chemin analytique et de la conduite clinique. L'objectif de ce travail est d'explorer deux de ces objets topologiques, la bande de Möbius et le tore, et de faire une articulation avec le concept de corps en psychanalyse, en prenant comme texte de base le Séminaire 24, développé en 1976-1977. Dans ce séminaire ces deux chiffres sont pris pour adresser le trou. Lacan utilisera le trou, le trou qui existe dans la figure topologique du tore pour représenter la structure du sujet, faisant un lien entre le conscient et l'inconscient et nous traiterons des trois dimensions du corps: corps de l'imaginaire, corps du Symbolique et corps du Réel.

Mot-clés: Psychanalyse lacanienne. Topologie. Corps.



O trabalho com a psicanálise de orientação lacaniana exige o contato com alguns conceitos matemáticos. Há um percurso que Lacan desenvolve, partindo de conceitos algébricos, os matemas, para, em seus últimos seminários, o uso da Topologia.

Topologia é a junção de duas palavras gregas, *topos*, lugar, e *logos*, estudo. Topologia pode ser descrita como o ramo da Matemática que estuda os espaços, os objetos desses espaços, suas propriedades e suas transformações. Rodrigues (2013) ressalta que em 1679 Leibniz definiu essa área de estudos como *analysis situs* (estudo do lugar). Todavia, ficou reconhecida através dos trabalhos de Leonard Euler (1707 – 1783), quando resolveu um problema que hoje é tomado dentro da teoria dos grafos.

Lacan afirma em 1978, para abrir seu último seminário, “há uma correspondência entre a Topologia e a prática”, e aponta o tempo como o elemento que permite que a correspondência seja efetuada. Para Darmon (1994), Lacan introduz o uso dos modelos topológicos para ilustrar certos aspectos da lógica do inconsciente que seriam paradoxais. A lógica clássica baseia-se nos princípios da identidade e da não-contradição. Assim, vale que $A=A$, uma coisa é igual a ela mesma e não pode ser simultaneamente A e não A. Mas a lógica do inconsciente não respeita esses princípios da lógica clássica e admite que $A=A$ e $A \neq A$ coexistam. Para este autor, “contrariamente ao significante formalizado da lógica matemática, o significante natural é por princípio não-idêntico a si mesmo, e o

"Vejo a topologia em Lacan como meio de apontar duas questões: primeiramente, serve a ele para um acontecer da clínica, para expor os conceitos clínicos e serve para pontuar que assim como as deformações que ocorrem nos espaços topológicos, permitindo transformações, também na clínica as deformações, transformações têm seu lugar."

equivocodá-se conforme as conveniências” (DARMON, 1994, p.125). Esse equívoco é levado às últimas consequências quando a topologia do toro é evocada, pois se é claro na geometria euclidiana plana que um círculo separa o plano em duas partes, uma interior e outra exterior, o mesmo

círculo traçado agora sobre a superfície de um toro não terá o mesmo efeito, e assim, teremos $A \neq \text{não } A$.

Rodrigues (2013) assinala que podemos distinguir no ensino de Lacan dois tempos de uso da topologia, um primeiro quando faz uso dos objetos topológicos como o faixa ou banda de Möbius, o toro, a garrafa de Klein e o cross-cap; o segundo seria marcado pela utilização da teoria dos nós, com o nó borromeano. Em ambos momentos, há também um recurso utilizado por Lacan para modificar a estrutura: o corte.

Figura 1: Faixa de Möbius e o toro



Fonte: Lacan, 1976/1977, p.13 -14

As propriedades topológicas desses dois objetos permitem a Lacan explorar várias nuances da clínica, por exemplo, vamos tomar a faixa de Möbius. A faixa não tem direito, nem avesso, ao percorrermos sobre sua superfície passamos de dentro para fora, ato contínuo, dizemos que é não orientável.

O corte, por sua vez, modifica a estrutura matemática: o objeto transformado deixa de ser homeomorfo ao original, não podemos considerá-lo com as mesmas propriedades. O corte produz uma ruptura. Lacan vai tomar o corte como maneira de apontar a possibilidade de percorrer o espaço, transformando o interior no exterior e vice-versa. Rodrigues (2013) aponta que “no giro dos discursos é o corte – o espaço que permite o movimento -, e a topologia vem tratar desse espaço. O sentido tem a ver com a orientação, com a direção do tratamento” (RODRIGUES, 2013, p. 18).

Assim, vejo a topologia em Lacan como meio de apontar duas questões: primeiramente, serve a ele para um acontecer da clínica, para expor os conceitos clínicos e serve para pontuar que assim como as deformações que ocorrem nos espaços topológicos, permitindo transformações, também na clínica as deformações, transformações têm seu lugar. Mas aqui temos que pontuar, não se trata de anulamento dos ensinamentos anteriores,

trata-se de composição, de deformação contínua: mantemos o anterior, mas agregando novas concepções, num traçado ininterrupto, passando de um ponto teórico a outro.

Corpo e Topologia

O título d'O Seminário, Livro 24 de Jacques Lacan é *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*, título que não foi traduzido e cuja homofonia remete à *L'insuccès de l'Unbewusste c'est l'amour* e que pode ser traduzido, livremente por 'o fracasso do inconsciente é o amor'. A expressão *l'une bévue* é apontada como uma contradição, “*l'une bévue* é um todo falso”, diz Lacan na lição de 14 de dezembro de 1976, a segunda lição do seminário 24; todo aqui em contraposição à parte. Lacan usa a homofonia entre *l'une bévue* e *Unbewusst*, termo freudiano para Inconsciente. *l'une bévue* é equívoco. Um equívoco, remetendo ao fato de que há nas manifestações do inconsciente – sonhos, atos falhos, chistes e sintoma – algo que rateia, algo que assinala um não recobrimento perfeito de superfícies.

No Seminário 24 (LACAN, 1976 – 1977), ambas as figuras (faixa de Möbius e toro) são tomadas para tratar do furo, do buraco. O buraco pode ser visualizado na faixa de Möbius, a qual irá romper a noção de bilateralidade, ‘conjuga o direito com o avesso’ (LACAN, *ibid*, p.25), e Lacan se questiona, “Será que a uma banda de Möbius é um buraco? É evidente que ela tem bem o ar disso, há aqui um buraco, mas será um verdadeiro buraco? [...] uma banda não é nada de outro senão um corte ... um corte entre um direito e um avesso” (LACAN, *ibid*, p.25). Lacan usa uma banda de Möbius dupla para sustentar “uma imagem daquilo que é da (ordem) da ligação entre o consciente e o inconsciente” (LACAN, *ibid*, p.26) e Lacan afirma “O consciente e o inconsciente comunicam e são sustentados por um mundo tórico”; esse toro pode ser recortado para se fazer uma banda de Möbius dupla, é ele próprio um buraco e ‘representa o corpo’ (LACAN, *ibid*, p.28). É possível obter a faixa de Möbius a partir do toro, usando-se um corte e uma meia volta de torção. Assim, a pontuação de Lacan, a passagem do toro à faixa de Möbius ressalta a importância do corte: “é ao dividir o toro em duas folhas capazes de fazer uma dupla volta que nós reencontramos a superfície, quer dizer, alguma coisa que a

" Se Lacan faz uso do buraco, do furo que existe na figura topológica do toro para representar a estrutura do sujeito, fazendo uma ligação entre o consciente e o inconsciente, abarcando as três dimensões do corpo: corpo imaginário, corpo simbólico e corpo real, é a língua que permite a marca que constituirá sujeito."

nossos olhos é mais segura, é mais segura, em todo caso, para fundar o que é do buraco" (LACAN, *ibid*, p.28). "Um toro se caracteriza inteiramente, especificamente por ser um buraco" (LACAN, 1976/1977, p.60). Há o furo e há uma possibilidade de 'deformação' contínua de uma forma.

Assim, o ponto a ser observado é a relação entre a estrutura topológica, matemática e a possibilidade de utilização dessas propriedades matemáticas, dessa estrutura, na clínica psicanalítica. No toro, há um 'furo', um buraco interno, central, como diz Lacan nesta lição "a estrutura do homem é tórica" (LACAN, 1976/1977, p.21) e, em seguida, aqui representando que 'quando eu quebro a superfície [...], o buraco é um buraco na superfície, uma superfície tem um direito e um avesso [...] isso significa que um buraco é o buraco do direito mais o buraco do avesso" (LACAN, 1976/1977, p.25). Há exploração das noções de interior/exterior, 'dentro/fora' e o corpo. Lacan afirma que o espaço produz uma verdade que é a verdade do corpo. "O corpo, neste caso, é alguma coisa que não se funda senão sobre a verdade do espaço" (LACAN, 1976/1977, p.38). Apontando que o corpo considerado como estrutura comporta o espaço que o funda.

Mas o que é o corpo para a psicanálise?

O corpo lalinguageiro é o corpo do ser falante, o corpo do falasser, que está preso e determinado pelos significantes da língua materna, diz Quinet (2017).

Lacan propõe quatro discursos, alternado posições e funções, recorrendo à escrita algébrica para tratar quatro modos de estruturação do laço social: discurso do mestre, discurso da histérica, discurso do universitário e discurso do analista. Não se trata aqui de discorrer sobre os discursos e as funções, mas destacar que por meio desses discursos Lacan estabelece uma correlação entre a definição de significante e representação, uma vez que, "Na definição de significante, é preciso entender que o significante representa no sentido de representante, e não no sentido de representação" (DARMON, 1994, p. 213). Uma vez que o discurso do mestre aponta para um sujeito que sabe, o discurso da força, o discurso do poder; escondendo na posição da verdade o sujeito, logo um sujeito que sabe ao invés de um sujeito

suposto saber: temos que o discurso do mestre é o avesso do discurso do psicanalista, que coloca no cerne da questão o sujeito suposto saber. Suposição de saber vinculada ao desejo, à presença do analista, fundada na fala não vazia. Para Lacan (2012), quando o discurso analítico não funciona, o discurso que funciona consegue aprisionar os corpos. No discurso do mestre, os corpos estão petrificados. E diz Lacan "entre o corpo e o discurso há algo em que os analistas se deleitam [...] afetos. É evidente que vocês são afetados em uma análise" (LACAN, 2012, p.220) e Lacan continua: O que há no discurso analítico, entre as funções de discurso e o suporte corporal, que não é a significação do discurso, que não se prende a nada do que é dito? Tudo o que é dito é semblante. Tudo o que é dito é verdade. Ainda por cima, tudo o que se diz faz gozar. Porém, em análise, a função da fala é fundamental, como sabemos, a fala constitui sujeito e "que se diga, como fato, fica esquecido por trás do que é dito" (LACAN, 2012, p.221); frase que também se encontra no início do texto "o Aturdido", de 27 de janeiro de 1972, o dizer fica esquecido por trás do dito. Assim, Lacan, mais uma vez, convoca a função da fala, a importância do dito em análise. "o que é dito não está noutro lugar senão no que se ouve. É isso a fala" (LACAN, 2012, p.221). Os efeitos da linguagem. Lacan insiste que a mensagem é invertida, a linguagem não se restringe à comunicação, esta não existe, mas os efeitos desta no sujeito, o que se diz nunca coincide com o outro que escuta. A identidade $A=A$ não vale para a psicanálise, como já dissemos anteriormente. A mensagem é sempre recebida de forma invertida, faz

marca: “palavras introduzem no corpo algumas representações imbecis”, afirma Lacan em “A terceira” (LACAN, 1974).

Corpo do imaginário, corpo do simbólico e corpo do real. RSI, os três registros. Em primeiro lugar, não são três corpos, ou melhor, são três corpos em um corpo. São três dimensões do mesmo corpo, abarcando características dos registros que ‘os contém’. Seria uma forma mais ‘didática’ para apropriação do conceito corpo. O que é o corpo para a Psicanálise? Pergunta legítima, que tem me ron-dado. Fazendo ronrom, lembro de Lacan, em “A Terceira”, assinalando que o ronrom é o gozo do gato, “a voz sob a rubrica dos quatro objetos-a (voz, olhar, seios e fezes)”, objetos que, nos dizeres de Lacan, fendem o sujeito. O corpo do real, “que não se sabe como ele aparece” (LACAN, s/d, p.10).

Quinet (2017) propõe a palavra ‘histoérico’ e nos diz que o corpo ocupa espaço, tem forma, pode ser manipulado pode ser tocado, pode ser partido, pode ser despedaçado. O corpo tem nome, a anatomia nos prova, cada osso, cada parte, cada pequeno nervo. O corpo, quer imaginário, quer simbólico, não é necessariamente o corpo vivo, pois o cadáver também tem essas características. O corpo que interessa à Psicanálise é o corpo da pulsão: a pulsão que confere vida ao corpo. Segundo Quinet (2017), “eco no corpo do dizer do Outro”, fazendo do corpo a tela da pulsão escópica a tatuagem, o piercing, o *body art*, a face e a maquiagem, não mais são lugares únicos para a pintura corporal.

O corpo imaginário, constituído pela imagem especular através do espelho do ideal do Outro, é tecido de linguagem e mortificado pelo significante ao ser tomado no registro simbólico. Para Lacan, o corpo é o suporte da relação do sujeito com o significante. Trata-se de um corpo falante. Esse corpo falante é sede de *lalíngua*, corpo do falasser.

Trata-se de um corpo falante. *Lalíngua* é o balbucio, o tati-bi-tati, a lalação, termo do qual Lacan extraiu a aproximação. De acordo com Quinet (2017), Lacan inventa o termo *lalangue* a partir de um ato falho, ou de um chiste, com o equívoco entre *Lalande* e *lalangue*.

Lalande é o nome de um conhecido dicionário de filosofia da língua francesa. *Lalangue*, *lalíngua*, é justamente a língua que escapa do dicionário, na medida em que está para além do campo semântico, para além dos sentidos das palavras. ... é através do sintoma que *lalíngua* faz do corpo um corpo falante (Quinet, 2017, p. 81).

E, se com Lacan aprendemos que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, também ele nos diz que não é por ser assim que “*lalíngua* não tenha que jogar contra seu gozar...o inconsciente [é] um saber que se articula de *lalíngua*” (LACAN, 1974, p. 8). O corpo é um corpo falante porque traz marca de *lalíngua*.

Quinet (2017, p. 85) ilustra o *sinthoma* depositado por *lalíngua* no corpo com o fragmento a seguir.

Circulação. Um paciente estava muito ansioso com a aproximação da data em que deveria entregar seu apartamento alugado. O proprietário nem lhe confirmava que ele poderia permanecer, nem que deveria partir. A angústia relativa à possibilidade de ser desalojado, despejado, cedia o lugar a preocupações com o corpo, ou seja, ideias hipocondríacas sem, no entanto, a angústia desaparecer totalmente. Ele havia investido muito naquele apartamento e não queria sair de lá e ter que ficar mudando de um lado para outro. E sua situação, atualizando a questão sobre o lugar do desejo do Outro, transformou-se em acontecimento do corpo, ou seja, um sintoma. Passou a sentir dores nas pernas e ficou imaginando que tinha problemas de circulação e temia não poder mais andar. Seu sintoma corpo responde assim a seu desejo de permanecer e não circular.

Desta feita, se Lacan faz uso do buraco, do furo que existe na figura topológica do toro para representar a estrutura do sujeito, fazendo uma ligação entre o consciente e o inconsciente, abarcando as três dimensões do corpo: corpo imaginário, corpo simbólico e corpo real, é *lalíngua* que permite a marca que constituirá sujeito.

Muitas são as questões que merecem continuidade: como se produzem os efeitos da linguagem sobre o corpo? O que o corpo comporta/suporta com os efeitos de linguagem? Como a teoria do nó borromeano, que não abraçamos aqui, pode contribuir para explorar as produções clínicas? Questões ainda a serem desenvolvidas.

Referências

1. Lacan, J. (1985). O seminário, livro 3: as psicoses (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
2. Lacan, J. (1988). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-64). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
3. Lacan, J. (1998). Subveersão do sujeito e dialética do desejo. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, p. 822
4. Lacan, J. (1999). O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
5. Lacan, J. (2001). O ato psicanalítico (1967-68). Porto Alegre: Escola de Estudos Freudianos.
6. Lacan, J. (2007). O seminário, livro 23: sinthoma (1975-76). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor.
7. Lacan, J. (2016). O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação (1958-59). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor
8. Lacan, J. (sd). L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre (1976-1977). Salvador: Edição heReSIa
9. Porge, E. (2014). Voz do eco. Campinas: Mercado das Letras.
10. Torezan, Z. (2014). O nome que cada um faz. <https://www.associacaolivrepsicanalise.com.br/o-nome-que-cada-um-faz/>
11. Torezan, Z. (2017). Paradoxos. Topos, n.14. p.24-29. <https://www.espaco-moebius.com.br/revistatopos>
12. Torezan, Z. (2019). Por uma razão. Revista ALPL, n.2. <https://www.associacaolivrepsicanalise.com.br/revista-alpl/>

Dar ao Real seu lugar

Give Real Your Place / Donner au Réel sa place

Carolina Moreno de Araújo Moreira¹

Resumo

Este artigo é o resultado de um trabalho de cartel realizado na Associação Livre Psicanálise em Londrina durante os anos 2018 e 2019, cujo eixo foi o seminário XXI de Lacan: “Os não-tolos vagueiam” (1973-1974). Pretende-se realizar algumas observações e recortes do que se considerou como as idéias centrais trazidas por ele neste período de seu ensino e ressaltar a ênfase que Lacan deu ao Real, ao inominável e ao não-todo que comporta a verdade da estrutura do sujeito. Um dos pontos norteadores utilizados por ele foi afirmar que a verdade do sujeito é o dizer do nó e que ela só se pode meio dizer. No dizer do nó há o sentido do Imaginário, o saber do Simbólico, mas há também algo que escapa a essas duas ordens. Há sempre o Real enquanto três operando ao mesmo tempo na estrutura do sujeito. E este, para lidar com o dizer verdadeiro de sua estrutura, o dizer que é não-todo, desarmonico e desencaixado, terá que inventar saídas particulares, inventar algo a fazer com este buraco do Real. É disso que se trata em uma análise, de fazer a irrupção desse saber da verdade desarmonica, aprender a fazer com os efeitos das três dimensões, do Real, Simbólico e Imaginário que afetam o sujeito o tempo todo. Para tal, o analista não deverá compreender demais, ao contrário, é preciso deixar-se levar, ser tolo da estrutura de quem a ele se dirige. Dando ao Real, ao não-todo e ao inominável, o seu lugar, pois quem não está enamorado de seu inconsciente, do saber desarmonico, erra.

Palavras-chave: Real. Verdade. Inominável.

Abstract

This article is the result of a cartel work, carried out at the Free Association Psychoanalysis in Londrina during the years 2018 and 2019, whose axis was Lacan's XXI seminar: “The non-fools wander” (1973-1974). It is intended to make some observations and excerpts of what were considered as the central ideas brought by him, in this period of his teaching. One of the guiding points used by Lacan in this seminar was to affirm that the subject's truth is the saying of the knot, and that it can only be half said. Lacan specified that in saying the knot there is the meaning of the Imaginary, the knowledge of the Symbolic, but there is also something that escapes these two orders, there is always the Real as three, operating at the same time in the structure of the subject. And this one, in order to deal with the true saying of its structure, the saying that it is not-all, inharmonious and out of place, will have to invent particular exits, invent something to fill the hole in the Real. Lacan states that this is what an analysis is all about, to make the irruption of this knowledge, to bring in the truth of this disharmony, so that the subject can invent something based on it, learn to do with the effects of the three dimensions, of the Real, Symbolic and the Imaginary that affect you all the time. For this, the analyst must not understand too much, on the contrary, he must let himself be carried away, be a fool of the structure of those who address him. Giving the Real, the not-all and the unnamable, its place, because whoever is not in love with his unconscious, with disharmonious knowledge, makes a mistake.

Key-words: Real. Truth. Unnamable.

Résumé

Cet article est le résultat d'un travail de cartel, réalisé à l'Association Psychanalytique Association Livre Psicanalyseem Londrina, au cours des années 2018 et 2019, dont l'axe était le séminaire XXI de Lacan: «Les non-dupent errent» (1973-1974). Ceci prétend faire quelques observations et coupures de ce qui a été considéré comme les idées centrales qui ont été apportées au cours de cette période de son enseignement. La vérité du sujet est de dire du nœud, et on ne peut le dire qu'à moitié, a insisté Lacan tout au long du séminaire, soulignant que, dans le dire du nœud, il y a le sens de l'Imaginaire, le savoir du Symbolique, mais il y a aussi quelque chose qui échappe à ces deux ordres, il y a toujours le Réel en tant que trois, opérant en même temps, dans la structure du sujet. Pour faire face à ce qui est véritable dans ce qui est dit de la structure, ce qui est dit, qui est pas-tout, inharmonieux et détaché, chaque sujet devra inventer des solutions particulières: nous inventons quelque chose pour combler le trou du Réel. Et c'est de cela qu'il s'agit dans une analyse, de faire émerger cette connaissance, de faire entrer la vérité de cette disharmonie, pour que le sujet puisse inventer quelque chose à partir de cela, apprendre à faire avec les effets du Réel, du Symbolique et de l'Imaginaire qui l'affectent tout le temps. Pour rendre cela possible, l'analyste ne doit pas trop comprendre, au contraire, il faut se laisser conduire, être dupé de la structure de ceux qui s'adressent à lui. Donnant place au Réel, au pas-tout et à l'indicible, car qui n'est pas amoureux de son inconscient, le savoir disharmonieux, erre.

Mot-clés: Réel. Vérité. Indicible.



Ainda nas primeiras páginas do Seminário XXI de Lacan, “Os não-tolos vagueiam” (2016) na nota do tradutor uma frase escrita pela psicanalista Letícia Fonsêca chama a atenção:

“O que importa não é o nó em si, mas seu dizer, o que ele coloca em evidência e suas consequências”

Por reconhecer a importância de preservar o estilo e a subjetividade do autor, aqueles que se engajaram nessa tarefa procuraram manter-se fiéis à letra, evitando, em nome de qualquer elucidação que seja, dizer mais do que o próprio texto. (Fonseca, 2016, p. 5 in Lacan, 2016)

Uma frase que por si só já diz muito, não é mesmo? E após a leitura do seminário em questão pode-se fazer uma aposta de que esta frase não serve apenas como um cuidado de não induzir o leitor, mas também, já nos introduz diretamente para uma questão central do seminário: o fato de que é tolice dizer mais do que o próprio texto de alguém. Pois, conforme o trabalho tentará mostrar, é preciso dar ao Real, ao inominável, o seu lugar.

Lacan (2016) insistiu ou, como ele mesmo disse, “martelou as nossas orelhas” com a fala de que a verdade sobre a verdade é “que ela só se pode meio dizer”. (Lacan, 2016, p.110)

Esta verdade que ele se refere é a verdade da estrutura do sujeito que pode se definir também, como “o acontecimento de um dizer” (Lacan, 2016, p. 70), ela é composta, segundo ele, por três “diz-mansões” (Lacan, 2016, p.14), Real, Simbólico e Imaginário. Ele parte da palavra dimensão para inventar esse neologismo, “diz-mansão” (dit-mansion, em francês), brincando com as palavras dit (dito, dizer) e “mansion” (abrigo, mansão) que resulta em lugar do dizer, onde se situa o dizer.

E então, para fazer a escrita dessa estrutura de três “dizmansões”, ou a estrutura “tresada”, como também a chamou (fazendo alusão as três “dizmansões” citadas acima), Lacan (2016) utiliza-se da figura topológica do nó borromeu. Este nó tem as seguintes propriedades: três cordas se enodam ao mesmo tempo, de tal forma que, se cortarmos uma, liberam-se as outras duas. A partir das propriedades do nó, Lacan (2016) formaliza que as três “dizmansões” (Real, Simbólico e Imaginário), enodadas borromeamente, são estritamente equivalentes e tem a mesma consistência. Em um dado momento do seminário, Lacan (2016) se faz uma pergunta, a qual ele mesmo responde:

Para que me serve, então, este meu nó borromeu a três? Ele me serve, se posso dizer, para inventar a regra de um jogo, de tal maneira que se possa imaginar, a partir dela, a relação do Real, propriamente, com o que é do Imaginário e do Simbólico, o que quer dizer que o Real, a respeito do que destacamos por uma certa experiência com o Imaginário e o Simbólico, é o que faz três. Faz três e nada mais. (Lacan, 2016, p. 156)

Vê-se então que, em suma, o nó permite presentificar o registro do Real na estrutura do sujeito, e este enquanto sujeito do inconsciente, “é apenas paciente dessa triplicidade” (Lacan, 2016, p.108). Lacan (2016), ainda nos adverte que o que importa não é o nó em si, mas seu dizer, o que ele coloca em evidência e as suas conseqüências. Esse dizer do nó é da ordem do acontecimento, “é alguma coisa que, participa do que nos determina, enquanto não é completamente o que se crê” (Lacan, 2016, p.70). Tem uma face imaginária e uma face simbólica, mas “é completamente Real e, portanto, qualquer que ele seja, esse acontecimento, cada um de nós pode dar-lhe o sentido que ele tem” (Lacan, 2016, p.75), e é por isso que “para cada um de nós, neste nó, temos suportes bem particulares”. (Lacan, 2016, p. 70) Isso faz ressoar o que Lacan repete ao longo de todo o seu ensino, quando diz que enquanto analistas, não se trata de compreender demais, muito menos de fazer interpretações precipitadas. Neste seminário não foi diferente, em várias passagens ele continua a reiterar isso: “não há nada a fazer, senão deixar seguiras seqüências” (Lacan, 2016, p. 52), é preciso colar no saber inconsciente, “afinal de contas é o nosso único lote de saber” (Lacan, 2016, p.26); “só se tem que deixar rolar, ser o tolo” (Lacan, 2016, p. 265). Conforme Lacan (2016) vai avançando, vai ficando cada vez mais evidente que ele destaca que, no dizer do nó, há o sentido do Imaginário, o saber do

“Que o sujeito possa aprender a fazer algo com esse saber inconsciente, que possa inventar saídas para esse saber que insiste em lembrá-lo de sua “ex-sistência” desarmônica, de sua relação perturbada com o mundo, com as coisas e com as pessoas.”

Simbólico, mas há também algo que escapa a essas duas ordens, há sempre o Real enquanto três, operando ao mesmo tempo na estrutura do sujeito. Para explicitar ainda mais isso, ele se utiliza do termo, que também é de sua invenção, a “ex-sistência” do sujeito, ou seja, a existência de uma insistência de fora do campo da linguagem (por isso destaca o termo “ex”, como algo que é externo), que só se pode meio dizer, e que também compõe a estrutura do sujeito. E é com a escuta desses dizeres do nó, desses embaraços (que enodados fazem três) que se opera na clínica psicanalítica. A esse respeito, Sílvia Amigo (2007), em seu livro “Clínica dos fracassos da fantasia”, propõe que o desejo do analista pode-se descrever como um “deixar-se levar”, ser tolo da estrutura de quem ao analista se dirige: “Um tolo não é alguém que aceita qualquer coisa, mas que se submete às leis da estrutura, não as discute. O analista deverá ser tolo da estrutura de quem o consulta” (Amigo, 2007, p.266)

Portanto, em uma análise, deixar-se levar pela estrutura, é também se debruçar sobre o não saber, é desprender-se do sentido da queixa, é poder fazer a escuta da letra, isto é, o que se pode encontrar para além, o Real enquanto três.

Nas palavras de Lacan (2016), “no que eu faço aqui como analista, já que é daí que eu falo: eu não descobro a verdade... eu a invento” (Lacan, 2016, p. 137). Inventa-se algo, para lidar com o dizer verdadeiro da estrutura, o dizer do saber inconsciente que é um saber desarmônico, desencaixado, é o saber da não relação sexual, da morte, do impossível, “todos nós inventamos algo para preencher o buraco do Real”. (Lacan, 2016, p.143)

Aliás, Lacan (2016) também diz que é por conta desse vazio, do furo do Real, que todo avanço e toda invenção é possível. As invenções só se dão por quem se debruça sobre o não-saber. A saber, inventar, também pode ser o mesmo que bordejar o Real da estrutura, o conceito de fantasma, por exemplo, que também pode ser definido como essa saída do sujeito, como uma forma, uma invenção singular para dar conta de escrever algo deste Real, de bordejá-lo e dar-lhe alguma simbolização.

"Não se trata de produzir mais desordem no mundo, mas, no discurso analítico, trata-se de fazer surgir na cena e de ler o não-todo"

Ali onde há o vazio, inventa-se.

Aurélio Souza, em uma "live", disponível no Instagram do Espaço Moebius-14 de julho de 2020, também discorreu um pouco sobre o assunto:

O sujeito inventa o saber inconsciente que o determina, pois como um artesão, precisa aprender a se desembaraçar, aprender a como fazer com esses efeitos que marcam a sua "ex-sistência", como fazer com essas três dimensões, do Real, Simbólico e Imaginário que o afetam o tempo todo. (Souza, 2020)

É isto, portanto, que visa um trabalho analítico, que o sujeito possa aprender a fazer algo com esse saber inconsciente, que possa inventar saídas para esse saber que insiste em lembrá-lo de sua "ex-sistência" desarmônica, de sua relação perturbada com o mundo, com as pessoas e com as coisas.

Segundo Lacan (2016), esse é o princípio do discurso analítico, fazer entrar a verdade dessa desarmonia, do desencaixe, do embaraço, para que se possa inventar algo a partir disso. Não se trata de produzir mais desordem no mundo, mas, no discurso analítico, trata-se de fazer surgir na cena e de ler o não-todo.

Nesta cena analítica, o analista é sempre o saber suposto, pois quem detém o saber da verdade de seus embaraços é o próprio sujeito, mesmo que muitas vezes ele não queira saber disso. Logo, na transferência, não se descobre um saber, "faz-se apenas a irrupção dele". (Lacan, 2016, p. 174)

"O analista é fogo fátuo e isso não faz fiat lux". (Lacan, 2016, p.216). Esta fala de Lacan me remeteu a uma frase da psicanalista, Angela Valore, em seu artigo chamado: "Saber Ler-Comentário sobre a formação do analista": "Para escutar a letra no que se diz, não é preciso ser iluminado, é preciso saber ler". (Valore, 2013). Ler o que se diz neste saber desarmônico de cada um.

Dias atrás, em meio às leituras e pesquisas para a produção deste trabalho, encontrou-se, "ao acaso", um documentário de José Miguel Wisnik

(2017) comentando sobre a vida e obra de Clarice Lispector. Uma frase salta aos ouvidos:

A escrita da Clarice pede continuamente para que a gente não explique demais, que a gente não entenda demais, que a gente não queira nomear a coisa. A coisa tem que ser nomeada e desnomeada continuamente, a esse nome nunca se chega propriamente. (Wisnik, 2017)

Parece que isso pode muito bem ser articulado ao que Lacan (2016) insistiu neste seminário. De que é preciso ceder para a tolice, ser tolo do Real e não dar nome a todas as coisas, pois quem se veste de muito saber e sentido e "quem não está enamorado de seu inconsciente, erra" (Lacan, 2016, p. 264).

Para finalizar o trabalho, que pretendeu principalmente, como seu título disse, "Dar ao Real seu lugar", ou seja, dar lugar ao inominável, bordejando-o, presentificando-o, fazendo uso dele de alguma forma, conluo com um poema da citada, Clarice Lispector, intitulado, "como se chama?":

Se recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto - como se chama o que sinto?
Uma pessoa de quem não se gosta mais, e que não gosta mais da gente - como se chama essa mágoa e esse rancor?

Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota - como se chama o que se sentiu?
O único modo de chamar é perguntar: como se chama?
Até hoje, só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? E este é o nome! (Clarice Lispector, 1999)

1. AMIGO, S(2007). Clínica dos fracassos da fantasia.Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
2. LACAN, J (2016). Os não- tolos vagueiam (1973-1974). Publicação não comercial. Circulação exclusiva para os membros do Espaço Moebius Psicanálise. Salvador, Bahia.
3. LISPECTOR, C (1999). Para não esquecer (1964- 1ª edição). São Paulo: Editora Rocco.
4. SOUZA, A (2020). Live (data: 14/07/2020): “A Psicanálise precisa de inovações?”. Disponível no Instagram do Espaço Moebius (@espacomoebius).
5. VALORE, A (2013). “Saber ler- Comentário sobre a formação do analista”. Curitiba: Artigo publicado e disponível no site da Letra- Associação de Psicanálise. https://letrapsicanalise.files.wordpress.com/2015/08/saber_ler.pdf
6. WISNIK, J M (2017). “A matéria Clarice”- documentário. <https://www.youtube.com/watch?v=PmAkOgaej04>



Tomando corpo

Tomar forma / Prend forme

Maria Gabriela Calegari¹

Resumo

O corpo do qual a Psicanálise se ocupa não é o corpo biológico, da filosofia ou ciência. Nos primeiros escritos de Freud ele indica que como seres humanos, por termos sido marcados pela linguagem, não temos uma relação natural e direta com nosso corpo. Trabalhamos com o corpo pulsional em Freud, o corpo da estrutura borromeica, o Falasser em Lacan. As relações que compomos com o corpo são ilógicas e contraditórias. Acreditamos que o possuímos e que não podemos dispensá-lo, além de inúmeros estranhamentos que seus sinais provocam; aparece a tentativa inútil de tentar controlar o que é incontrolável: o estranho enunciado muitas vezes em suas afetações. Uma dessas manifestações do corpo, é o sintoma, o que darei mais ênfase nessa escrita. Pretendo articular corpo e sintoma, conceitos fundamentais que foram trabalhados esse ano com os colegas na ALPL, com o processo e final de uma análise. Nessa experiência o corpo está implicado todo o tempo, e nós analistas, sustentados pelo desejo do analista, precisamos escutar, para além dos significantes, o que dizem essas marcas singulares do sujeito, para uma possibilidade de novas marcas, do novo, de uma escrita. Para isso percorrerei sucintamente o conceito de *lalangue*, corpo e sintoma, e um pouco do que vai acontecendo em um processo analítico, do que pode ser modificado na estrutura. O que é possível tomar corpo nesse processo, ou melhor, o que vai “tomando corpo”, fazendo corpo, fazendo carne em uma análise.

Palavras-chave: Corpo. Sintoma. Análise.

Resumen

El cuerpo del que se ocupa el psicoanálisis no es el cuerpo biológico, de la filosofía o de la ciencia. En los primeros escritos de Freud, el indica que, como seres humanos, por habernos sido marcado por el lenguaje, no tenemos una relación natural y directa con nuestro cuerpo. Trabajamos con el cuerpo de la pulsión en Freud, el cuerpo de la estructura borroméica, el Falasser en Lacan. Las relaciones que establecemos con el cuerpo son ilógicas y contradictorias. Creemos que lo tenemos y que no podemos prescindir de él, además de la innumerable extrañeza que provocan sus signos; aparece el intento inútil de intentar controlar lo incontrolable: el raro se manifiesta a menudo en sus afectos. Una de estas manifestaciones del cuerpo es el síntoma, en el que pondré más énfasis en este escrito. Pretendo articular cuerpo y sintoma, conceptos fundamentales que fueron trabajados este año con los compañeros de ALPL, con el proceso y el final de un análisis. En esta experiencia, el cuerpo está involucrado todo el tiempo, y nosotros analistas, apoyados en el deseo del analista, necesitamos escuchar, además de los significantes, lo que dicen estas marcas singulares del sujeto, para una posibilidad de nuevas marcas, del nuevo, de la escrita. Para tanto, cubriré brevemente el concepto de “*lalangue*”, cuerpo y sintoma, y un poco de lo que va sucediendo en un proceso analítico, de lo que se puede modificar en la estructura. Lo que se puede plasmar en este proceso, o mejor, lo que es “tomar forma”, hacer cuerpo, hacer carne en un análisis.

Key-words: Cuerpo. Síntoma. Analysis.

Résumé

Le corps dont traite la psychanalyse n'est pas le corps biologique, de la philosophie ou de la science. Dans les premiers écrits de Freud, il indique qu'en tant qu'êtres humains, parce que nous avons été marqués par le langage, nous n'avons pas de relation naturelle et directe avec notre corps. Nous travaillons avec le corps d'entraînement chez Freud, le corps de la structure borroméique, le Falasser chez Lacan. Les relations que nous établissons avec le corps sont illogiques et contradictoires. Nous croyons que nous l'avons et que nous ne pouvons nous en passer, en plus de l'innombrable étrangeté que ses signes provoquent; la tentative inutile d'essayer de contrôler ce qui est incontrôlable apparaît: l'étranger souvent déclaré dans ses affects. L'une de ces manifestations du corps est le symptôme, sur lequel je mettrai davantage l'accent dans cet écrit. J'ai l'intention d'articuler corps et symptôme, concepts fondamentaux qui ont été travaillés cette année avec des collègues de l'ALPL, avec le processus et la fin d'une analyse. Dans cette expérience, le corps est tout le temps impliqué, et nous analystes, soutenus par le désir de l'analyste, avons besoin d'écouter, en plus des signifiants, ce que disent ces marques singulières du sujet, pour une possibilité de marques nouvelles, du nouveau, d'une écriture. Pour cela, je couvrirai brièvement le concept de *lalangue*, corps et symptôme, et un peu de ce qui se passe dans un processus analytique, de ce qui peut être modifié dans la structure. Ce qui est possible de prendre forme dans ce processus, ou mieux, ce qui «prend forme», fait du corps, fait de la viande dans une analyse.

Mot-clés: Corpo. Sintoma. Analysis.



Quando falamos em Corpo na Psicanálise, não nos referimos ao corpo biológico, orgânico, corpo da ciência, ou da filosofia. Não se trata de um ser, de algo completo; falamos do corpo pulsional em Freud, do falasser em Lacan, corpo da estrutura borromeica, RSI. Lacan o situa nos três registros: corpo do imaginário, corpo do simbólico e corpo do real, cujo três fazem Um. Corpo que foi marcado por *lalangue*², corpo da linguagem. Como sua constituição não se dá de uma forma natural, o sujeito terá que fazer sua parte, na linguagem e pela linguagem.

Escolhi como título de minha escrita o significante TOMANDO CORPO. Pretendo nesse trabalho que apresento na VII Jornada de trabalhos da Associação Livre de Londrina, articular esse significante ao percurso e ao final de uma análise. O que é possível “tomar corpo”, incorporar, em uma experiência analítica? Dando ênfase ao eixo de trabalho desse ano de 2019: Corpo e Sintoma. Adianto que nos inúmeros encontros faltosos na busca de entender alguns conceitos, deixo aqui colocações, questões e o desejo de avançar. Que a demanda seja sempre relançada; é o que buscava Lacan com seu ensino, e o faz muito bem! A Psicanálise não se trata de um saber, e sim de um desejo de Saber.

No último ensino de Lacan, junto ao corpo, o gozo e o real, *lalangue* se torna um conceito fundamental. Esse conceito tem sua primeira aparição em “O aturdido”³, e é mais trabalhado no seminário 20, *mais, ainda*. Lacan (2008) afirma que linguagem é apenas aquilo que o discurso científico elabora para dar conta do que chama de *lalangue*.

"Personificação da realidade do inconsciente, que é a pulsão. O que pode ser construído em uma análise é a implicação subjetiva do analisante com os seus modos de gozo. E, assim, o que dava consistência à frase fantasmática, o objeto *a*, pode cair.

Nesse seminário, Lacan (2008) fala que o ponto chave de seu ensino naquele ano foi o saber. Afirma que a linguagem é uma elucubração de saber sobre *lalangue* e que o inconsciente é um saber-fazer sobre *lalangue*. A psicanálise é um artifício e uma

tentativa de abordar a língua. Ainda nesse seminário, ele desenvolve um enigma: diz que cada um de nós é o que o impacto da língua fez. A estrutura de um sujeito diz respeito à forma com que cada um deu conta da língua. Nesse momento, ele funda a clínica como a possibilidade de leitura e trabalho sobre esses recortes que incidem no corpo maciçamente e que se manifestam nos fenômenos. Diz que a possibilidade é de apreendê-los no acento, no sotaque, na sonoridade. Os resquícios da musicalidade da língua aparecem, se repetem e atualizam no sujeito a maneira como ela incidiu na carne, no corpo. É uma língua louca que não é a dos significantes. São marcas que não possuem significantes e que não comportam uma significação; uma marca do sujeito que não comporta significante.

No seminário 20 Lacan (2008) coloca que o Real é o mistério do corpo falante, o mistério do inconsciente. O inconsciente não é o Real; o Real é o mistério que faz com que o inconsciente seja o que ele é. O inconsciente é composto por traços que se marcaram pelo encontro do sujeito com a sua falta-em-ser, porque a falta de objeto se impõe; o que corresponde ao que Lacan coloca em seminários anteriores como a queda de objeto.

Em *Radiofonia*, texto encontrado nos *Escritos de Lacan* (1998), ele coloca que: "é por meio do simbólico que a estrutura toma corpo".

Um dos efeitos da incorporação da linguagem no corpo é a subtração de gozo. Segundo Soler (2019, p.53): "O corpo do falante é afetado em seu gozo, e uma primeira forma dessa afetação é a perda de uma parte de gozo vivente." O efeito da incorporação da linguagem, introduzindo o incorpóreo no corpo, é a desvitalização. Este é um dos aspectos da coisa; ao introduzir a negativização, a linguagem cria um

órgão novo, órgão do incorpóreo, um novo instrumento do organismo: a libido.

De acordo com a autora, na substituição da necessidade pela demanda surgem dois efeitos: o desejo e a mutação das necessidades vitais em pulsão. À pura perda do desejo, a geração da pulsão doravante a necessidade acrescenta despedaçamento e corte do gozo. "O desejo é a perda, a pulsão supõe a perda, porém, mais precisamente, a pulsão introduz despedaçamento e corte no gozo". (Soler, 2019, p.57)

O sintoma é o que pode chamar o gozo de volta para o corpo. No sintoma histérico isso é mais notório. Soler (2019) comenta que Lacan o evoca dizendo que é um gozo da verdade, uma vez que o sintoma é, ao mesmo tempo, verdade e gozo. É como uma satisfação da verdade que se exila no 'deserto do gozo'.

São os significantes da verdade que tomam corpo, corpo de gozo. A autora comenta que isso foi notado cedo por Freud: a fala vem perturbar a homeostase do órgão. "O sintoma histérico é, portanto, uma ocorrência da entrada do gozo no corpo deserto de gozo. E Deus sabe o quanto isso ocupa o sujeito! A tal ponto que, para um sujeito histérico, o sintoma se põe a funcionar como um objeto que eclipsa todos os outros ou quase." (Soler, 2019, p.64)

O corpo do simbólico se refere de uma forma mais direta aos efeitos que a linguagem faz com o corpo. As inscrições significantes fazem marca e produzem extração de gozo; elas separam o que chamamos de orgânico da carne e, dessa forma, dão consistência ao corpo imaginário e instituem o real do corpo. O corpo do imaginário é o suporte material que sustenta a incorporação e tem relação com a imagem; imagem do Outro e de si no espelho do Outro. O corpo do real é algo sem representação, que não se pode falar, ele é construído a partir de fragmentos em torno de buracos, relacionados às bordas erógenas e constituído como substância de gozo. Os três corpos: real, simbólico e imaginário "fazem Um". É importante salientar que essa constituição não ocorre de uma forma separada, uma sequência ou cronologia.

A partir disso, como podemos pensar um processo de análise? Quais as suas possibilidades? O que se alcança e o que pode tomar corpo durante e no fim de uma análise? No seminário 3, Lacan (2010) diz que o analista precisa sustentar o desejo de que o paciente associe livremente e nunca entender. As intervenções do analista são para provocar aberturas no discurso. No seminário 10, Lacan (2005) salienta que a cura vem por acréscimo. O associar livremente que o analista coloca como regra fundamental é sabendo que o analisante não irá associar livremente porque, assim como todos, ele está assujeitado à cadeia de significantes que o determina e, também, ao fantasma fundamental que rege seus desejos. O desejo de associação livre é para que as determinações psíquicas,

"A psicanálise é uma experiência e o corpo está todo o tempo implicado nela. Real, simbólico e imaginário; três corpos, três dimensões que "fazem Um"."

as cadeias significantes, o novelo de palavras e as memórias do sujeito possam ser recortadas, lidas e escutadas, a fim de que o "falasser" tenha novas possibilidades de enlaçamentos em diferentes dimensões; o trabalho ou o amor por exemplo.

Kruel (2007) coloca que um dos efeitos no decorrer de uma experiência analítica é que a partir dos encontros faltosos com o Real aconteça um abalo no sistema fantasmático de crenças e valores. O encontro faltoso com o real abala o fantasma e o saber do sujeito se torna lacunar, desestabilizado, fragmentado.

Acompanhando Lacan (2003) em "O aturdido", Kruel (2007) localiza que são três os saberes que o analisando adquire no fim de uma análise; três dimensões do impossível: saber sobre o sexo, sobre o sentido e sobre a significação. Sobre o sexo: que não há relação sexual. Sobre o sentido, ele diz que não é sério, é cômico, pois é pelo tropeço, pelo uso da equivocidade da língua que a interpretação oferta para apontar o objeto a no fantasma, e chegar aos modos de gozo do analisando. Em relação à significação: toda a significação vem do fantasma.

Nesse mesmo texto Lacan (2003) indica que, para além das ficções o analista busca a 'fixão', ou melhor, as fixações libidinais, o gozo. Para isso é necessário o trabalho de construção e travessia do fantasma para chegar à personificação da realidade do inconsciente, que é a pulsão.

O que pode ser construído em uma análise é a implicação subjetiva do analisante com os seus modos de gozo. E, assim, o que dava consistência à frase fantasmática, o objeto a, pode cair. Com a queda do objeto há um luto do mesmo, o que permite que o objeto de gozo se torne causa de desejo.

No Seminário 11, Lacan (2008) questiona a forma de um sujeito que atravessou a fantasia radical poder viver a pulsão. Kruel (2007) seguindo essa formulação de Lacan (2008) coloca que, pensando no matema da pulsão $\$ \leftrightarrow D$, o sujeito se divide à frente da demanda do Outro. Ele se divide

entre desejo e gozo, ao qual, nem um, nem outro são completos. Então, em relação ao desejo, sua realização sempre fantasmática fica destinada a ser decepcionada. Dessa forma, a satisfação da pulsão sendo parcial, exige a renúncia ao fantasma de gozo total idealizado.

No Seminário 23, Lacan (2007) coloca que o sintoma, ao qual padecia o sujeito, pode vir a se tornar um sinthoma com H mediante a um trabalho significativo, em um nível da estância da letra, jogando possibilidades de equivocados sobre pontos de fixações fantasmáticos e pulsionais. Esse sintoma com H é um artifício, um saber fazer com, um artesanato, algo interessante ou produtivo que se faz a partir do antigo sintoma. A passagem de algo vivido como corpo estranho à um estilo de vida, que acompanha a noção de enlaçamento do sujeito na cultura.

Miller (2015, p.90) faz a seguinte questão em relação ao sintoma no fim de um tratamento:

"Se o osso de um tratamento é o imaginário, o fim da análise consiste em ultrapassar o plano do imaginário; se o osso de um tratamento é a identificação fálica, o fim da análise é deixar cair as identificações; se o osso de um tratamento é a fantasia, o fim da análise é a travessia da fantasia; mas, se o osso de um tratamento é o sintoma, o que é o fim de análise?"

Miller (2015) afirma que, em relação a isso, não existe uma única resposta de Lacan. Uma das formas que ele coloca é a identificação ao sintoma. Significa que o sintoma não se ultrapassa, não o deixamos cair e não se atravessa, diferente do plano imaginário, identificações e fantasia. Significa que teremos que viver com ele, que devemos, como se diz em francês: faire avec, haver-nos com ele. Dizer que no final de uma análise o sujeito chega a se identificar com o sintoma, significa dizer que eu sou tal como eu gozo.

Os analisantes que nos propomos a escutar em nossa clínica, estão ali com seus corpos implicados em toda a experiência. Corpos que sofrem os efeitos da marca pela entrada na linguagem e das marcas vindas do Outro. Corpos com sintomas que paralisam, causam sofrimento, impossibilitam ou dificultam a relação com os outros, corpos que gozam.

É fundamental que o analista tenha muita cautela em relação ao lugar e à função que se propõe a ocupar. Prudência e cautela

em escutar e intervir, acompanhando sempre o tempo de cada sujeito, que é lógico e não cronológico. Tempo que é necessário para construir novos enlaçamentos, para tecer com o Real. As intervenções devem ser feitas sempre dentro da tela do fantasma, pois sabemos o quanto o sintoma é fundamental para o sujeito; para que não se produza horror, actings e quebra da transferência, e assim, o analisante possa suportar essa experiência. Como escutamos nessa Jornada, na fala do nosso convidado Leonardo Danziato⁴: “O sintoma é uma solução que o sujeito deu em relação ao traumatismo do seu corpo.”

A psicanálise é uma experiência e o corpo está todo o tempo implicado nela. Real, simbólico e imaginário; três corpos, três dimensões que “fazem Um”. Entendo que nesse processo é possível uma mudança nas modalidades de gozo, especialmente o sintomático e o investimento da libido em outros objetos, assim, um corpo menos sacrificado. É uma possibilidade de construir novas formas para gozar a vida. Isidoro Vegh (2001) contempla essa possibilidade da produção de um estilo com aquilo que fazia o sujeito sofrer.

Um analista pode interpretar o inconsciente, ler pedaços do real, ocupar o lugar de auxiliar a reescrever histórias ou, ao menos, trechos de histórias na qual o analisante está fixado e sofre. Fazendo passar de pontos de fixações para ficções. Na clínica trabalhamos com a leitura e escrita do que ouvimos, buscamos atingir a verdade da posição inconsciente do sujeito que fala, verdade sempre dita pela metade, não toda, com a intenção de mudar sua posição nas “dit- mansões”⁵ que Lacan figura com a teoria dos nós.

Em relação ao sintoma, ele não se esgota; ele é estrutural, assim como o gozo, a pulsão e a repetição. É possível que o sujeito se desembarace um tanto dele, que possa fazer com ele, e, quem sabe, até produzir um sintoma com H.

Penso que, o que é possível tomar corpo, o que vai “tomando corpo” nessa experiência tem relação à essa dimensão do incorpóreo, da falta. Nesses encontros faltosos, onde o analista não compreende e não obstrui, dando um sentido, por exemplo, a demanda é relançada; nas voltas e voltas nos discursos, nas repetições, o novo se apresenta, e assim, novos traços e marcas vão sendo produzidos. A não resposta

à demanda e o silêncio do analista fazem surgir a dupla dimensão da falta: a falta do objeto do desejo e a falta de significante no Outro. A função desejo do analista é o que sustenta essa possibilidade.

Esse corpo, marcado por lalangue, marcado pelos significantes do Outro e que disso padece, pode ser escutado, lido e marcado de outras maneiras. É possível que a falta, a castração, opere de outra forma e que o sujeito possa fazer uso dela, não mais tentando tamponar a qualquer custo pagando com algum sintoma que paralisa e mortifica. É uma possibilidade de um saber fazer com ela, um saber fazer com o sintoma, um saber fazer com lalangue!

Finalizo com uma citação de Isidoro Vegh (2001, p.108): “Somente quando a letra cinge esse pedaço de Real que chamamos gozo torna-se nosso alimento sagrado, nossa ambrosia, e a vida atinge a graça que nos sustenta. Isso é o maravilhoso. Reduzido a nada, como um final de análise o descobre, redefine-se.”

¹ Membro da Associação Livre Psicanálise em Londrina. E-mail: mg-calegari@hotmail.com

² Lalangue: (lalingua) é um termo que se refere a uma anterioridade da articulação de significantes que adianta uma significação, como a lalação das crianças. É um conceito criado por Lacan com o propósito de falar do efeito de linguagem no sujeito, extraído seu efeito de sentido. Lacan diz que: “Conforme a maneira como a língua foi falada e também ouvida por tal ou qual sujeito em sua particularidade, que algo em seguida sairá em seus sonhos, em todo tipo de tropeço, em todo tipo de dizer. Eis o materialismo em que reside a apreensão do inconsciente.” (Conferência de Genebra, p.12)

³ “O aturdido” texto de 1973, que se encontra nos Outros Escritos (1901-1981) de Jacques Lacan.

⁴ Leonardo Danziato: Psicanalista, Analista-Membro fundador da instituição psicanalítica “Invenção Freudiana- Transmissão da Psicanálise”.

⁵ Dit-mansões é um termo criado por Lacan a partir do seminário 18. Expressão em que ele joga com a homofonia, em francês, entre “dimensão” e “diz-mansão”, ou mesmo “mansão do dito”.

Referências

1. Krueh, S. (2007). Final de análise. *Reverso*, 29 (54), 89-94.
2. Lacan, Jacques. (2010) *Seminário, livro 3: as psicoses* (2ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
3. Lacan, Jacques. (2005) *Seminário, livro 10: a angústia* (1ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
4. Lacan, Jacques. (2008) *Seminário, livro 11: os conceitos fundamentais da psicanálise* (1ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
5. Lacan, Jacques. (2008) *Seminário, livro 20: mais, ainda* (2ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
6. Lacan, Jacques. (2007) *Seminário, livro 23: o sintoma* (1ed.). Rio de Janeiro: Zahar,
7. Lacan, Jacques. (1998) *Escritos* (1ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
8. Lacan, Jacques. (2003) *Outros Escritos* (1ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
9. Miller, Jacques-Alain. (2015) *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante*. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar.
10. Soler, Colette. (2019) *O em-corpo do sujeito: seminário 2001-2002* (1ed.) Salvador: Ágalma.
11. Vegh, Isidoro. (2001) *As intervenções do analista* (1ed.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Nos sos Tem pos

Futuro do presente, não sem o passado.

Zeila Torezan¹

Quando quero saber o que ocorre à minha volta
Ligo a tomada, abro a janela, escancaro a porta
Experimento tudo, nunca me iludo
Quero crer no que vem por aí, beco escuro
Me iludo

Passado presente futuro
Reviro na palma da mão o dado
Presente futuro passado

Olho de Lince, Jards Macalé

Como todo campo, a psicanálise é delimitada e regida por uma ética e por operadores conceituais próprios à sua *práxis*. Também como em qualquer área, divergências e diferenças teóricas são construídas continuamente. Ainda, não custa lembrar, a psicanálise, como tudo o mais, é fruto de uma época e de determinadas condições históricas e culturais e jamais deixará de sofrer e de interagir com os efeitos do tempo em que se encontre. Entretanto e, mais uma vez, sem destoar de outras áreas ou saberes, há elementos que concernem à sua ética e aos seus operadores fundamentais que se não mais puderem se sustentar na cultura, obviamente, não mais teremos psicanálise. Nada é eterno, algum dia deve chegar o, desde sempre tão proclamado e por muitos ansiado, fim da psicanálise. Enquanto a morte não vem, tal qual em nossas vidas, acredito que nós, trabalhadores desse campo, devemos seguir atentos e produzindo, pois não há saber acabado, estanque ou, enfatizo, desarticulado de sua época. Entendo que essa é a parcela que nos cabe.

Imbuída de tais pressupostos e sendo participante do peculiar momento atual pelo qual a psicanálise não está passando ilesa, me propus a escrever este ensaio. Sim, caro leitor, mais um entre muitos e muitos que já foram e serão publicados sobre a temática aqui em causa. Assim, rogo por sua paciência e condescendência, pois não pude resistir à busca por dar forma através da escrita às minhas interrogações e ao meu mal-estar. E, além do pedido de clemência, registro os mais sinceros votos de que esse texto lhe seja de alguma serventia. Em meu favor e lançando uma pitada de ânimo para que prossiga na leitura, comunico com alegria e profundo agradecimento que contei com a colaboração de três jovens analistas (todos com menos de 30 anos e até 5 anos de experiência) nessa empreitada: Bruna

Gusmão Azevêdo, de Salvador; Polyana Almeida Pompilho e Yohann Eiji Mori Saracho, ambos de Londrina. Eles foram os primeiros a terem paciência e condescendência comigo ao, muito gentilmente e com empenho, responderem às questões que lhes enviei sobre a escolha da psicanálise, o início da prática clínica, a análise sobre a difusão do trabalho on-line na intensão e na extensão em psicanálise e a visão de futuro para a psicanálise.

É evidente que não realizei uma pesquisa na acepção plena e formal da palavra, o número três não almeja aqui representatividade e foi aleatório, os participantes foram convidados por eu ter com eles alguma proximidade, o que me permite conhecer um pouco sobre a forte dedicação e seriedade que possuem com o estudo e a prática da psicanálise, critério que considerarei relevante para os objetivos deste ensaio. Além disso, também avaliei ser importante contar com a participação de uma pessoa que vive em uma cidade com uma realidade e cultura diferentes da nossa aqui em Londrina. E, por fim, mas não menos importante, quis ouvir jovens com essa idade e percurso para dialogar com uma leitura produzida desde uma posição bem distante da minha, aos 54 anos de idade e 30 anos com a psicanálise, e porque são representantes de uma nova geração de analistas que trabalharão pelos próximos 40 ou 50 anos (assim espero!). Portanto, não exponho, detalho ou discuto individualmente as respostas recebidas, tomo-as como interrogantes para a produção do meu texto, dialogo com elas para enriquecer uma pequena análise do *status quo* da psicanálise hoje, bem como hipotetizar algo relativo ao futuro da psicanálise.

Retomando o exposto no início, a despeito de mudanças e diferenças que inevitavelmente ocorrem em qualquer campo, é necessário que alguns elementos fundamentais possam ser sustentados para a permanência da psicanálise como tal. Nesta direção, o esteio principal e imprescindível à psicanálise é a manutenção de uma posição sempre subversiva. E cabe precisar, com muito zelo, que neste contexto o termo subversão significa que, mesmo não sendo imune ao seu tempo, a psicanálise não deve acomodar-se ao seu entorno, às demandas e aos imperativos de uma época. É a filha rebelde e questionadora da modernidade e da ciência cartesiana, que faz muito barulho e abala ou subverte os princípios e as certezas do casal parental. Por isso, e aí reside a importância mor desse aspecto em seu desdobramento, qualquer ideal por princípio ou meta, bem como qualquer proposta adaptativa e/ou normalizante não condizem com o trabalho analítico.

As pessoas, claro, anseiam viver melhor, visam algum tipo de bem e/ou de felicidade e também essa é a meta quando buscam uma análise e (lhes digo por experiência própria como analisante e como analista)

é bem possível alcançá-la por esse caminho. A diferença ou a subversão em voga é que, para a clínica psicanalítica, não devem existir parâmetros estabelecidos a serem seguidos e muito menos um ideal a atingir nessa busca. Levar seriamente em conta os efeitos do inconsciente que se inventa em análise (outro esteio fundamental para a existência da psicanálise), o que não pode ser feito se não de forma absolutamente singular, nos habilita a uma maior tolerância com o outro, com a insuperável e positiva diferença e, portanto, com o necessário e sempre árido laço social. Freud foi brilhante a esse respeito em *Mal-estar na cultura*

(Freud, 1996), texto que atravessa quase um século com estarrecedora atualidade. Assim, contemplar os efeitos disso que se inventa como inconsciente na singularidade do discurso analítico como laço social é subverter o empuxo a um coletivo idealizado e inatingível, bem como a apologia a um individualismo que supostamente seria combatido com a ideologia do coletivo. A singularidade com a qual trabalhamos em transferência não é sem o laço social, sem o outro e se diferencia da dicotomia indivíduo/coletivo.

Dessa forma, a psicanálise não se orienta pelos conhecimentos de uma psicopatologia, pelos ideais de normalização e de adaptação psicológicos ou pela concretude de uma existência aprisionada a uma realidade dada e anterior. Só assim podemos compreender a particular noção de sujeito com a qual trabalhamos: sujeito como corte, evanescente e efeito do laço discursivo estabelecido na transferência analítica. Em uma palavra, a existência da psicanálise depende da subversão aqui apontada e de seus efeitos, sem isso, fim da linha. Nadamos contra a maré ou afundamos, não é possível boiar ou deixar-se levar pela onda neste oceano.

Alegrou-me ler nas respostas dos meus jovens colegas, evidentemente cada um ao seu modo e de maneiras diferentes, a clareza a respeito dos referidos pilares de sustentação da psicanálise e seus desdobramentos.

“A psicanálise, como tudo o mais, é fruto de uma época e de determinadas condições históricas e culturais e jamais deixará de sofrer e de interagir com os efeitos do tempo em que se encontra.”

“O esteio principal e imprescindível à psicanálise é a manutenção de uma posição sempre subversiva.”

Pude encontrar tais elementos em vários momentos dos textos, em especial ao tratarmos de suas “razões de escolha” pela psicanálise: uma *práxis* que aposta, com rigor teórico e ético, na possibilidade de cada um criar formas menos sofridas de existir, buscando desprender-se de ideais, de uma ontologia do sujeito e de uma realidade concreta. Destaco ainda que valorizaram em suas escolhas pela psicanálise alguns elementos característicos desse campo e que, portanto, também são fundamentais para sua existência: a importância dos estudos, das trocas com colegas (em geral pela participação em alguma instituição psicanalítica) e do trabalho pessoal de análise que lhes permite experienciar como analisante o que um processo analítico pode produzir e encontrar maior tranquilidade na vida pessoal e no trabalho clínico. É isso, *práxis* significa que há uma inextrincável articulação entre teoria e prática, em vários sentidos e sem hierarquia. Esse é um legado fantástico que o trabalho de Freud e de Lacan nos deixou. Ambos se ocuparam seriamente da duplicidade da posição do analista em sua *práxis*: conduzir uma análise e produzir e transmitir a teoria.

Cabe uma pequena, mas relevante observação a respeito da análise do analista, como parte (mais uma vez, sem hierarquia) dessa *práxis*. De forma alguma se trata de “aprender a ser analista” em sua própria análise, até porque essa não é uma condição que se adquire teórica ou praticamente. É uma função, exercida pontualmente e que depende de uma série de elementos para que possa se dar. Quando Lacan (2001) desenvolve no seminário O ato analítico que um final de análise produz um analista, e ele demonstra a lógica de tal ato ao longo e no final de uma análise, isso quer dizer que o trabalho de análise viabiliza operadores essenciais para o exercício da função analista para aqueles que desejam colocá-la em marcha. O nome de um operador fundamental produzido em uma análise é o desejo do analista, que permite suportar as projeções fantasmáticas em cada uma das análises conduzidas. Convidar e conseguir trabalhar efetivamente para ajudar alguém a levar a sério os efeitos do inconsciente na transferência analítica exige mais do que conhecimento teórico e técnico,

embora eles sejam absolutamente essenciais.

Nessa direção das exigências e particularidades de nossa função, entre elas o papel da análise do analista, tomo em especial os comentários que fizeram sobre as dificuldades do início da clínica para dizer que essa não é e jamais deve ser uma *práxis* confortável. Atrativa, instigante, desafiadora, às vezes cansativa, mas não confortável. Se fosse o caso de emitir um conselho, diria: deixem as certezas de lado, um analista nunca deve estar imbuído de certezas e isso é, de fato, bem desconfortável. Assim, talvez paradoxalmente, alguma tranquilidade possa ser alcançada. É muito interessante como, ao ler as respostas para essa questão, constatei que, a despeito dos quase trinta anos que separam o meu começo do deles, as dúvidas e angústias que eu tinha são muito semelhantes às deles hoje. Sim, levava, leva e levará tempo para que alcancemos alguma tranquilidade junto a essa necessária posição subversiva. Afinal, nadar contra a maré não é confortável e demanda muita energia. Isso significa que não houveram mudanças no entorno, nas demandas das épocas que já nos separam? Claro que não, isso seria impossível e sou testemunha de que muita coisa mudou.

Encarno nesse momento a inevitável tia velha que sou (e não nego) em referência a essa moçada e procuro lhes acalmar um pouco o espírito a respeito das ansiedades referidas ao início da clínica, inclusive sobre a instabilidade financeira. Meus jovens colegas, era impossível trabalhar apenas com a clínica quando comecei, ninguém fazia isso, concretamente não havia demanda para sustentarmos uma clínica. A cultura falava contra qualquer “tratamento *psi*”, considerados como “coisa de louco” ou futilidade. Praticamente não existiam convênios e as vagas para instituições de saúde eram escassas. Há alguns anos o curso de graduação em psicologia tem a segunda maior concorrência nos vestibulares em várias instituições públicas importantes, isso é sinal e resultado de uma virada enorme no espaço da dita saúde mental na cultura. Hoje pode ser difícil, entendo a angústia e a pressa de vocês, mas arrisco dizer que é uma dificuldade equiparável ou mesmo menor do que outros iniciantes têm em áreas profissionais diversas, salvo algumas poucas exceções. Hoje é possível trabalhar logo de início com a clínica e conseguir alguma, ainda que mínima em alguns casos, autonomia financeira. Isso é muito bom e o benefício vai além dos óbvios motivos e necessidades pessoais. A benesse principal, avalio, é estar no campo e colocar em marcha a *práxis* o quanto antes: receber continuamente alguns

pacientes, ter tempo de dedicação para os estudos, para o questionamento de sua prática em supervisão ou em grupos clínicos e genuinamente levar a análise pessoal com a mesma seriedade que propõe aos seus analisantes.

Claro que as facilidades também cobram seu preço e podemos levantar muitos questionamentos sobre os efeitos dos convênios e das plataformas on-line na transferência, há sérios problemas aí para refletirmos e debatermos. Além do mais, ter a agenda movimentada nos anos iniciais de trabalho não é algo fácil de suportar. Começar devagar, só hoje posso dizer com segurança e tranquilidade, foi muito vantajoso para mim, inclusive pela necessidade que se transformou em oportunidade de trabalho em outros locais. Considero que as vivências institucionais variadas que tive proporcionaram amadurecimento e ganhos que foram indispensáveis para o preparo e para o que foi se tornando minha clínica. Sem certo ou errado, muito menos padrões definidos de percurso, teremos prós e contras em qualquer história, em qualquer caminho. E como a vida só vai para frente, aliás, esse é o tema em questão aqui nesse texto, aproveitemos os prós de hoje e vamos problematizar os contras para que tenham o mínimo de impacto negativo em nossa *práxis*. Assim, passo a abordar a questão da difusão on-line do trabalho da psicanálise em intensão e em extensão.

Assunto para além de polêmico e muito recente, merece nossa atenção e estudo na direção de buscarmos, como tudo o mais em nossa *práxis*, um rigor teórico e ético que possa sustentar esse tipo de trabalho da melhor maneira possível. E também encontrei claramente essa cautela nos comentários de dois dos colaboradores desse texto, abertos ao trabalho on-line, dispostos a aproveitarem bem os prós, mas cientes da necessidade de reflexão e estudo para sua formalização. Se estamos de acordo que a psicanálise depende de não nos acomodarmos ao entorno e às demandas de uma época, não é o caso de apenas cruzarmos os braços e negarmos a realidade do trabalho on-line já posta, facilitada e, talvez, imposta pela pandemia ou de simplesmente nos deixarmos levar por tal imperativo, apoiados em um imaginário de que está tudo bem, naturalizando essa prática e deixando, confortavelmente, de refletir sobre ela. Enfatizo: não se trata de ser a favor ou contra, não estamos em um jogo ou plebiscito, mas de encarar com a seriedade de sempre mais um desafio à manutenção de nossa *práxis*. Entendo que esse é um empenho mais do que necessário, vital mesmo, pois, repito, como não é possível ir com a maré, sem o esforço de teorização, afundaremos.

Bem, os pontos positivos desse movimento da era digital são muito óbvios e mesmo indiscutíveis, nem me parece necessário enumerá-los aqui. Além do mais, sendo positivos, não geram impasses ou questionamentos, basta aproveitarmos bem os prós e usarmos a tecnologia a nosso favor. Por outro lado, dada a pequena dimensão e objetivos desse ensaio, não há pretensão de realizar aqui o aprofundamento necessário

sobre o estudo dos pontos negativos (algo que demanda tempo, já vem sendo feito por muitos colegas e também estou esboçando algo para futura publicação), mas de alertar para alguns aspectos cruciais e que, por vezes, têm sido elididos ou banalizados.

De início, lembro que não são todas as posições subjetivas ou tipos clínicos que suportam ou se beneficiam com trabalho on-line e noto que pouco se tem discutido sobre isso. O inflacionamento imaginário, a facilitação persecutória e a invasão do espaço privado provocados pelos canais digitais podem gerar efeitos para lá de desastrosos em algumas situações. Além disso, o corpo de quem está no lugar de analista, corpo aqui no sentido da sua *res extensa*, tem uma função importante na operação da presença do analista (com uma série de desdobramentos e particularidades na singularidade dos casos) que fica obviamente comprometida no espaço virtual. E, em algumas situações, esse comprometimento é insuportável, a ponto de inviabilizar a transferência. Isso é claramente identificável pela recusa ao trabalho virtual por parte de alguns analisantes (e, paradoxalmente, aí se incluem analistas que atendem on-line e não aceitam continuar suas análises pessoais da mesma maneira), ainda que muito implicados na transferência, bem como sua insistência para o atendimento presencial e seu pronto retorno quando o disponibilizamos.

Sinceramente, não creio que seja possível atribuir, ingenuamente, tais acontecimentos apenas à resistência, às preferências pessoais ou questões ambientais que são complicadores para as sessões pela internet. Sim, são fatos concretos e dificultadores, mas podem ser contornados, por si só não impedem efetivamente o trabalho, seríamos reducionistas e descuidados aos nos contentarmos com essas explicações. Sobretudo, a responsabilidade pela direção é nossa, não podemos contar, simplesmente, com a sabedoria de nossos analisantes, esperando que eles decidam sozinhos sobre a realização ou não do trabalho on-line ou propondo tal

“Não é o caso de apenas cruzarmos os braços e negarmos a realidade do trabalho on-line já posta ou de simplesmente nos deixarmos levar por tal imperativo, apoiados em um imaginário de que está tudo bem.”

modalidade em qualquer caso e sem considerar, detalhadamente, os elementos presentes em cada transferência e posição subjetiva, correndo o risco de ocorrerem consequências muito negativas. Ainda nessa direção, observo que uma análise é marcada por diferentes tempos, tanto no sentido lógico quanto cronológico, com implicações para o manejo e direção do trabalho. Esse é mais um fator que deve ser avaliado cuidadosamente, em certos tempos de trabalho, a transferência só se sustenta ou opera adequadamente com as sessões presenciais.

Outro aspecto que gostaria de comentar sobre os atendimentos on-line diz respeito à ausência do necessário corte com o mundo para se conectar com o *imundo* nessa particular configuração de tempo e espaço que se estabelece durante as sessões presenciais. Em minha experiência, esse fato provoca uma limitação severa para o trabalho e sempre presente, em maior ou menor grau. A associação livre não é uma bagatela, é o eixo de nossa *práxis*: não é possível dizer tudo, mas fale qualquer coisa, o que lhe ocorrer é material de trabalho. Esse não é um exercício fácil ou simples, exige desprendimento do pensar, da censura, do pudor, da imagem e... do mundo externo. Estar em casa ou no ambiente de trabalho (ou, pior, nos dois ao mesmo tempo) não ajuda na realização da tarefa. A ausência do corte com o externo compromete a dimensão temporo-espaçial criada nas sessões presenciais e, assim, limita a associação livre, complicando o que já é difícil. Portanto, ainda que todos os elementos da transferência, da posição subjetiva ou do tempo do trabalho sejam favoráveis à prática on-line, considero difícil que ela seja sustentável por longos períodos sem que ocorram, ao menos, algumas sessões presenciais intercaladas. Esse é um recurso que, em minha experiência, tem comprovado sua eficácia em minimizar as referidas limitações dos atendimentos on-line, tanto no que se refere à operação da *presença do analista*, quanto ao efeito de corte com o mundo necessário para a livre associação.

No que se refere especificamente à extensão e, em especial, à transmissão da psicanálise on-line, tema de meu extremo interesse e preocupação, resgato alguns pontos de outro texto² que apresentei na *XXIX Jornada do Espaço Moebius* no ano passado.

Lacan previu e nos advertiu do triunfo da religião e de que a difusão da psicanálise não equivaleria à sua permanência e longevidade. A difusão da psicanálise nunca foi tão grande como em nossos dias, mas poderíamos dizer o mesmo sobre o alcance de sua transmissão? Tenho sinceras dúvidas a esse respeito. Temo que os jatos de dispersão em massa nas redes colaborem mais para a pulverização da psicanálise e o aumento da distorção em sua concepção de ensino do que para a sua continuidade e necessária reinvenção. Será possível que esse tipo de tecnologia, numa via de mão única, nos sirva sem que sirvamos a ela ou sem que ela cobre um preço muito alto? E, ainda, se no conceito de transmissão o que conta é a perda, o resto, o intransmissível, quais são os ganhos que nos interessam aí? Não são os ganhos advindos do sucesso da difusão, da repercussão e da popularidade que balizam a transmissão e o ensino na psicanálise. Visionário, Lacan (2002) já instigava seus ouvintes e tocava no tema em 1974, muito antes de se imaginar a existência da internet, a velocidade e os embustes gerados pelas redes:

“Convencionou-se chamar de sucesso o *bruaá* (brouhaha), isto é, o que faz multidão. Convencionou-se isso no público. Mas para nós, analistas, este sucesso não tem nada a ver com o que nos interessa; e este sucesso é algo bem diferente do que seria o nosso, quero dizer, aquele ao qual nós nos referimos quando falamos daquilo que somos feitos para registrar, ou seja, o fracasso (falha). O sucesso, para nós, limita-se ao que eu chamarei de resultado. Devo dizer que sobre isso, sobre resultados, aqueles que contam, eu registrei alguns, até bem recentemente. Aconteceu de me enviarem um magnífico trabalho sobre a escritura e a psicanálise. É de um autor que mora no sul da França. E, por causa disso, ele só consegue ecos do que eu ensino. Não pode estar presente todo o tempo quando falo. Então, há de certo modo uma coisinha que não tem nada a ver, o que me garante, pois, que o resto é bem de sua autoria.” (p.37)

Nosso sucesso tem relação com o fracasso inerente à transmissão em função do impossível de transmitir e não com o *bruaá* característico das redes. Lacan (2002) identifica que o sucesso da transmissão em seu ensino não estava na multidão, nas ondas de burburinho em torno de seu nome ou, muito menos, na reprodução de suas formulações. O sucesso se

“A difusão da psicanálise nunca foi tão grande como em nossos dias, mas poderíamos dizer o mesmo sobre o alcance de sua transmissão?”

deu pela produção de um texto autoral que, em sua aposta, fora garantido pelo fato do autor alcançar apenas os ecos do ensino do mestre. Artigo essa fala de Lacan (2002) à última intervenção de Carlos Ruiz (2015), pouco antes de sua morte, a qual tive a grata oportunidade de escutar presencialmente, ao vivo e a cores. O título da apresentação foi: “Forçado a reinventar a psicanálise” (Ruiz, 2015)³ e vou reproduzir aqui um de seus poucos, curtos e densos parágrafos:

Havia pensado intitular esse trabalho “Fim da transmissão”, jogando com a frase com que se encerravam à meia-noite as transmissões de rádio, para haver tempo de realizar os ajustes necessários para a transmissão do dia seguinte. Mudei o título, mas o tema da pausa para realizar os ajustes segue presente. (livre tradução⁴ p.18)

A pausa para realizar os ajustes, seja na clínica em intensão ou em extensão, segue fundamental. Mas, não estaria comprometida, afetada pelo excesso de ofertas, de imagens, pelas gravações, pela ilusão de toda a transmissão, pela falta do intransmissível, pela falta do “fim da transmissão”? Também visionário Ruiz, não acho que foi ao acaso que em 2013 (com a presença já estabelecida da internet) elegeu o rádio como metáfora para falar da transmissão da psicanálise, e de uma época em que o limite temporal diário era estabelecido pondo fim à transmissão. Tal escolha faz um contraponto à velocidade, pregnância, constância e força das imagens no mundo digital, contraponto que me parece apropriado para falar da transmissão no campo psicanalítico. Além disso, sua escolha assinala que o meio da transmissão também conta, se não, ele poderia ter usado como exemplo a televisão da época em que a transmissão também se encerrava à meia-noite e ficávamos apenas com a tela listrada (se a questão se esgotasse no quesito da pausa). A esse respeito, de que o meio conta e com isso não vale a máxima “os fins justificam os meios”, cito Porge (2009) sobre a transmissão via escrita:

Na transmissão da clínica psicanalítica, é preciso contar com o que se transmite – o fato clínico ou assim suposto – e com o meio de transmiti-lo. O meio de transmitir faz parte do que é transmitido, e às vezes é difícil distinguir um do outro; ele atua sobre o leitor, chegando mesmo ao caso em que o meio de transmissão, o suporte da mensagem é a própria mensagem. (p.14)

O meio da transmissão não é sem consequências, faz parte da transmissão e o suporte da mensagem pode chegar a ser a própria mensagem. O meio de transmissão afeta o leitor e sabemos que a função leitor ou o lugar de leitor é fundamental

na transmissão. Será que o trabalho pelas telas, *lives*, videoconferências, postagens, grupos de estudo e cursos *on-line* de psicanálise favorecem a função leitor ou convocam mais facilmente o lugar de expectador? Aposto mais na segunda opção, o que não exclui a possibilidade da primeira operar, mas não creio que ela seja favorecida pelo meio em questão. A propósito, o lugar de expectador ou de aluno, no sentido daquele que recebe o conhecimento do mestre, está presente nos já antigos (e criticados pela maioria de nós) cursos de formação ou de especialização em psicanálise. Me parece que o uso dos canais virtuais para o ensino da psicanálise tem maior potencial para facilitar a aproximação desse mercado de formação de especialistas do que para viabilizar a necessária e forçosa reinvenção da psicanálise. Além do mais, o meio em questão é favorecedor do *bruaá*, sucesso que não nos interessa, barulho que pode abafar o desejo de transmitir e o despertar da invenção.

Os problemas levantados não são novos nem exclusivos do trabalho via internet. Há mesmo um já conhecido em tanto novo, um familiar nesse estranho. Mas, a despeito da antiguidade da questão, enfatizo que ela ganhou peso com as circunstâncias que nos conduziram à necessidade das práticas via internet e, talvez, tal necessidade (que nesse caso não é a mãe da invenção) tenha produzido algum afrouxamento ético e pouca reflexão crítica. Mais uma vez, os ganhos são muitos e interessantes, mas não eliminam os problemas que estou apontando e que precisam ser discutidos com seriedade. E nesse ponto, articulo alguns últimos e breves comentários a respeito do futuro da psicanálise, em ressonância com as observações e interrogações dos meus jovens colegas: que tipo de analistas teremos ou seremos (com todas as ressalvas feitas aos verbos *ter* e *ser* nesse caso) a partir desse massacre digital que opera em nosso cotidiano? E mais, que tipo de analisantes teremos ou seremos nesse mesmo contexto? Massacre que, não por acaso, se associa a um tempo de crise moral e intelectual na cultura, com o sucateamento do ensino, das políticas

públicas e com um assustador declínio da lei e da noção de alteridade.

É isso, em meio a este mundo louco, muito trabalho pela frente para nós e, especialmente, para os jovens colegas. Espero termos ainda várias e profícuas oportunidades de interlocução, sempre com o afã de sustentar e reinventar a *práxis* psicanalítica em seu rigor teórico e ético.



¹ Psicanalista, membro da Associação Livre – Psicanálise em Londrina. Contato: zeilatorezan@gmail.com

² “A transmissão a-live?” Apresentação oral em mesa redonda na XXIX Jornada do Espaço Moebius -Salvador, realizada on-line em novembro de 2020.

³ O autor refere a seguinte fala de Lacan (2015) em 1978: Que faz com que alguém que tenha sido analisante, advenha analista? Devo dizer que sobre isso tenho me interrogado e é por isso que fiz minha proposição, a que instaura o que se chama o passe, na qual pus confiança em algo que se chamaria transmissão, se houvesse uma transmissão da psicanálise. Tal como chego a pensar agora, a psicanálise é intransmissível. É muito enfadonho. É muito enfadonho que cada psicanalista seja forçado – porque é preciso que seja forçado – a reinventar a psicanálise.”

⁴ Había pensado titular este trabajo “Fin de la transmisión”, jugando con la frase con que se cerraban a medianoche las transmisiones radiales, para dar tiempo a realizar los ajustes necesarios para la transmisión del día siguiente, Cambié el título, pero le tema de la pausa para realizar los ajustes, sigue presente.

Referências

Freud, S. (1996) O mal-estar na civilização (1929). In: J. Strachey, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.21. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (2001). O ato psicanalítico (1967-68). Porto Alegre: Escola de Estudos Freudianos.

Lacan, J. (2002) Abertura do VII Congresso da Escola Freudiana de Paris, 1974. In: Cadernos Lacan, v.2. Porto Alegre: Publicação da Associação Psicanalítica de Porto Alegre.

Lacan, J. (2015) A transmissão – Encerramento do IX Congresso da Escola Freudiana de Paris, julho de 1978. Porto Alegre: Correio da APPOA, julho de 2015. Disponível em: http://www.appoa.com.br/correio/edicao/246/a_transmissao_encerramento_do_9_congresso_da_escola_freudiana_de_paris/222

Porge, E. (2009) Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, hoje. Campinas: Editora da Unicamp.

Ruiz, C. (2015) Forzado a reinventar el psicoanálisis. In: Cuernos Sigmund Freud 29: reinventar el psicoanálisis: transmisión y discurso. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 2015.

Um Pouco de His tória

Inauguramos a seção “Um pouco de história” para homenagear nomes da psicanálise brasileira e/ou internacional que fazem história e deixam sua marca, contribuindo efetivamente na construção e reinvenção do nosso campo.

Para a presente edição, convidamos o psicanalista Durval Checchinato, expoente da psicanálise no Brasil que esteve ao lado de Lacan na França. Muito gentilmente e prontamente, Durval aceitou o convite e nos presenteou com suas letras sobre outra letra, o objeto a. Um texto suígeneres, repleto de nuances e remissões metafóricas e literárias, marcas de seu estilo.

Durval foi conferencista na VI Jornada da ALPL, em 2018, que teve como eixo central “o ato analítico”. Com desenvoltura e veemência, discorreu sobre o tema através do conceito de inconsciente e do enodamento borromeano das *ditmensions* Real, Simbólico e Imaginário. Finalizou sua apresentação com alguns recortes de seu livro *Psicanálise de Pais*, trazendo diretamente o testemunho de sua prática clínica. Um verdadeiro ato de transmissão, onde intensão e extensão se enlaçaram com muita clareza.

Com residência atual em Campinas – SP, Durval Checchinato é um dos precursores da psicanálise Lacaniana no Brasil. Foi membro da École Freudienne de Paris, escola criada por Jacques Lacan em 1964, e co-fundador da primeira sociedade de psicanálise lacaniana do Brasil: Centro de Estudos Freudianos (CEF). Trabalha em consultório e na transmissão da psicanálise com orientação sistemática de estudo e supervisão. Autor dos livros “Psicanálise de pais – criança, sintoma dos pais”; “Fernando Pessoa: homoerotismo, psicanálise, sublimação”; “Homeopatia e Psicanálise - Clínica do Semelhante e Clínica da Palavra” e seu recente lançamento: “O Louco, o Psiquiatra e o Psicanalista”.

Uma boa leitura, que possam fruir de todas as sensações que Durval propõe em seu texto, numa original e ousada tentativa de “caracterizar” o inapreensível objeto a.

Objeto-a

Por: Durval Checchinato

Gil fez a seguinte narrativa naquela reunião especial de estudo.

Conheceu-a como uma dos participantes de seu seminário semanal. Nada mais além disso.

Não se analisara com ele nem supervisão lhe facultou. Chegava sempre quando o seminário já havia começado. Dependia do término de sua sessão de análise. Invariavelmente alegre, graciosa, lépida, sempre risonha! Com um sinônimo de seu nome em língua estrangeira o expositor a cumprimentava carinhosamente com uma saudação: “Sempre Igual”? E ela, invariavelmente, respondia com sorriso gostoso: “Sempre Igual”.

Nunca se destacara em discussões ou questionamentos. Seguia as exposições atentamente e vez ou outra arriscava seu ponto de vista.

Morando longe nesse Brasil imenso, viagem de noite toda, cessou as viagens e o expositor não mais prosseguiu em seus seminários.

Anos passaram. O grupo que com ela se reunia para o estudo da psicanálise decidiu convidar o expositor para uma jornada sobre a prática da psicanálise. De novo, tempos passaram, talvez quinze anos ou mais, sem contato algum.

Inopinadamente, como um raio que rompe a escuridão, ela se apresenta num whatsapp com uma cara de extrema ternura e estampa saudades num “querido” Gil.

Nesse preciso instante, “tempo para compreender”, algo “estranho-familiar” (*unheimlich!*) se precipita na alma de Gil: o simbólico se ilumina revelante e a pulsão percorre sua coluna vertebral. Verdadeiramente um “choque de significante” (Lacan). O inconsciente, como uma lava do magma,

incendiou fantasmaticamente o desejo de Gil. A imaginada ternura dela o toma e o toca fundamentalmente.

Por que há coisas que voltam de meu inconsciente? “É o sono de haver mundo comigo lá dentro / Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso” (Fernando Pessoa). “Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso”, sorradeira e ocultamente engrampou-se lá nas células cerebrais do inconsciente uma mensagem que Gil jamais pudesse supor.

Gil, sempre desconfiado de sua interpretação, sempre na espera da confirmação do a posteriori, sempre na expectativa de que o inconsciente autentifique a verdade ejetada, acertou também desta vez: naquela noite ela se apresentou ao lado de sua cama nua, seios roliços, encantadora, ternura plena... foi tão real que ele se levantou para a acolher... e acordou.

“O tempo para concluir”: frustração. Cessa a inconsciência do objeto-a amoral e começa a responsabilidade moral de sujeito.

Por que o processo primário me trai? Por que não me avisa? O cérebro é meu!

Ele, “rei”, me invade... “informes instruções”... “anômalo sentido”... “instruções de além”... “de Outra cena”.

“Emissário de um rei desconhecido
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido

Ele, “súbito”... “nas dobras da noite”... “fantasma o culto”... “acordo”... e nem “gesto” e nem “vulto”,
Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto

Ele, “um terror antigo”... “insepulto”... “se afirma como meu senhor e dono, sem ordem, sem meneio”.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

Ele, “de repente”... “minha vida presa por uma corda de Inconsciente”... “que me guia”.

E eu sinto a minha vida de repente
Presa por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia

Ele, perante Ele “não sou ninguém”, “um vulto, uma sombra que me assombra”.

Sinto que não sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria

Ele, “que parte de mim que desconheço e que me guia”?

Para onde vai a minha vida, e quem a leva?
Por que faço eu sempre o que não queria?
Que destino contínuo se passa em mim na treva?
Que parte de mim, que eu desconheço, é que me guia?

Ele, brusco, disruptivamente desbance “meu destino”.

O meu destino tem um sentido e tem um jeito,
A minha vida segue uma rota e uma escala,
Mas o consciente de mim é o esboço imperfeito
Daquilo que faço e que sou; não me iguala

Ele, não me respeita... me impõe “o fim” e me revela “um eu que há em mim”... “não me compreendo”.

Não me compreendo nem no que, compreendendo, faço
Não atinjo o fim ao que faço pensando num fim.
É diferente do que é o prazer ou a dor que abraço.

Passo, mas comigo não passa um eu que há em mim.

Ele, se manifesta “senhor”, por vezes impostor... que há “outra alma além da minha”... “outro rumo do que eu busco”...

Quem sou, senhor, na tua treva e no teu fumo?

Além da minha alma, que outra alma há na minha?

Porque me destes o sentimento de um rumo,

Se o rumo que busco não busco, se em mim nada caminha

Ele, impiedoso, me desilude da consciência e me revela “um destino escondido de mim”.

Senão com um uso não meu dos meus passos, senão

Com um destino escondido de mim nos meus atos?

Para que sou consciente se a consciência é uma ilusão?

Que sou eu entre quê e os fatos?

Ele... então “se eu nada sei de

mim e da vida”... que me dê paz de viver ... “uma praia esquecida”.

Fechai-me os olhos, toldai-me a vista da alma!

Ó ilusões! Se eu nada sei de mim e da vida,

Ao menos goze esse nada, sem fé, mas com calma,

Ao menos durma viver, como uma praia esquecida...

“É bem verdade que os desejos inconscientes estão sempre lá.

Eles representam as vias sempre abertas à excitação que os emprega. A indestrutibilidade

é uma característica proeminente dos processos inconscientes. No inconsciente nada

acaba, nada passa, nada é esquecido”... “Uma ofensa recebida há trinta anos uma vez que

se lhe abra uma via em direção às fontes afetivas continua a agir sempre como se fosse atual”.

Ou seja o objeto-a constituído por ela inextinguivelmente volta sempre para o mesmo lugar. E isso assustou Gil. Disruptivamente se dá conta de

uma verdade que de repente se lhe aparece como se tudo estivesse acontecendo agora.

Espanto: isso jamais lhe tinha passado pela cabeça. “As mais complicadas atividades de pensamento podem se produzir sem que a consciência tome parte” (Freud).

“a”: “este estado de excitação é um produto da lembrança, a revivescência de uma excitação visual real” (Freud).

“Nada fica fora do registro do inconsciente” (Lacan).

“*Kern unseres Wesen*”, “cerne de nosso ser”. “O inconsciente é o próprio psíquico e sua essencial realidade” (Realität) (Freud).

O objeto-a é o novo, cativante e capturante. “Se é verdade é o novo” (Lacan). Age como o encantador de serpente.

Fernando Pessoa testemunhou o impasse: “Às vezes o melhor modo de ver um objeto é anulá-lo, mas ele subsiste, não sei explicar como, feito de matéria de negação e anulamento”.

“O fantasma é a instituição de

uma verdade que de repente se lhe aparece como se tudo estivesse acontecendo agora. Espanto: isso jamais lhe tinha passado pela cabeça. “As mais complicadas atividades de pensamento podem se produzir sem que a consciência tome parte” (Freud).

“a”: “este estado de excitação é um produto da lembrança, a revivescência de uma excitação visual real” (Freud).

“Nada fica fora do registro do inconsciente” (Lacan).

“*Kern unseres Wesen*”, “cerne de nosso ser”. “O inconsciente é o próprio psíquico e sua essencial realidade” (Realität) (Freud).

O objeto-a é o novo, cativante e capturante. “Se é verdade é o novo” (Lacan). Age como o encantador de serpente.

Fernando Pessoa testemunhou o impasse: “Às vezes o melhor modo de ver um objeto é anulá-lo, mas ele subsiste, não sei explicar como, feito de matéria de negação e anulamento”.

“O fantasma é a instituição de

uma verdade que de repente se lhe aparece como se tudo estivesse acontecendo agora.

Espanto: isso jamais lhe tinha passado pela cabeça. “As mais complicadas atividades de pensamento podem se produzir sem que a consciência tome parte” (Freud).

“a”: “este estado de excitação é um produto da lembrança, a revivescência de uma excitação visual real” (Freud).

“Nada fica fora do registro do inconsciente” (Lacan).

“*Kern unseres Wesen*”, “cerne de nosso ser”. “O inconsciente é o próprio psíquico e sua essencial realidade” (Realität) (Freud).

O objeto-a é o novo, cativante e capturante. “Se é verdade é o novo” (Lacan). Age como o encantador de serpente.

Fernando Pessoa testemunhou o impasse: “Às vezes o melhor modo de ver um objeto é anulá-lo, mas ele subsiste, não sei explicar como, feito de matéria de negação e anulamento”.

“O fantasma é a instituição de



um real que encobre a verdade” (Lacan). Se o inconsciente é puro gozo, não tem ética, o sujeito tem que lidar com a verdade: não pode fugi-la, aliás seria inútil. Aqui um dilema distópico: um fogaréu, uma súbita atração, uma promessa de sonho, uma carência preenchida... e o real!! Entrão, não bate para entrar, inoportuno, constrangedor, extemporâneo em idade, tempo e espaço, se ao menos avisasse ou pedisse licença! Impostura: é desejo abrupto, sem consideração.

O objeto-a é o real do sujeito, isto é, o racional. E o racional é estritamente o real. E “de seu desejo o sujeito não pode ceder”: “tempo de concluir”: “construir” (Freud), reconstruir (Durval) “em análise”: com os tijolos arqueológicos do objeto-a e a argamassa “das cascas” (Lacan) trituradas do imaginário. Isto é o estritamente humano. O sujeito.

A psicanálise é a clínica do histórico do sujeito. Ela não faz e não formula hipóteses (“Hypotheses non fingo”).

A psicanálise é a clínica do sofrimento humano, venha donde vier, quer de um imaginário embevecente quer de um inconsciente disruptivo. Uma clínica do sujeito, da linguagem que o institui numa dialética histórica de Édipo e castração, do sujeito do “sendo”, o sujeito da enunciação.

Sinto. “Sinto que não sou ninguém”.

“Emissário de um rei” ... “instruções de além” “bruscas frases”... “anômalo sentido”... “mão súbita de um fantasma oculto”... “não enxergo gesto ou vulto”... “terror antigo insepulto”... “senhor e dono sem ordem”... “minha vida presa por corda do inconsciente”... “mão noturna que me guia”... “sou ninguém salvo uma sombra, um vulto que me assombra”... “minha vida, quem a leva”?... “faço o que não queria”... “destino em treva”... “parte que eu desconheço é que me guia”... “meu consciente não me iguala”... “não me compreendo”... “não atinjo o fim”... “mas comigo não passa um eu que há em mim”... “quem sou, senhor?”... “além da minha alma que outra alma há na minha?” ...

De fato, a psicanálise nada diz de novo daquilo que os poetas não disseram (Freud). Incrível como Fernando Pessoa intuiu tantas maneiras de descrever o objeto-a.

Ele, eles, são infindos e se acumulam ao longo da existência. Nada escapa. Tudo registram. Formam meu arquivo vivificado permanentemente pela pulsão. Uns se enquistam em núcleos patógenos, outros registram feliz memória. Todos estão ao mesmo tempo presentes e voltam sempre ao mesmo lugar.

Estão ordenados em cadeias linguísticas que, ao toque mais anódino sobretudo da véspera, irrompem inexoravelmente na cena do imaginário.

O sonho, por excelente, é “válvula de escape” (Freud) do inconsciente, dos objetos-a. Do mesmo jeito que lá se aninharam, explodem em inesperado retorno. Uns como aqui voltam em desabrochamento primaveril com todos os ipês coloridos, outros invadem de forma drástica: pesadelos, angústias (“aquilo que não falha”), em cruéis crises de obsessão ou na falha de um significante que não houve (foraclusão). Uma coisa é certo, o retorno (“repetição”) está sempre em aberto. E quase sempre desbanca o sujeito.

Ele, eles são o real. Eis a aletheia.

A psicanálise, um projeto de aletheia. É um projeto iluminista: a verdade do sujeito. “Onde id sofre id fala” “O mínimo seria se os psicanalistas percebessem que são poetas” (Lacan).

Agosto 2021
Durval Checchinato



Normas de submissão e publicação

1. Os artigos submetidos para publicação na Revista ALPL devem ser inéditos, salvo traduções consideradas pertinentes e relevantes pela comissão editorial.
2. A submissão e publicação de artigos em língua estrangeira (inglês, francês ou espanhol) serão aceitas. Caso o autor deseje a publicação em português, a tradução ficará a seu encargo.
3. Resenhas, entrevistas e ensaios e que estejam articuladas à proposta e objetivos desta revista, podem ser enviados para apreciação.
4. Os textos deverão seguir as normas técnicas da APA e as especificações aqui definidas:
 - 4.1. Resumo em português, inglês e francês (ou espanhol) composto de 200 a 250 palavras. Três palavras-chave separadas por ponto.
 - 4.2. Documento no formato Word for Windows; fonte Arial 12; Espaço 1,5 justificado em ambas as margens de 2 cm.
 - 4.3. Citações a partir de 4 linhas devem conter espaço simples, recuo à esquerda e à direita de 3 centímetros e fonte Arial 11.
 - 4.4. As notas devem estar no final do texto (Arial 10, espaço simples), antes das Referências Bibliográficas.
 - 4.5. As citações bibliográficas devem ser inseridas no corpo do texto, sempre de acordo com as normas da APA. O número de Referências Bibliográficas não pode exceder a 15.
 - 4.6. Os artigos devem ter um mínimo de 7 e um máximo de 10 páginas, incluindo os 3 resumos, figuras, gráficos, quadros, imagens, notas de fim de texto e referências bibliográficas. Entrevistas e ensaios devem ter de 3 a 10 páginas. Resenhas devem ter até 3 páginas.
5. Os textos devem ser enviados com a identificação, dados pessoais, e-mail e afiliação institucional em página separada, para o e-mail da Revista:

revistaalpl@gmail.com

6. O parecer favorável dos avaliadores não implica a publicação automática dos artigos. As publicações seguirão a ordem de recebimento e aceite para publicação, de acordo com a política editorial da Revista ALPL e com o volume de artigos submetidos e avaliados positivamente. Se o artigo aprovado não for publicado no prazo de um ano, o autor poderá informar sua desistência de publicação junto a esta revista.
7. Os autores de artigos publicados na Revista ALP, conferem à redação da Revista ALPL os direitos de indexação, em redes nacionais e internacionais.
8. Dúvidas podem ser encaminhadas para o e-mail da revista.

Revista ALPL

Associação Livre - Psicanálise em Londrina

www.associacaolivrepsicanalise.com.br

